

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A BANDA DESENHADA NA PROMOÇÃO DA
LITERACIA VISUAL NAS BIBLIOTECAS
PÚBLICAS**

ESTUDO DE CASO

Joana Ramos Mendes

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Teresa Costa,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Documentação e Informação

(2022)

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A BANDA DESENHADA NA PROMOÇÃO DA
LITERACIA VISUAL NAS BIBLIOTECAS
PÚBLICAS**

ESTUDO DE CASO

Joana Ramos Mendes

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Teresa Costa,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Documentação e Informação

(2022)

«A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.»

Freire, 1989

FICHA TÉCNICA

Modalidade de trabalho

Dissertação de Mestrado

Título

A banda desenhada na promoção da literacia visual nas bibliotecas públicas. Estudo de caso

Autora

Joana Ramos Mendes

Orientadora

Professora Doutora Maria Teresa Ferreira Costa

Ano

2022

Número de páginas

104

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
AGRADECIMENTOS	3
LISTA DE SIGLAS	4
ÍNDICE DE FIGURAS	5
ÍNDICE DE TABELAS	6
INTRODUÇÃO	7
1. ESTADO DA ARTE.....	10
1.1. A banda desenhada.....	11
1.2. A banda desenhada em Portugal	14
1.3. Literacia visual	16
2. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO E ABORDAGEM METODOLÓGICA	21
3. RESULTADOS.....	34
4. DISCUSSÃO	43
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
BIBLIOGRAFIA.....	59
APÊNDICES.....	69
A. Transcrição dos inquéritos por entrevista.....	69
B. Tabela 3 – Síntese e categorização das respostas ao inquérito por entrevista	95

RESUMO

As bibliotecas desempenham um papel importante na educação, principalmente junto dos mais jovens, nomeadamente no desenvolvimento das literacias de informação. Atualmente, o desenvolvimento da literacia visual tem um papel relevante na educação das crianças, pois estas vivem rodeadas de *media* visuais e são expostas desde muito cedo a dispositivos eletrónicos e às suas interfaces. É neste contexto que a banda desenhada surge como uma ferramenta para auxiliar o desenvolvimento da literacia visual, sendo o objetivo desta investigação averiguar a utilização da banda desenhada por parte das bibliotecas públicas no desenvolvimento da literacia visual nas crianças. Para a presente investigação foi realizada uma revisão de literatura que permitiu perceber que a pergunta de partida é pertinente e que existem poucos estudos sobre o assunto. Permitiu também perceber que de facto se registam benefícios para as crianças através da utilização da banda desenhada no seu crescimento e educação. A metodologia aplicada nesta investigação foi o estudo de caso, tendo sido utilizada como técnica de recolha de dados o inquérito por entrevista. Esta investigação trata-se de um estudo de caso comparativo, tendo sido selecionadas para o mesmo a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, na Amadora, e a respetiva Bedoteca, e a Biblioteca Municipal de Beja José Saramago e a Bedoteca de Beja. Com este trabalho foi possível averiguar que apesar de as bibliotecas públicas e bedotecas em estudo terem em conta a importância da literacia visual e algumas atividades nesse sentido, o desenvolvimento da mesma é algo acessório aos principais objetivos das atividades. Uma vez que existem as bedotecas, verificou-se que as atividades relacionadas com a banda desenhada ocorrem sobretudo nestes espaços, não existindo atividades planeadas para o desenvolvimento da literacia visual.

PALAVRAS-CHAVE

Arte sequencial; banda desenhada; bedoteca; bibliotecas públicas; literacia visual

ABSTRACT

Libraries play an important role in education, especially among young people, namely in the development of information literacy. Currently, the development of visual literacy plays an important role in the education of children, as they are displayed in visual media and are from an early age to integrated devices and interfaces. It is in this context that *comics* emerge as a tool for support the development of visual literacy, being the goal of this work investigate the use of comics by public libraries in the development of visual literacy in children. For this investigation was made a literature review that allowed to understand that the subject of this work is pertinent and that there is little information on the subject. It also made it possible to understand that there are in fact benefits for children using *comics* in their growth and education. The methodology applied in this investigation was the case study, and the interview survey was used as a data collection technique. This investigation is a comparative case study, with the Municipal Library Fernando Piteira Santos, in Amadora, and the Bedoteca of Amadora, as well as the Municipal Library of Beja José Saramago and the Bedoteca of Beja. With this study it was possible to verify that although the public libraries and bedotecas under study consider the visual literacy and some activities in this sense, the development of visual literacy is something accessory to the main objectives of their activities. As there are bedotecas, it was found that activities related to *comics* only occur in these spaces, however there are no activities planned for the development of visual literacy.

KEYWORDS

Bedoteca; comics; comic books; public libraries; sequential art; visual literacy

AGRADECIMENTOS

A lista de pessoas a quem devo agradecer é longa, mas tentarei ser o mais breve possível, sem esquecer ninguém. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, por me terem sempre deixado escolher o meu percurso e por me terem ajudado a alcançar os meus objetivos. Assim como quero agradecer à restante família que tanto apoio me deu e que tanto me incentivou a prosseguir os meus sonhos. Em seguida, gostaria de deixar um enorme agradecimento aos meus colegas e amigos do Mestrado. Os meus amigos mais próximos que me perdoem, mas se não tivesse tido bons colegas e amigos a fazer comigo o Mestrado, não sei se o teria terminado, porque ajudou muito ter com quem falar sobre o assunto, discutir temas de trabalho, pedir opiniões, entre muitas outras coisas, sendo uma delas o apoio que estas pessoas foram na minha formação. Um agradecimento igualmente grande aos meus amigos, pois apesar de estarem de fora, constituem uma parte importante da minha vida e foram, claro está, também muito importantes neste processo, pois também foi papel deles levantar-me o ânimo quando o cansaço falava mais alto. Muito obrigada a todos. E um agradecimento especial à Sofia Serra por todo o seu apoio e companheirismo, não só no que diz respeito à nossa vida académica, como também à vida pessoal.

Agradeço também ao meu namorado, o Pedro Manuel, por todo o apoio, por acreditar em mim, pela ajuda que me deu a estabelecer contactos para os meus trabalhos, e pela sua paciência e compreensão.

Devo também um grande agradecimento a todos os professores, em especial à minha orientadora, a professora Teresa Costa, a quem devo um enorme agradecimento por vários motivos. Em primeiro lugar, por ter aceitado trabalhar comigo neste trabalho, que é, até ao momento, o trabalho mais importante que realizei. Devo e quero agradecer-lhe pela boa disposição constante, mesmo nos piores dias, pelo incentivo e entusiasmo que sempre mostrou para com as minhas ideias e pela própria pessoa que é, porque fez a diferença na minha vida e no meu trabalho.

Deixo um grande agradecimento à Dra. Cândida Silva, bibliotecária na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, na Amadora, à Dra. Paula Santos, bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, e, por último, mas não menos importante, ao Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja. Agradeço a disponibilidade para participarem neste trabalho e toda a atenção dispensada no esclarecimento das minhas dúvidas.

LISTA DE SIGLAS

BAD — Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação

B-on — Biblioteca do Conhecimento Online

CMAA — Comics Magazine Association of America

CNBD — Centro Nacional de Banda Desenhada

DGLAB — Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

IFLA — International Federation of Library Association

LISTA — Library, Information Science and Technology Abstracts

ODS — Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

RBE — Rede de Bibliotecas Escolares

RCAAP — Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 <i>Flora, "Aventuras Sentimentaes E Dramáticas Do Senhor Simplício Baptista", Revista Popular N.º18, De 1 De Agosto De 1850</i>	14
--	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 <i>Estratégia e resultados de pesquisa</i>	25
Tabela 2 <i>Matriz do inquérito por entrevista</i>	29
Tabela 3 <i>Síntese e categorização das respostas ao inquérito por entrevista</i>	95

INTRODUÇÃO

A banda desenhada apresenta um formato e uma estrutura acessíveis à interpretação das crianças. Ler banda desenhada implica que o leitor estabeleça uma relação entre o que está escrito e o que está ilustrado, e isto orienta o leitor na interpretação correta do texto.

Comic images enhance and extend the text communication. They attract the attention of the reader and create understanding of unknown facts in the text's language. It is clear that visual literacy skills assist literacy development, maintenance and comprehension of text. (McVicker, 2007, p. 85)

A acessibilidade da banda desenhada não só permite melhorar as competências de literacia visual, como também ajuda no desenvolvimento da leitura. Isto deve-se à relação indissociável entre o texto e a imagem, que neste caso é representada através de ilustrações. Yannicopoulou reforça esta ideia: «the format provides the reader-viewer with information on what is written, the form of text reveals its meaning, and the visual language clarifies the message being delivered» (2004, p. 170). Para se compreender o texto na sua plenitude é necessário interpretá-lo em conjunto com a ilustração. Frey e Fisher defendem que as pistas visuais, as ilustrações da banda desenhada, proporcionam ao leitor experiências positivas de leitura e encorajam-no a ler mais (2008). Tendo esta ideia em conta, pode dizer-se que a banda desenhada revela-se também útil para crianças que têm dificuldades na leitura, como defende McVicker:

(...) children who struggle with reading often report that they do not read for pleasure. This can be attributed to the difficulty they experience when they approach the task of reading. Using comics, which are humorous, visual, and limited in text, can alleviate the negative view of reading for some children (...). (McVicker, 2008, p. 2, apud McVicker, 2005)

A banda desenhada é também importante na medida em que ajuda as crianças a compreenderem o mundo que as rodeia. Através da banda desenhada as crianças aprendem a retirar significado das imagens o que se revela importante quando são confrontadas com situações nas quais têm de interpretar símbolos ou ícones. Estas situações podem ser tão simples como identificar e perceber o ícone que corresponde a uma saída de emergência ou até mesmo sinais de trânsito de peões. Giorgis et al. dão força a este pensamento: «Children encounter visual images in their daily lives and must

constantly use and interpret these images as well as analyze and thinks critically about the significance of what they are seeing» (1999, p. 146). Essa capacidade de interpretação remete para o conceito de literacia visual e para a importância do seu desenvolvimento. Parte da compreensão do Mundo passa pela interação entre as crianças e os dispositivos eletrónicos e as suas interfaces. Conforme afirma Tiemensma (2009), as crianças vivem rodeadas por media visuais: televisões, consolas, jogos e a Internet. Tendo isto em conta, a banda desenhada revela-se importante nestes contextos, pois os mesmos remetem também para uma associação entre texto e imagem, sendo que nestes casos a imagem poderá ser apenas um ícone. Partindo do exemplo dos jogos de consola, no início de cada jogo são apresentadas indicações escritas relativamente ao que cada botão do comando da consola faz, sendo normalmente acompanhadas de uma imagem que demonstra o mesmo. No caso dos dispositivos eletrónicos, as crianças não têm este tipo de ajuda, daí ser necessário que alguém lhes explique como utilizar os recursos que estes disponibilizam. É neste contexto que surge a necessidade do desenvolvimento das capacidades visuais das crianças, na medida em que consigam interagir de forma cuidadosa com os dispositivos e as suas funcionalidades, nomeadamente no acesso à Internet.

Existe uma preocupação em utilizar imagens familiares no design das interfaces dos sistemas operativos dos dispositivos. Tal como Senos (2014) defende, «a reflexão acerca da dimensão visual, enquanto entendimento, descodificação ou produção de imagens, torna-se imprescindível na formação cultural dos indivíduos, especialmente nos dias de hoje» (p. 15). São utilizados ícones para representar as funcionalidades dos dispositivos de forma acessível ao utilizador, conforme defendem McDougall et al. (2009). Araújo apoia também esta ideia explicando a utilização de ícones: «O ícone é o signo que estabelece uma associação mais imediata entre o sinal visual e o significado, pelo que para exibir informação nas interfaces de dispositivos móveis é aos ícones que se recorre enquanto signos visuais» (2014, p.25). Contudo, Araújo também refere que estes ícones não pretendem substituir o texto escrito, por isso devem estar ambos presentes de modo a complementarem-se de forma mútua. Gatsou et al. defendem ainda a importância da utilização do ícone nos dispositivos: «The most important role of an icon is to convey, without the use of text, the meaning of the function it represents, thereby making icons more efficient than text in the operation of mobile phones and in function implementation» (2012, p. 96). Tendo isto em conta, e tendo por base os vários autores anteriormente mencionados, a banda desenhada revela-se como um instrumento extremamente útil.

Deste modo, a presente investigação procura estudar a utilização da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual nas bibliotecas públicas, através de um estudo de caso comparativo entre a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, na Amadora, e a Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, visto que pertencem a dois municípios reconhecidos pela dinamização e promoção de banda desenhada, nomeadamente os respetivos festivais internacionais de banda desenhada.

1. ESTADO DA ARTE

Num mundo onde a *imagem* está na ordem do dia, é imperativo que as crianças aprendam a interpretá-la, pois a mesma representa, atualmente, a principal forma de comunicar, visto que está presente em todas as áreas da nossa vida, seja em casa, no trabalho, ou mesmo nos nossos bolsos como é o caso dos telemóveis que apresentam ícones que identificam as suas funcionalidades. McCloud define o ícone como uma imagem que representa um objeto, uma pessoa, um lugar ou uma ideia (McCloud, 1994, p. 27), tornando assim importante uma correta interpretação do mesmo, para que compreendamos as coisas mais básicas do dia-a-dia. Para que tal seja possível, é necessário que sejam desenvolvidas as competências de literacia visual.

Assim, sendo o sentido da visão, para a maioria das pessoas, algo que é natural, inato, importa então ter a capacidade de compreender e interpretar aquilo que nos rodeia. (...) Contudo, a capacidade de receber e compreender mensagens visuais é algo que só consegue ser plenamente eficaz através do seu estudo, devido à sua complexidade. (Agostinho, 2017, p. 13)

Tendo isto em conta, procedeu-se à realização do Estado da Arte, de modo a perceber o conhecimento científico que existia neste âmbito. Apesar de se verificar que a utilização da banda desenhada já é utilizada no âmbito educativo, recuperou-se pouca literatura que abordasse a importância da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual, nomeadamente ao nível das bibliotecas públicas que são também objeto de estudo deste trabalho. De facto, na pesquisa com recurso à conjugação dos três conceitos-chave do presente trabalho: banda desenhada, bibliotecas públicas e literacia visual, e apesar de terem sido obtidos resultados, os mesmos não correspondiam ao que se pretendia. Deste modo, foi necessário dividir a pesquisa por partes, de modo a ser possível saber um pouco mais de cada um dos conceitos, e poder, assim, estabelecer ligações entre os mesmos.

Neste trabalho será utilizado o termo *banda desenhada* como forma de designar esta arte, visto que é a expressão portuguesa que lhe foi atribuída, o que não invalida a utilização de expressões estrangeiras caso seja relevante. É importante referir que não muda só a designação consoante o país, as técnicas utilizadas também mudam por vezes, como por exemplo no Japão, em que se utiliza a denominação mangá, e no qual é utilizado

um traço mais fino nas ilustrações. Contudo, independentemente da sua origem, técnicas utilizadas e designações, os seus princípios são os mesmos.

Serão também abrangidas por este termo as revistas de banda desenhada, incluindo os fanzines de banda desenhada. Os fanzines surgiram no século XX, nos Estados Unidos, e são publicações ilustradas feitas por fãs, podendo abordar diversos temas.

1.1. A banda desenhada

As definições existentes para banda desenhada variam um pouco em alguns aspetos, no entanto, em todas elas está presente a base da sua essência, introduzida por Eisner em 1989 o conceito de: *arte sequencial*. Eisner define este termo, afirmando que:

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial (1989, p. 8)

A arte sequencial está, assim, presente na banda desenhada («quadrinhos» é a denominação brasileira), criando uma linguagem própria, através da conjugação de dois modos de comunicação: texto e imagem. Na sua obra *Understanding Comics: The Invisible Art*, McCloud, procurando definir o que é *banda desenhada*, parte do que Eisner define como arte sequencial até chegar à seguinte definição: «Juxtaposed pictorial and other images in deliberate sequence, intended to convey information and or to produce an aesthetic response in the viewer» (McCloud, 1994, p. 20). Seguindo a mesma lógica de McCloud, Barreto define banda desenhada de forma semelhante, acrescentando que esta é «um meio de expressão (artístico, informativo ou científico) narrativo através de imagens sequenciais» (Barreto, 2004, p. 1). Numa definição mais recente, mas que também vai buscar algo a Eisner, Santos (2019) acrescenta que a banda desenhada possui uma «lógica semiótica própria», isto é, através da utilização de «diferentes recursos semióticos (...) conferem potenciais únicos de representação, distintos inclusive de livros ilustrados» (p. 22). Apesar de cada uma das definições anteriores acrescentar algo à definição de banda desenhada, é possível observar que todas mencionam como principal

característica da banda desenhada a narrativa através de imagens sequenciais, que criam uma lógica semiótica própria, uma linguagem própria de certa forma.

Apesar de a banda desenhada existir há mais de um século, as histórias contadas através de *imagens pictóricas sequenciais* existem «desde o início da história do Homem, quando os nossos ancestrais, por meio de desenhos canhestros, contavam graficamente, nas paredes das cavernas em que habitavam, as peripécias de suas caçadas ou refletiam sobre o seu cotidiano» (Vergueiro, 2005, p. 1).

Inicialmente apenas presente em jornais, as tiras de banda desenhada depressa ganharam popularidade nos Estados Unidos (Tilley & Bahnmaier, 2018):

Throughout the 1940s and into the 1950s, more than 95% of all young people, children and teens, read comic. (...) And it wasn't that you just read an occasional issue. A lot of kids were reading an equal amount of comics strips in daily newspapers. This was a lot of reading, and it wasn't just kids: more than 60% of adults read comic books, too.

Contudo, a banda desenhada foi desde logo renegada por muitos. De acordo com Tilley & Bahnmaier (2018), chegaram a sair na imprensa artigos que encorajavam os bibliotecários a encontrarem formas, junto de legisladores nacionais e de Estado, para impedir a venda de banda desenhada aos mais jovens, ou ainda, outros que consideravam a banda desenhada como sendo uma doença («childhood disease»), que teria como consequências o desinteresse e a incapacidade para outro tipo de leitura, ou também psiquiatras que apoiavam e incentivavam estas ideias, como Fredric Wertham: «he synthesized his ideas that comics were vicious, that comics created readers who were maladjusted in his 1954 books, *Seduction of the Innocent*» (p. 57). Perante tal cenário, o preconceito para com a banda desenhada tornou-se geral, desde bibliotecários aos próprios pais de jovens que receavam pelo bem dos seus filhos. De acordo com Steele (2005), «Critics argued that these comic books glorified violence, cultivated anti-authoritarian sentiment, and corrupted the minds of its most avid readership, children» (p. 4). Tendo em conta toda esta conjuntura, a banda desenhada era, em meados da década de 50, praticamente inexistente nas coleções das bibliotecas.

Com base nesta situação, que denegria a banda desenhada, a Comics Magazine Association of America (CMAA) considerou ser necessária a criação do documento *Comics Code Authority*, em vigor entre 1954 e 2011 (Tilley & Bahnmaier, 2018, p. 57), que teve como base o trabalho desenvolvido por Wertham (Schneider, p. 70, 2014). O documento sofreu algumas alterações em 1971 e 1989: «The original code went far

beyond addressing the graphic violence and sexual content of some comics to ensure that the moral messages of comics would strive to cultivate respect for authority and obedience to parents' wishes» (*Graphic Novels and Comics in Libraries and Archives: Essays on Readers, Research, History and Cataloging*, 2010, p. 28). Este documento definia orientações muito rígidas, estipulando que tudo o que estivesse ligado ao mundo do crime não deveria possuir muitos detalhes, nem ser encorajado, mas sim repudiado (Comics Magazine Association of America, 1954, p. 166). Em suma, este código censurava tudo o que era mal visto pela sociedade, incluindo temas como o divórcio que, de acordo com o Código, não deveria ser representado como algo desejável (Comics Magazine Association of America, 1954, p. 168).

Atualmente, apesar de a banda desenhada ter cada vez mais leitores, nomeadamente a partir do início dos anos 2000, através da divulgação de mangá (banda desenhada japonesa) e das novelas gráficas que ganharam maior destaque por esta altura (MacDonald, 2013, p. 20), alguns autores, como Steele (2005), afirmam que estas continuam a ser de alguma forma desvalorizadas:

To be fair, all new media – the novel, film, television – have been met with skepticism and contempt by educators, academics and cultural watchdogs. However, each of these forms has succeeded in shedding the mantle of triviality. Comics, on the other hand, continue to be downgraded to children's literature, isolated in the scholarly community as a subgenre of cultural studies, or ignored altogether. (p. 1)

Atualmente, ainda existe um certo menosprezo pela banda desenhada, no entanto, os seus potenciais já começam a ser reconhecidos e utilizados no Ensino de Português língua materna (Sá, 2016) e não materna (Gomes, 2010), de Inglês (Silva, 2018), de História e Geografia (Gonçalves, 2013; Brázia, 2014), de Química (Estevão & Costa, 2016), no desenvolvimento de competências de leitura e escrita dos alunos (Sá, 2016; Sousa, 2016) e até mesmo no desenvolvimento da literacia visual (ainda no âmbito do Ensino e das bibliotecas escolares).

1.2. A banda desenhada em Portugal

De acordo com Deus (1997), os «progenitores» da banda desenhada, em Portugal, encontravam-se nas revistas, presentes «nas ilustrações romanescas, nos *cartoons* satíricos, nos passatempos figurados florescentes nas revistas de meados do século XIX» (Deus, 1997, p. 17). E é, segundo o mesmo autor, numa destas revistas, mais precisamente na *Revista Popular*, que, em 1850, é publicada a primeira banda desenhada com o título “As aventuras Sentimentaes e Dramáticas do Senhor Simplício Baptista”, com a assinatura de Flora (Deus, 1997, p. 30).

FIGURA 1 Flora, "Aventuras Sentimentaes E Dramáticas Do Senhor Simplício Baptista", *Revista Popular* N.º18, De 1 De Agosto De 1850



Nota. Em *Os Comics em Portugal* (p. 31), de Deus, 1997, Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa

Nos últimos anos, tem-se assistido a uma promoção da banda desenhada e da sua leitura junto dos mais jovens. Esta consciencialização de algumas das potencialidades da banda desenhada já ocorre há alguns anos, tendo sido assinado um documento em 2016, que estabelece uma parceria entre a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) com o JAKENPON (jornal de banda desenhada de autores portugueses), que passa pela

adaptação de obras literárias para o formato de banda desenhada. A presente parceria tem o intuito de estimular não só a leitura de banda desenhada como também a leitura literária, assim como desenvolver, entre outros aspetos, a educação e a literacia visual. Segundo foi possível averiguar no *site* da RBE, a parceria manteve-se durante os últimos quatro anos e destina-se apenas a alunos dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

De referir igualmente que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidas ações de sensibilização de modo a fortalecer a aquisição de banda desenhada nas bibliotecas escolares e nas bibliotecas públicas.

Uma destas ações é uma comunicação, publicada no *site* da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação (BAD), realizada por três profissionais de bibliotecas que partilham o gosto pela banda desenhada, com o título: *Objectivo leitura! A banda desenhada à conquista das modernas bibliotecas lusitanas* (2010). Este documento tem como objetivos motivar a leitura de banda desenhada, propor novas ações para a dinamização da sua leitura, e trazer mais pessoas às bibliotecas. No mesmo, podemos encontrar figuras que mostram um aumento do interesse público por banda desenhada, nomeadamente mangá. Este interesse, segundo os dados apresentados nesta comunicação, não só se verificou ao nível dos mais jovens, como também de outras faixas etárias. Ao aperceberem-se da grande procura que esta forma de arte estava a originar, o Município de Lisboa investiu na aquisição de banda desenhada (nomeadamente de super-heróis e mangá). Conforme indicado nas figuras contidas no documento, tal fez com que se observasse um crescimento notório de empréstimos nas Bibliotecas Municipais de Lisboa entre 2007 e 2009, por diversas faixas etárias (p. 4).

Apesar do investimento em banda desenhada ter sido um passo importante e que foi ao encontro das necessidades dos utilizadores, o foco principal desta aquisição é, conforme o título indica, a *leitura*.

No entanto, o mesmo documento revela que existia pouca produção de banda desenhada que permitisse cumprir na totalidade os objetivos (Matos *et al.*, 2010).

De modo a colmatar estas necessidades, existem alguns apoios como a Linha de Apoio à Ilustração e BD, um concurso anual da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), que incentiva financeiramente os editores estrangeiros que apostem tanto na edição ilustrada de livros infantis, como de banda desenhada de autores portugueses.

Posto isto, e tendo em conta outros documentos consultados no *site* da BAD, é possível averiguar que existe uma preocupação constante com a promoção da leitura, não só relativamente aos mais jovens, como também em relação aos adultos. É também de destacar a preocupação relativamente à literacia da informação. Contudo, a problemática da educação visual é apenas abordada levemente, e como um dos motivos da parceria da RBE com a JAKENPON, sendo que o motivo que tem maior destaque é o de cativar os alunos para a leitura.

1.3. Literacia visual

Uma das grandes preocupações da International Federation of Library Associations (IFLA) é preparar os cidadãos com as competências informacionais necessárias para que estes possam aprender ao longo da vida (IFLA, s.d.). Deste modo, e perante uma sociedade em que impera a informação, é importante que sejam desenvolvidas as literacias necessárias para que os cidadãos possam contribuir para a sociedade, assim como para saberem interagir no mundo, que se encontra em constante transformação. Reis afirma que o conceito de literacia sofreu alterações com o passar do tempo, conforme foram ocorrendo também alterações nas condições sociais e culturais de cada época (Reis, 2015, p. 12), e prossegue afirmando que «os novos *estudos de literacia* vieram propor uma expansão que vai além do foco na proficiência linguística para destacar as múltiplas formas e finalidades de comunicação, destacando assim o significado da natureza multimodal da comunicação no atual ambiente digital» (p. 12). Entre estas formas de comunicação ou *modos* de comunicação está a *imagem*.

Atualmente, vivemos na «era da imagem» (Magalhães, 2005, p. 14), pois a imagem surge na nossa sociedade «como uma forma de comunicação, estrutura-se no seio de novos processos de comunicação que, inelutavelmente, informam, dão a conhecer, permitem apreender e transformar a forma como o sujeito percepçiona e traduz o mundo» (p. 14). Deste modo, tendo em conta a presença assídua das tecnologias junto dos mais jovens, é importante que se desenvolvam as capacidades de literacia necessárias para que as crianças possam compreender melhor este recente «contexto comunicacional do mundo contemporâneo, fortemente proliferado pela imagem» (Brito, 2014, p. iii), de modo que lhes seja possível fazer uma melhor interpretação e compreensão do que visualizam, nomeadamente na utilização dos dispositivos tecnológicos, de forma segura.

Reis (2015) reforça esta necessidade de uma abordagem multimodal da literacia para que os mais jovens possam ter a oportunidade de não só interagir com os meios eletrónicos, como também de aprender a explorar as diversas possibilidades de comunicação que estes permitem.

Assim, tendo em conta a presença da imagem no quotidiano, o desenvolvimento da literacia visual revela-se importante, pois desenvolve a capacidade de se retirar significado a partir de uma imagem, permitindo às crianças um melhor desempenho num contexto multimodal, a que as crianças são expostas com frequência.

A importância de se pensar uma educação pela literacia multimodal assenta nas relações estabelecidas pela contemporaneidade. Uma vez imersos em sociedades e culturas onde a emissão e recepção de textos com diferentes modos articulados parece se multiplicar, um letramento não apenas textual ou visual, mas multimodal, visa a inclusão social dos indivíduos de maneira crítica, preparados para os incontáveis eventos semióticos aos quais serão expostos no decorrer de suas vidas. (Santos, 2019, p. 12)

Mas o que é uma *imagem*? Este é um conceito que engloba diferentes significados, contudo, de uma forma geral, «diz respeito a toda e qualquer visualização percebida ou gerada pelo Homem, seja na forma de uma construção bidimensional, tridimensional ou em pensamento» (Magalhães, 2005, p. 17). Esta definição engloba, de certa forma, o real e a representação do mesmo, isto é, a percepção que o Homem tem do que visualiza, que, sendo algo próprio de cada um, depende do ponto de vista de quem visualiza (experiências passadas, contexto, entre outros).

Para além de tentar compreender o real, o Homem também tem procurado representá-lo, e desde sempre que o tem feito, conforme se percebe, por exemplo, pelas pinturas rupestres, egípcias, entre outras; procurou-se interpretar estas representações, num tempo posterior à sua realização, através da compreensão do contexto que as originou, assim como do autor das mesmas, quando possível, pois são também formas de comunicação, conforme defende Magalhães (2005, p. 18): «A criação de imagens, desde a Pré-história até aos nossos dias, revela a necessidade do Homem em se exprimir e comunicar».

Tendo em conta esta necessidade que o Homem tem de compreender o que visualiza, assim como de o representar através de “imagens”, é natural que, desde muito pequenas, as crianças sejam expostas a estímulos visuais, visto que a imagem é um meio de comunicação muito utilizado. Esta exposição tem como intuito o desenvolvimento das suas capacidades na compreensão do real, do mundo que as rodeia, assim como procura

desenvolver a sua capacidade de interpretação do mesmo, que pressupõe uma componente mais pessoal. A compreensão prende-se com a capacidade de as crianças compreenderem o que se passa à sua volta, enquanto a interpretação já está relacionada com o que elas mesmas depreendem do que veem, isto é, o que elas induzem daquilo que percebem, influenciada pelas suas experiências de vida.

Pode dizer-se que a literacia visual é a habilidade ou capacidade de compreender não só o que é possível observar através da visão, mas também o seu contexto através dos elementos que constituem essa imagem visual, conforme defende McVicker (2018): «Visual literacy enables the reader to discriminate and interpret the visible actions, objects, symbols, natural or man-made, encountered in real and virtual environments» (p. 1). Dentro dos referidos elementos constituintes das imagens encontra-se por exemplo a cor, que também pode ter um papel importante na contextualização das mesmas:

Traditionally, we think of color as the decorative element for our bulletin boards: orange for Halloween, Thanksgiving, and autumn; pastels for Easter and spring; and so on. But color is much more than decoration. We are biologically programmed to respond to the colors we see:

Red [-] Danger, excitement[:] Blue [-] Calm, security (...). (Frey, Fisher, 2008, p. 15)

Prior *et al.* (2012) concordam com esta ideia, acrescentando que a interpretação das cores utilizadas para caracterizar o ambiente depende também de uma familiarização com a associação cultural que é atribuída às mesmas. De acordo com este pensamento, e tendo em conta, por exemplo, a cor vermelho: «they are likely to perceive anger, danger, or love depending on the context of the color's use in the illustration» (Prior et al., 2012, p. 196). Esta associação cultural identifica-se com o que alguns autores defendem ser a *semiótica social*:

In traditional semiotic theory signs are thought to be arbitrary conjunctions of form and meaning, arbitrary fusions of signifiers and signifieds. Within traditional semiotic theory arbitrariness is viewed as sustained by convention (that is, social power in another guise). In contrast, social semiotics views the agency of socially situated humans as central to sign-making. Rather, signs are viewed as constantly newly made, in a process in which the signified (what is to be meant) is realised through the most apt signifier (that which is available to give realisation to that which is to be meant) in a specific social context. Representation is always partial, and what is represented is that which is central to the sign-maker at that particular moment. (Jewitt e Kress, 2003, pp. 10-11)

Entre outros autores, McVicker (2007) faz notar a importância do desenvolvimento de habilidades em literacia visual perante a facilidade que as crianças têm, hoje, no acesso à Internet e à informação.

Due to the ease and access of information gathering on the internet, children must have visual literacy skills to comprehend. The World Wide Web is the library of the future, and we must prepare students to understand it, just as we taught them to read books for information in the past. (McVicker, 2007, p. 85)

Seguindo esta ideia de McVicker, o desenvolvimento destas capacidades melhorará o desempenho das crianças de uma forma geral, no que diz respeito à sua interação com o meio digital, e no acesso à Internet, visto que as prepara para interagir com as imagens no âmbito digital, de modo a ser-lhes possível retirar significado e informação das mesmas. De modo a que estas capacidades sejam desenvolvidas, Reis (2015) considera que se deve pensar na literacia como podendo ser adquirida através de imagens e que devem ser «introduzidas novas dimensões aos modos de ver que se concentrem na construção social da visão, na relação entre ver e dizer, na carência de imagens naturais e na necessidade de interpretação, e no envolvimento do observador naquilo que vê» (p. 12).

No entanto, há autores que consideram as capacidades de literacia visual como sendo inatas como é o caso de Cassidy e Knowlton que questionaram a necessidade de desenvolver estas capacidades, uma vez que segundo os mesmos são capacidades inatas ao ser humano, comparando o ensino das mesmas a ensinar uma pessoa a ser inteligente.

There is little in the relevant cross-cultural or developmental literature to substantiate the contention that people need to be taught how to interpret pictures. Indeed, these competencies appear to be acquired naturally as language is naturally acquired. The ability to interpret pictures is more analogous to learning to speak than it is to learning to read. (Cassidy, Knowlton, 1983, p. 88)

Contudo, é necessário ter em conta que as crianças não têm todas as mesmas capacidades de aprendizagem. Partindo do princípio de que, de facto, estas habilidades se desenvolvem naturalmente no decorrer do crescimento das crianças e, conseqüentemente, da sua exposição ao mundo e aos seus estímulos, é necessário ter em conta que há sempre crianças que apresentam dificuldades. Para tal, a banda desenhada revela-se uma boa

ferramenta, devido às suas características, para colmatar as necessidades de desenvolvimento destas capacidades.

2. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Como já mencionado anteriormente, perante a sociedade tecnológica atual, o desenvolvimento da literacia visual revela-se cada vez mais importante. De modo a colmatar as necessidades visuais necessárias para a utilização dos meios tecnológicos atuais, a banda desenhada surge como uma ferramenta com potencial para o desenvolvimento destas capacidades visuais, visto que na sua estrutura também é possível observar a conjugação entre imagem e texto, que permite que as crianças aprendam não só a retirar informação das ilustrações que visualizam, do seu contexto, mas também a compreenderem e interpretarem corretamente a associação, e relação, entre o texto e a imagem.

A presente investigação tem como objetivo principal analisar a utilização da banda desenhada como um meio de desenvolver a literacia visual junto dos mais novos, procurando responder à pergunta de partida: de que modo a banda desenhada contribui para o desenvolvimento da literacia visual nas bibliotecas públicas? Para tal, foram definidos os principais conceitos desta investigação (literacia visual, banda desenhada e bibliotecas públicas), intercalando-os com outros conceitos considerados relevantes para uma exploração mais aprofundada dos anteriormente abordados (multiliteracia, literacia multimodal).

Tendo em conta este objetivo geral, foram delineados como objetivos específicos:

1. esclarecer o que se entende por literacia visual e perceber qual a importância da mesma, de modo a validar a pertinência do presente trabalho;
2. compreender o potencial da banda desenhada para o desenvolvimento da literacia visual.
3. Percecionar como é trabalhada a questão da literacia visual e da banda desenhada nas bibliotecas públicas.

Este trabalho foi realizado tendo em conta o paradigma pragmático. De acordo com Creswell (2014), esta é uma abordagem na qual se procura investigar as ações que decorrem de situações e as respetivas consequências. Ou seja, nesta abordagem importa o contexto no qual uma situação ocorre, assim como as consequências vindas daí. Scott (2016) vai mais longe: «Included in pragmatism's approach is a willingness to change and a readiness to respond to particular circumstances in which human beings are

inevitably placed» (p. 555). Segundo Yin, para a escolha da estratégia de investigação é necessário ter como base a pergunta de partida:

In general, “what” questions may either be exploratory (in which case any of the strategies could be used) or about prevalence (in which surveys or the analysis of archival records would be favored). “How” and “why” questions are likely to favor the use of case studies, experiments, or histories. (Yin, 2003, p. 7)

Assim, podemos identificar a pergunta de partida da presente investigação como pertencendo ao segundo tipo de questões, que Yin identifica como sendo favoráveis à utilização do método de estudo de caso. Zainal (2007), assim como Yin (2003), define o estudo de caso como sendo responsável pela investigação de fenómenos contemporâneos da vida real através da análise contextual de um número limitado de eventos ou condições, assim como as respetivas relações (p. 2).

Tendo em conta estes aspetos e com base nos objetivos acima referidos, o método seguido para dar início a este estudo foi o estudo de caso de natureza descritiva e exploratória, pois descreve tanto o fenómeno em si como o contexto no qual está inserido e tem como objetivo obter resultados em situações que sejam mais complexas. Contudo, estão associados a este método algumas preocupações tais como: o pouco rigor; a apresentação de poucas bases para uma generalização científica; uma vantagem comparativa pouco clara; a sua longa duração resulta em trabalhos extensos (Yin, 2015, pp. 20-22). No caso do rigor, Yin considera que é algo pertencente ao passado e aposta no seguimento de procedimentos sistemáticos para que não se coloque em dúvida o rigor do estudo: «A pesquisa do estudo de caso é extremamente difícil, mesmo que os estudos de caso, tenham sido considerados, tradicionalmente, uma pesquisa “leve”, possivelmente porque os Investigadores não tenham seguido procedimentos sistemáticos» (Yin, 2015, p. 24). No que diz respeito à vantagem comparativa e à generalização científica, o método de estudo de caso tem na sua essência o estudo do contexto no qual o caso está inserido, logo não é possível fazer uma comparação se o contexto não for o mesmo, da mesma forma que não é possível generalizar, pois não existem bases para tal. Pickard (2013) afirma que os estudos de caso não são feitos para produzir generalizações, mas permitem a transferência de resultados com base na aplicabilidade contextual (p. 109). Como vantagens, o método de estudo de caso é bastante completo, daí ser um trabalho extenso, e permite estabelecer comparações recorrendo ao estudo de casos múltiplos, isto é, o estudo de mais do que um caso cujo contexto no qual se insere ou as suas características

são idênticas, que será o caso deste trabalho. Para isto é necessário que se utilizem critérios para aplicar nos candidatos a estudo de caso, de modo a ser possível identificar as suas semelhanças e proceder-se a um estudo que seja justo e coerente. Este tópico será desenvolvido no procedimento investigativo, mais adiante.

Relativamente à técnica de recolha de dados, foi escolhido o inquérito por entrevista. Tendo em conta a dificuldade em encontrar documentação científica, entre outras, acerca do tema do presente trabalho, esta técnica revela-se útil na recolha de evidências que estejam diretamente relacionadas com o presente trabalho. Contudo, conforme Cohen *et al.* (2018) defendem, não se pode ver o inquérito por entrevista apenas como um meio, ou neste caso uma técnica, para recolher dados, mas também como um encontro social e interpessoal (p. 507). Esta é uma técnica através da qual não se obtêm dados exatos pois, apesar dos entrevistados pertencerem a contextos muito semelhantes, a mesma tem uma parte muito importante e rica da individualidade de cada um e da sua experiência e opinião, e é também isso que se procura com este trabalho pois, como já foi anteriormente referido, a procura por documentação científica no âmbito do tema do presente trabalho não deu em muitos resultados, daí que seja ainda mais importante perceber a visão dos entrevistados neste âmbito. Citando Pickard (2013): «The interview situation is not particularly conducive to the reproduction of complicated and exact data; you talk to people to discover what they think, feel and remember about events» (p. 196). Tendo em conta este aspeto, optou-se por um inquérito por entrevista semidirigida, de modo a ser possível, através de uma conversa informal, obter a informação necessária para este estudo e ainda dar oportunidade para que se manifeste a individualidade de cada um dos entrevistados, pois têm oportunidade para expressar os seus pensamentos sobre o tema em questão. E é neste sentido que o entrevistador deve atuar pois, de acordo com Savoie-Zajc (2009), a entrevista semidirigida permite descobrir e compreender o universo do entrevistado e construir, conjuntamente com o entrevistador, um entendimento *rico* do fenómeno a ser estudado.

Para o tratamento da informação das entrevistas procedeu-se ao método de análise de conteúdo. Bardin define este método como «um conjunto de técnicas de análise das comunicações» que procura obter, através de procedimentos sistemáticos, indicadores que possibilitem a inferência de conhecimento do conteúdo das mesmas (2015, p. 48). Essencialmente, estas técnicas visam que se retire do conteúdo da mensagem, dados que sejam relevantes para a investigação em curso, através da inferência. Segundo Sabourin (2009), através do método da análise de conteúdo produz-se uma linguagem da

linguagem: «Faire une analyse de contenu, c'est produire du langage (le discours savant d'interprétation des documents) a partir du langage (les documents analysés résultant d'une interprétation du monde)» (p. 416). Deste modo, é através deste conjunto de técnicas que se pode analisar e interpretar objetivamente os resultados do inquérito por entrevista e proceder às conclusões que o mesmo permitiu.

Este método permite a realização de uma análise categorial, que divide a informação contida nas entrevistas em categorias de análise. Após a definição destas categorias, procede-se à análise da entrevista (Ghiglione & Matalon, 2005). Tal permite que se realize uma «classificação dos elementos de significado constitutivos da mensagem» (Bardin, 2015, p. 42), e a inferência de conhecimentos. Tendo em conta que as entrevistas realizadas são semiestruturadas e a obtenção de dados tanto qualitativos como quantitativos, é importante que seja elaborada uma classificação da informação, para que seja possível realizar não só inferências adequadas de conhecimentos, mas também uma correta interpretação do conteúdo das entrevistas. Contudo, este método apresenta algumas desvantagens, tais como a possibilidade de se perder o que cada entrevista tem de único no meio da informação. De acordo com Bardin (2015), para que não se perca, no meio do tratamento da informação, a *unicidade* de cada um dos entrevistados, é necessário que se proceda a uma decifração estrutural, na qual é analisada cada entrevista individualmente, com o intuito de encontrar a «dinâmica pessoal» de cada entrevistado no respetivo discurso (pp. 95-96). Deste modo é possível não só realizar a análise do conteúdo das entrevistas, como manter a individualidade de cada uma das mesmas, o que enriquece o trabalho.

Passando ao procedimento investigativo, o mesmo teve início com uma revisão de literatura, de modo a proceder-se à teorização do projeto de estudo de caso, para a qual se efetuou uma pesquisa extensa realizada em duas fases: a primeira fase decorreu entre os meses de outubro de 2020 e janeiro de 2021; e a segunda fase decorreu entre maio e setembro de 2021. Para esta pesquisa foram utilizados os termos *banda desenhada*, *bibliotecas públicas* e *literacia visual*, tanto em português como em inglês, visto serem os conceitos chave do presente trabalho, com a utilização do operador *booleano* “AND”. Foram utilizadas como fontes de informação a Scopus, Web of Science, Academic Search Complete da EBSCO, RCAAP, LISTA e a B-on. Contudo, os resultados obtidos não foram os esperados. O número de resultados obtidos varia consoante a base de dados a ser utilizada, contudo, mesmo quando o número de resultados era elevado, não

correspondiam por completo àquilo que se pretendia. De modo a demonstrar isso mesmo, apresenta-se a Tabela 1 com os resultados da pesquisa.

TABELA 1 *Estratégia e resultados de pesquisa*

Data	Recurso/Base de dados	Termos	Resultados
Outubro, 2020	Scopus	“comic books” AND “public libraries” AND “visual literacy”	0
Outubro, 2020	Scopus	“comic books” AND “visual literacy” AND public librar*	0
Outubro, 2020	Scopus	comics AND visual literacy AND public libraries	2
Outubro, 2020	Web of Science	“comic books” AND “visual literacy” AND public librar*	0
Outubro, 2020	Web of Science	comics AND “visual literacy” AND “public librar*”	0
Outubro, 2020	Web of Science	“comic books” AND “public libraries” AND “visual literacy”	0
Novembro, 2020	RCAAP	“comic books” AND “visual literacy” AND public librar*	2
Novembro, 2020	RCAAP	“comic books” AND “visual literacy” AND public librar*	2
Novembro, 2020	B-on	“comic books” AND “public libraries” AND “visual literacy”	404
Novembro,	B-on	“comic books” AND “public	679

2020		librar*" AND "visual literacy"	
Novembro, 2020	B-on	"comic books" AND "public libraries" AND visual literacy	2458
Novembro, 2020	B-on	comics AND "public libraries" AND visual literacy	7838
Novembro, 2020	B-on	comics AND public librar* AND visual literacy	61948
Dezembro, 2020	LISTA	"comic books" AND "public libraries" AND "visual literacy"	19
Dezembro, 2020	LISTA	"comics" AND "visual literacy" AND "public librar*"	17
Maio, 2021	Web of Science	Multiliteracy	125
Maio, 2021	Web of Science	"multimodal literacy"	182
Maio, 2021	Web of Science	multiliteracy AND "multimodal literacy"	16
Maio, 2021	Web of Science	"multimodal literacy" AND comics	8
Maio, 2021	Web of Science	multiliteracy AND comics	3
Junho, 2021	Scopus	Multiliteracy	167
Junho 2021	Scopus	"multimodal literacy"	360
Junho, 2021	Scopus	"multimodal literacy" AND "visual literacy"	24
Junho, 2021	Scopus	"multimodal literacy" AND	16

		comics	
Junho, 2021	Scopus	“multiliteracy” AND comics	1
Julho, 2021	B-on	“multimodal literacy” AND “visual literacy”	1096
Julho, 2021	B-on	“multimodal literacy” AND “visual literacy” AND “comic books”	304
Agosto, 2021	B-on	“multimodal literacy” AND “visual literacy” AND comic	613
Agosto, 2021	B-on	multiliteracy AND “multimodal literacy”	1859
Agosto, 2021	B-on	“multimodal literacy” AND comics	1393
Agosto, 2021	B-on	“multiliteracy” AND comics	689

Conforme é possível observar na Tabela 1, houve alguma dificuldade em obter os resultados desejados através da utilização dos três conceitos, sendo que foi na B-on que se obteve um maior número de resultados. Contudo, mesmo na B-on, não foi possível encontrar os resultados desejados, pois apesar de se obterem muitos resultados, estes não vão ao encontro do pretendido para esta investigação. Esta ausência de resultados fez com que fosse necessário dividir os termos de pesquisa aos pares, como por exemplo pesquisar por *banda desenhada e literacia visual*, ou *banda desenhada e bibliotecas públicas*. Contudo, apesar desta adaptação, chegou a ser necessário efetuar uma pesquisa utilizando um termo único, de modo a ser possível compreender melhor o que havia de literatura científica acerca de cada um dos termos, para depois então ser possível estabelecer as ligações entre os mesmos, já que se revelou difícil realizá-lo através dos resultados obtidos.

Posteriormente, e escolhido o método, procedeu-se à escolha dos casos a serem estudados. Para esta fase, foi necessário realizar uma triagem aos possíveis candidatos para estudo de caso, através de uma abordagem a uma fase. Para esta triagem, e tendo em conta o tema do presente trabalho ter como objeto de estudo a banda desenhada e as bibliotecas públicas, procedeu-se a um levantamento das bedetecas de Portugal, bibliotecas dedicadas única e exclusivamente à banda desenhada. Segundo o *website* da DGLAB, existem seis bedetecas: Bedeteca José de Matos-Cruz (Biblioteca Municipal de São Domingos de Rana - Cascais); BDteca Luiz Beira (Biblioteca Municipal D. Miguel da Silva - Viseu); Bedeteca da Amadora (Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos - Lisboa); Bedeteca dos Olivais (Biblioteca Municipal dos Olivais - Lisboa); Bedeteca de Beja (Casa da Cultura de Beja); Espaço BD Jorge Machado-Dias (Biblioteca Municipal de Caldas da Rainha). Dentro deste pequeno grupo, considerou-se ser necessário estabelecer outros critérios para selecionar as instituições a estudar. Deste modo, procedeu-se a uma pesquisa sobre cada uma das bedetecas mencionadas, numa busca pelas que possuem um maior destaque pelo trabalho desenvolvido. Assim, chegou-se à conclusão de que as bedetecas da Amadora e de Beja, e respetivas bibliotecas seriam as candidatas adequadas para serem casos deste estudo. A escolha por estas bibliotecas deve-se ao facto das respetivas bedetecas possuírem um grande acervo de banda desenhada, e pela promoção de ambas as autarquias da banda desenhada através da realização de eventos neste âmbito, nomeadamente festivais internacionais de banda desenhada: Amadora BD (organizada pela Câmara Municipal da Amadora) e Festival Internacional de BD de Beja (organizada pela Câmara Municipal de Beja). Para além da realização deste tipo de eventos, o facto de a Câmara de Beja ter projetado a criação do primeiro museu de banda desenhada em Portugal, com o contributo da Bedeteca de Beja, revela-se um marco importante na história da banda desenhada em Portugal, e sobressai o destaque que a banda desenhada tem na região, o que consolida a escolha da mesma como um dos casos a serem estudados neste estudo.

Em seguida, procedeu-se à recolha de dados, na qual foi utilizado o inquérito por entrevista. Inicialmente, a escolha desta técnica de recolha de dados tinha como objetivo ser utilizada junto dos responsáveis pelas bedetecas, contudo tendo em conta que a Bedeteca da Amadora está inserida na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, sendo uma parte da mesma, considerou-se que seria não só interessante, como também necessário que se aplicasse também esta técnica aos responsáveis das bibliotecas públicas dos respetivos municípios. Tal não foi possível de realizar desta forma no caso da

Biblioteca Municipal da Amadora (Fernando Piteira Santos), em primeiro lugar por não ter um responsável específico para a parte da Bedeteca, e em segundo por indisponibilidade da responsável pela Biblioteca, que, no entanto, nos colocou em contacto com uma bibliotecária da sua equipa. Estes inquéritos por entrevistas têm como objetivo conhecer a realidade conhecida e vivida por estes bibliotecários. Os inquéritos por entrevista serão semidirigidos (ou semiestruturados), o que permitirá ao entrevistador uma maior abertura na colocação de questões, partindo do que o próprio entrevistado dirá. Deste modo, enriqueceu-se o trabalho, pois permitiu ao entrevistado uma maior liberdade nas suas respostas. Sendo inquéritos por entrevista semidirigidos, foram apenas determinados os temas a serem abordados no decorrer dos mesmos (Tabela 2), e estes consistiram no desenvolvimento dos subtópicos da revisão de literatura, sob o ponto de vista dos entrevistados: a literacia visual, no qual se procura saber o que os entrevistados sabem neste âmbito (o que é, qual a sua importância e relevância); perceber se os entrevistados veem na banda desenhada um instrumento educativo e porquê; e, por último, procurar saber de que forma a banda desenhada é utilizada nos locais onde os entrevistados exercem a sua profissão (perceber se é utilizada para o desenvolvimento das capacidades de literacia, nomeadamente a visual, ou se é apenas utilizada como incentivo à leitura).

TABELA 2 *Matriz do inquérito por entrevista*

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS	QUESTÕES	ESTUDOS ORIENTADORES
1. Apresentação e legitimação da entrevista	Contextualizar a problemática e os objetivos da entrevista	<i>Antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade e colaboração para o nosso trabalho. Esta entrevista está a ser realizada no âmbito de um Estudo de Caso, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação. A mesma tem como foco compreender, no contexto das bibliotecas</i>	

		<i>públicas e respectivas bedotecas, o papel da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual, e será gravada.</i>	
2. Bedoteca	Compreender a necessidade da criação da Bedoteca para além da Biblioteca Pública	<i>Q1: Existindo a Biblioteca Pública, porque motivo decidiram criar também uma bedoteca?</i>	Ziarnik, 2003; Olson, 2018
3. Missão e objetivos das bibliotecas e bedotecas	Compreender qual a missão destas bibliotecas/bedotecas e os seus objetivos	<i>Q2: Pode, por favor, dizer-me em que data foi criada a Bedoteca/Biblioteca e qual é a sua missão? E quais os seus objetivos?</i>	Ziarnik, 2003
4. Serviços e Produtos	Averiguar a existência de serviços e produtos distintos entre as bibliotecas e bedotecas	<i>Q3: Tendo em conta a sua missão e objetivos, gostaria de saber mais acerca dos serviços e produtos da Biblioteca/Bedoteca, de que forma cumprem os objetivos estabelecidos?</i>	Ziarnik, 2003
5. Programa de atividades			
5.1. Atividades com foco na banda desenhada	Averiguar a existência de atividades que têm como tema a banda desenhada	<i>Q4: Estão inseridos no programa da Biblioteca/Bedoteca atividades cujo tema central seja a banda desenhada? Quais?</i>	Snowball, 2005; Vitella, 2020; Skrlac & Dahlstrom, 2020; Golding & Verrier, 2020

5.2. Atividades para crianças	Averiguar que tipo de atividades existem direcionadas para as crianças e qual a sua intenção	<i>Q5: No que diz respeito a atividades infantis, quais são essas atividades e o que estas procuram desenvolver nas crianças?</i>	Giorgis et al., 1999; Snowball, 2005; Golding & Verrier, 2020
6. Literacias	Averiguar se o programa inclui atividades que visam o desenvolvimento das literacias	<i>Q6: No programa da Biblioteca/Bedoteca existe alguma atividade direcionada para o desenvolvimento das literacias?</i>	Frey & Fisher, 2008; O'Neil, 2011; Botzakis et al., 2017; Vitella, 2020
6.1. Literacia visual	Compreender o que os entrevistados entendem por literacia visual	<i>Q7: O que entende por literacia visual?</i>	Avgerinou & Ericson, 1997; Felten, 2010; Brito, 2014; Thompson & Beene, 2020
6.2. Atividades para o desenvolvimento da literacia visual	Averiguar se existe algum programa ou se são realizadas atividades, entre outros, com o intuito de desenvolver a literacia visual	<i>Q8: A Biblioteca/Bedoteca tem algum programa ou atividade relacionado com o desenvolvimento da literacia visual?</i>	Frey & Fisher, 2008; Felten, 2010; O'Neil, 2011; Brito, 2014; Ogliari, 2015; Vitella, 2020; Golding & Verrier, 2020
7. Banda desenhada e a literacia visual	Averiguar se existe algum programa ou atividade na qual a utilização da banda desenhada seja um meio para o desenvolvimento	<i>Q9: A Biblioteca/Bedoteca possui algum programa ou atividade na qual utiliza a banda desenhada como um meio para o desenvolvimento das literacias, nomeadamente a literacia visual?</i>	Frey & Fisher, 2008; Killeen, 2013; Ogliari, 2015; Botzakis et al., 2017; Lo et al., 2019; McFarlane, 2019; Golding & Verrier, 2020

	o de alguma literacia, nomeadamente a literacia visual		
8. Banda desenhada	Compreender como os entrevistados veem a banda desenhada (averiguando a existência ou não de algum tipo de preconceito ou desvalorização da mesma)	<i>Q10: Como define banda desenhada e o que pensa da mesma?</i>	<i>Eisner, 1989; McCloud, 1994; Barreto, 2004; Steele, 2005</i>
9. Bibliotecas públicas/bedetecas VS bibliotecas escolares	Averiguar o que é que a biblioteca pública, principalmente a área da bedeteca, acrescentam ao que é feito pelas bibliotecas escolares	<i>Q11: Durante a nossa investigação encontramos alguns artigos que referiam a utilização da banda desenhada para o desenvolvimento de algumas capacidades, nomeadamente ao nível do Ensino e das bibliotecas escolares. Tendo isto em conta, pergunto: a Biblioteca Pública, em especial o serviço da Bedeteca, acrescenta algo comparativamente ao que é feito pelas bibliotecas escolares?</i> <i>*Esta questão foi adaptada para o caso de Beja, tendo em conta a ausência de ligação entre as instituições em estudo.</i>	<i>Alves, 2000; Ziarnik, 2003; Gonçalves, 2008; Williams & Peterson, 2009; Santos, 2015; Maughan, 2016; Cook, 2017; Ewa et al., 2018; Lo et al., 2019; Vitella, 2020; Walner, 2020</i>

Para a análise dos inquéritos por entrevistas, recorreu-se ao método de análise de conteúdo, que permitiu retirar dos mesmos os dados qualitativos nelas contidos e analisá-los. Esta análise foi realizada através de categorias, que correspondem aos tópicos pelo qual este tema é composto (Tabela 3): a literacia visual e qual a sua relevância; a banda desenhada e o aproveitamento das suas características no desenvolvimento das literacias, nomeadamente a literacia visual; e, por último, a banda desenhada nas bibliotecas públicas.

3. RESULTADOS

Este capítulo apresenta os dados obtidos no decurso de dois estudos de caso realizados à Biblioteca Municipal da Amadora e respetiva Bedeteca, à Biblioteca Municipal de Beja e à Bedeteca de Beja. Antes da realização das entrevistas foi realizada uma pesquisa sobre as bibliotecas públicas e bedetecas do município da Amadora e de Beja, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a sua história, que foi posteriormente complementada com algumas informações dadas pelos entrevistados durante a realização dos inquéritos por entrevista.

1.1. Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos e o serviço da Bedeteca

Inaugurada no ano de 1983, a Biblioteca Municipal da Amadora é, atualmente, um dos monumentos culturais de maior destaque no concelho. O seu aparecimento permitiu aos habitantes da Amadora o acesso a documentação e a informação em variados suportes, tendo também contribuído para a promoção e sensibilização do gosto pela leitura, nomeadamente junto dos mais jovens, através de diversas atividades. Desta forma, considera-se que cumpriu a sua missão de Biblioteca de Leitura Pública.

Inicialmente, a Biblioteca situava-se no edifício dos Paços do Concelho, tendo sido deslocada posteriormente para a Avenida Capitão Plácido de Abreu, durante uns anos. Entre os anos de 2001 e 2004 esteve localizada no espaço Delfim Guimarães, tendo depois regressado para a Rua Capitão Plácido de Abreu. Contudo, as instalações da Biblioteca chegaram ao seu limite, tendo sido necessária a construção de um novo edifício com melhores condições. O novo edifício foi inaugurado a 19 de junho de 2009, na Avenida Conde Castro Guimarães, tendo recebido o nome Fernando Piteira Santos, em homenagem ao historiador, jornalista, tradutor e ativista político, oriundo da Amadora, que doou a sua biblioteca pessoal ao município.

A Bedeteca surgiu a 8 de novembro de 2014 e possui cerca de 40 mil publicações, entre as quais álbuns, livros, revistas, fanzines, uma coleção de originais de autores contemporâneos e uma coleção de Publicações Periódicas na área da Banda Desenhada e Ilustração do início do século XX. A mesma aposta também nas novas tecnologias e na banda desenhada digital. A Bedeteca possui ainda duas zonas de exposição — onde ocorrem diversas exposições, tais como: Riscos do Natural de José Ruy, Desenhar a Música de José Garcês, 50 Anos de José Pires, As BD's de Abril —, uma área dedicada aos mais novos (a Bedeteca Júnior), a Fanzineteca Geraldes Lino — na qual consta a

coleção doada por Geraldês Lino, sócio fundador e dirigente do Clube Português de Banda Desenhada — e ainda um laboratório com dois estiradores.

1.2. Biblioteca Municipal de Beja José Saramago e Bedeteca de Beja

A Biblioteca Municipal de Beja foi fundada a 21 de junho de 1874, no local onde outrora fora o espaço do Paço Episcopal, onde estava estabelecida a Academia Eclesiástica de Beja, no século XVII, fundada por D. Frei Manuel do Cenáculo. Posteriormente, na década de noventa, as instalações foram mudadas para um edifício no Largo de St.^a Maria. No mês de setembro do ano de 1892 foi transferida para o edifício dos Paços do Concelho. A 5 de outubro de 1923 reabriu portas nas arcadas do Convento de Nossa Senhora da Conceição. Em 1953, incorporou a criação da Biblioteca Fixa n.º 154 da Fundação Calouste Gulbenkian e no dia 16 de novembro de 1953 foi, mais uma vez, inaugurada, desta vez no edifício das Finanças, na Praça da República. Em novembro de 1972, as instalações foram mudadas para o edifício do antigo Colégio do Sagrado Coração de Jesus, também na Praça da República, contudo, passados três anos houve uma outra alteração, tendo passado para as instalações do Arquivo Distrital, na Avenida Vasco da Gama. A Biblioteca manteve-se nesta localização até abril de 1993, altura em que foi inaugurada num edifício novo e moderno situado na Rua Luís de Camões, no âmbito do programa da Rede Nacional de Leitura Pública, e a mesma manteve-se até aos dias de hoje.

Uns anos mais tarde, em 1998, foi a primeira biblioteca em Portugal a adotar o nome de José Saramago, vencedor do Prémio Nobel da Literatura do mesmo ano.

Por seu lado, a Bedeteca de Beja teve uma história mais breve, tendo sido inaugurada no mês de abril do ano de 2005, na Casa da Cultura de Beja, sendo, à data, uma das três bedetecas que existiam no país. Contudo, desde 1996 que a Casa da Cultura faz um atelier de banda desenhada, no qual as pessoas eram livres para fazerem as suas próprias histórias, que, nos dias de hoje, decorre no espaço da Bedeteca de Beja. Através deste atelier, foram realizadas visitas nacionais, como a Lisboa, ao Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, à Bedeteca de Lisboa e a lojas especializadas de banda desenhada, e internacionais, como a festivais em Espanha.

A Bedeteca é, assim, um equipamento municipal, independente da Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, cujo foco é a divulgação e publicação de banda desenhada. A mesma possui um acervo constituído por álbuns de banda desenhada e

revistas, composto por vários milhares de exemplares. Neste âmbito é também de destacar o Arquivo de Originais, assim como os diferentes núcleos que a Bedeteca tem no seu seio: o Núcleo de Cinema de Animação Cartoon e Ilustração; o Núcleo de Documentação e Pesquisa; e ainda o Núcleo de Trabalho, no qual os autores podem realizar as suas obras. Para além disso, existem diversos ateliers, para além do anteriormente mencionado, como: o Atelier de Ilustração, o Atelier de Ilustração Científica, o Atelier de Desenho. O espaço está adaptado às necessidades dos seus utilizadores, tendo salas com caixas de luz e estiradores — procurando também deste modo apelar à criatividade dos utilizadores —, assim como duas salas de galerias dedicadas a exposições temporárias.

No mesmo ano em que foi inaugurada a Bedeteca de Beja, surgiu também o Festival Internacional de Banda Desenhada, que concentra em si os autores mais famosos de Portugal e do estrangeiro, assim como os menos famosos, tendo uma diversidade de atividades, como lançamentos, conferências, apresentações de livros, visitas às exposições, concertos desenhados na rua (nos quais os músicos tocam os seus instrumentos e os autores de banda desenhada desenham ao vivo com estes a serem projetados num ecrã gigante). Este festival distingue-se por promover o convívio entre os autores e o público. O Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja tem sido divulgado um pouco por toda a Europa — a convite da organização de vários eventos na Dinamarca, França, Espanha, Polónia, Bélgica —, tendo todos os anos cerca de 10 mil visitantes.

Futuramente, em Beja, existirá o Museu de Banda Desenhada, que albergará a Bedeteca de Beja e é mais um equipamento municipal com o intuito de divulgar e enaltecer a banda desenhada portuguesa.

3.3. Análise de resultados

Após a realização dos inquéritos por entrevista (Apêndice A), procedeu-se à categorização das informações obtidas, de acordo com a temática em estudo e os objetivos do presente trabalho, conforme se pode observar na Tabela 3 (Apêndice B).

1. *Identificação dos motivos que originaram a criação da Bedeteca*

Antes de serem criadas as bedetecas em estudo, já era evidente que existia um interesse pela banda desenhada.

No caso da Amadora, a existência e reconhecimento do Festival Internacional de Banda Desenhada, atualmente denominado *Amadora BD*, determinou a necessidade de

existir um apoio mais especializado no âmbito da banda desenhada. Deste modo, foi criado o Centro Nacional de Banda Desenhada (CNBD), que, uns anos mais tarde, deu lugar à Bedeteca da Amadora.

No que diz respeito ao caso de Beja, previamente à criação da Bedeteca de Beja existia, desde 1996, o Atelier de Banda Desenhada, uma iniciativa da Casa da Cultura, que incentivava as pessoas a criarem as suas histórias. Posteriormente, surgiu a necessidade de dar um contexto profissional às pessoas que frequentavam o atelier, que se concretizou com a criação da Bedeteca de Beja, assim como do Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja, no ano de 2005.

II. Caraterização das Instituições

▪ Missão e objetivos

Relativamente à missão e objetivos da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos e da Bedeteca da Amadora, são os mesmos: a difusão da leitura, sendo que uma aposta mais no livro em texto, e outra no livro visual, respetivamente.

No caso da Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, esta tem como lema e missão a frase: “Numa cidade acordada, uma biblioteca sem sono”. Deste modo, para além da prestação de serviços, a Biblioteca tem como objetivos a promoção da capacidade de reflexão e de análise crítica, procurando que os seus utilizadores desenvolvam as competências necessárias para que possam “ler o mundo”.

No caso da Bedeteca de Beja, os seus objetivos e missão estão direcionados para a banda desenhada, sendo o principal objetivo a divulgação da mesma, de uma forma geral, e a missão a divulgação e apoio à produção local de banda desenhada.

III. Serviços e produtos

No caso da Biblioteca e Bedeteca da Amadora, os serviços são também os mesmos, contudo, a nível de programação, existe um programa específico para cada uma, ainda que interajam uma com a outra.

Relativamente à Biblioteca de Beja, os seus serviços dividem-se em vários setores: o Setor de Adultos, o Setor Infantil e o Setor de Periódicos. Tendo em conta estas áreas de atuação, a Biblioteca procura desenvolver um programa que começa com pais e bebés, terminando nos adultos. Deste modo, tem uma programação e desafios que permitam às pessoas conhecer autores, assim como desenvolver as suas competências e

conhecimento sobre determinados assuntos, tais como: ciclos de conferências de divulgação científica, de divulgação e literacia da saúde; uma programação em torno da tradição oral com noites de contos; uma linha de trabalhos sobre os autores locais — tratando-se, no fundo, na criação de comunidades em torno destas atividades.

A Bedoteca de Beja cumpre o serviço de empréstimo de livros, como qualquer biblioteca pública/municipal, sendo igualmente possível aos seus utilizadores consultarem livros na sala de leitura dedicada a esse efeito, havendo também a possibilidade de irem até lá apenas para desenhar, existindo espaços equipados com estiradores e caixas de luz para esse efeito. Para além disto, são realizadas exposições temporárias ao longo de todo ano, *workshops*, ateliers e viagens em território nacional e internacional. No fundo, a Bedoteca de Beja possui as características de uma biblioteca, aliadas às características de um atelier, devido à sua componente mais ativa e prática.

IV. Programa de atividades

- *Identificação de atividades direcionadas ao público infantil e do seu objetivo*

No caso da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, existem atividades direcionadas ao público infantil que têm como objetivos dar a conhecer a banda desenhada e, através dela, são realizadas atividades como Os Super-Heróis da História de Portugal, que tem como intuito dar a conhecer a História de Portugal.

No caso da Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, as atividades que existem neste âmbito não é um trabalho realizado apenas para crianças, sendo focado exclusivamente em pais e filhos, através da utilização de literatura infantil, maioritariamente, devido à forte componente ilustrativa que a mesma possui. O objetivo deste trabalho passa pela construção de hábitos de leitura, “do filho leitor e do pai leitor”, realizando através da ilustração e da literacia visual/da imagem um trabalho mediador entre pais e filhos.

Relativamente à Bedoteca de Beja, como nenhum dos funcionários possui formação específica como animador, procuram que as crianças criem laços emocionais com o espaço, ao mesmo tempo que aprendem como se faz uma banda desenhada do ponto de vista técnico, transmitindo os conhecimentos básicos da mesma, como nos explicou o Dr. Paulo Monteiro : “é importante que não se diga no texto o que está na imagem e vice-versa”; deve existir um “equilíbrio entre a palavra e o desenho, sendo que a palavra não tem de estar escrita”; como se identifica uma cara a rir, e outras expressões

faciais; e mostrando ainda os sinais convencionais utilizados na banda desenhada. Apesar de serem aspetos mais técnicos, procuram fazê-lo de forma lúdica para que seja uma experiência agradável e uma boa recordação da Bedoteca de Beja.

- *Averiguar sobre atividades orientadas para o desenvolvimento das literacias, entre as quais a literacia visual*

Relativamente à Bedoteca Municipal Fernando Piteira Santos, existem atividades orientadas para o desenvolvimento das literacias, nomeadamente a literacia visual, nas quais procuram dar às crianças mecanismos que possibilitem a sua compreensão da informação que visualizam — desde a identificação do que veem, como distinguir um cão de um gato, mas também tentar explicar o porquê de ser assim. No entanto, procura-se também com os ateliers que as crianças sejam também capazes de identificar e compreender o que significam certas expressões e gestos, neste caso de personagens, para que tenham a capacidade de, posteriormente, fazer o mesmo exercício no seu dia a dia.

No que diz respeito à Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, são realizadas conferências com o intuito de desenvolver na comunidade variadas literacias, tais como: a literacia da ciência, através da divulgação científica; e a literacia da saúde, ainda que esta atividade ainda não tivesse sido retomada na altura da realização do inquérito por entrevista. No âmbito do desenvolvimento da literacia visual, é realizado um trabalho de continuidade com pais e filhos, no qual, apesar de o objetivo ser a construção “do filho leitor e do pai leitor”, a literacia visual é fundamental para a mediação entre a literatura infantil, maioritariamente utilizada, e os pais e filhos.

A Bedoteca de Beja não possui atividades direcionadas para o desenvolvimento das literacias.

- *Averiguação do que os entrevistados entendem por literacia visual*

Após serem questionados acerca das atividades direcionadas para o desenvolvimento das literacias, entre as quais a literacia visual, considerou-se também importante perceber como cada um dos entrevistados define *literacia visual*.

A bibliotecária Dra. Cândida Silva, da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos na Amadora, define a literacia visual como sendo não só o que vemos, como também o que entendemos do que visualizamos, acrescentando que este entendimento é subjetivo.

No que diz respeito a Beja, a bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, Dra. Paula Santos, considera que a literacia visual é a capacidade de

retirar significado de uma *expressão*. Exemplifica falando de uma expressão artística, acrescentando que a literacia visual se manifesta na desconstrução da mesma para que se tente compreender o património que levou à sua realização, o que essa representação significa para si própria e para os outros. No fundo, trata-se de problematizar o que se visualiza, de modo a compreender-se o que se vê o mais completamente possível.

O Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja, afirma que a literacia visual se trata da identificação da imagem e do que cada parte, cada componente da mesma quer dizer por si, e de que forma os componentes se relacionam entre si.

V. *Banda desenhada*

- *Identificação de atividades que têm como tema a banda desenhada*

Na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora), não existe o tema da banda desenhada, pertencendo este à Bedeteca, contudo na Festa do Livro a Biblioteca procura realizar atividades que englobem também a banda desenhada, nomeadamente ateliers e conversas. Na Bedeteca da Amadora existem conversas com autores, o *Serão às Tiras*, e ainda ateliers em que para além de ensinarem um pouco da História da banda desenhada e da sua evolução até aos dias de hoje, apelam também à criação de banda desenhada.

Na Biblioteca Municipal de Beja José Saramago não existem atividades neste âmbito, sendo este trabalho realizado apenas pela Bedeteca.

Deste modo, na Bedeteca de Beja é possível encontrar vários ateliers, tais como o Atelier de Banda Desenhada (existente desde 1996), o Atelier de Ilustração e o Atelier de Desenho. São também realizados ateliers em escolas, infantários, lares de terceira idade e ainda em prisões. Apesar de, tal como no caso da Amadora, o festival de banda desenhada ser organizado pela respetiva Câmara Municipal, a Bedeteca de Beja tem também um papel importante na organização e divulgação do mesmo, pois é também através deste evento que se conseguem divulgar e publicar a produção local, que, no fundo, são a concretização dos seus objetivos. A Bedeteca realiza também muitas exposições de autores de Beja, não só em Portugal, por todo o país, como também no estrangeiro. Tem também algumas publicações suas como o *Venham mais 5* — um fanzine que é a publicação mais premiada na História da banda desenhada portuguesa—, a Coleção Toupeira — que publica em nome do Atelier de Banda Desenhada autores emergentes a nível nacional, incluindo algumas edições pontuais.

- *Averiguação de como definem banda desenhada*

Tendo em conta que, de uma forma ou de outra, os entrevistados estão familiarizados com a banda desenhada, ainda que não existam atividades neste âmbito em algumas das instituições, considerou-se necessário inquiri-los sobre as suas definições de banda desenhada, de modo a ser possível averiguar se existia algum tipo de preconceito relativamente à mesma.

A Dra. Cândida Silva, bibliotecária na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, define banda desenhada como uma história “contada em quadradinhos”, referindo-se aos quadrados pelas quais a mesma é composta, podendo estes ser acompanhados por legenda, salientando que a própria imagem fala por si.

Por seu turno, a Dra. Paula Santos compara a banda desenhada a um filme, acrescentando que, neste caso, não tem movimento propriamente dito como existe num filme. Afirma ainda que se trata de contar uma história tornando-a física para que as pessoas consigam conhecê-la e compreendê-la.

O Dr. Paulo Monteiro descreve a banda desenhada como uma forma de se conta algo através de imagens em sequência, acrescentando que não tem de ser necessariamente uma história, podendo ser um acontecimento ou simplesmente a transmissão de uma emoção, desde que seja através de imagens sequenciais, pois este é um aspeto fundamental. Perante esta sequência de imagens “paradas”, o leitor tem um papel importante na leitura de banda desenhada, pois é quem fará a relação entre elas.

VI. Identificação do contributo da Biblioteca Pública/ Bedeteca

Tendo em conta que durante a fase de pesquisa deste trabalho foram recuperados documentos que abordavam a utilização da banda desenhada no Ensino e na biblioteca escolar, considerou-se fundamental inquirir acerca de qual é, para os entrevistados, o contributo da instituição que representam, do que esta acrescenta ao que já é feito pelas bibliotecas escolares.

A Dra. Cândida Silva considera que a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos se destaca pelo volume de álbuns que possui de banda desenhada, comparativamente às bibliotecas escolares, assim como pelo que transmite aos alunos das escolas, quando estes visitam a Biblioteca. Considera que, nas escolas, a banda desenhada é pouco abordada, e a Biblioteca, em conjunto com a Bedeteca, apresentam-se como

fundamentais para que as crianças conheçam uma outra realidade, não só do texto, como também, através de uma forma lúdica, dar e transmitir conhecimento através da imagem, da ilustração, da banda desenhada — estando aqui presente a importância da literacia visual.

A Dra. Paula Santos descreve o papel da Biblioteca como sendo complementar ao da biblioteca escolar, pois realizam um trabalho de mediação leitora e de sensibilização para o prazer e descoberta da leitura, abrangendo a literatura que servir de inspiração para o seu propósito, independentemente dos programas escolares. Tanto no trabalho com os alunos do 1º Ciclo, como no trabalho de continuidade com pais e filhos, são considerados aspetos como: competências de leitura, as questões da literacia visual, e as questões da oralidade — incluindo, em jeito de brincadeira, a forma como se dizem as palavras, assim como a expressão corporal, pois são elementos indistinguíveis que estão envolvidos na experiência de ler.

O Dr. Paulo Monteiro considera que a Bedeteca acrescenta algo, desde logo pelo seu contexto — uma sala cheia de livros de banda desenhada com caixas de luz e estiradores —, mas também pelo que podem encontrar lá, nomeadamente autores, o que descreve como sendo para os mais jovens uma experiência mágica. Considera também como importante a sensação que transmitem aos mais jovens de que ao entrarem ali podem fazer o que lhes apetecer, e de que existe muita gente a fazer o mesmo trabalho que eles vão lá fazer, o que também lhes transmite que, mais tarde na sua vida, poderão continuar a fazer banda desenhada, porque o seu trabalho é importante. Isso reflete-se no facto de muitos dos alunos mais antigos do Atelier de Banda Desenhada terem ficado a fazer trabalhos na Bedeteca de Beja — nomeadamente na Coleção Toupeira —, e muitos outros que aparecem e se lembram de terem frequentado o atelier e do que isso, na altura, significou para eles. É de salientar o ambiente que se vive no espaço da Bedeteca, descrito nas palavras do Dr. Paulo Monteiro da seguinte forma: “Nós ali sentimos que fazemos parte de um todo, nenhum de nós está sozinho e contamos para que aquilo funcione, somos todos importantes, isso é uma coisa mesmo boa”.

4. DISCUSSÃO

Neste capítulo pretende-se refletir sobre os dados obtidos através do estudo empírico e confrontá-los com a revisão de literatura realizada sobre a literacia visual e a banda desenhada. Tendo em conta que o principal objetivo da investigação é analisar a utilização da banda desenhada como um meio de desenvolver a literacia visual nas bibliotecas públicas, a discussão dos resultados procura incidir sobre este aspeto.

É através deste diálogo que se pretende relacionar os dados obtidos nas diferentes etapas desta investigação de modo a ser possível responder à pergunta de partida e aos objetivos estabelecidos.

O primeiro objetivo específico procurava estabelecer o que se entende por *literacia visual* e perceber qual a sua importância. Relativamente à sua importância, a literatura científica mostra-se controversa. Cassidy e Knowlton contestam a necessidade de ajudar as crianças, uma vez que, segundo os autores, são capacidades inatas, logo não é necessário procurar desenvolvê-las, pois isso acontece por si. Contudo, McVicker (2007) apesar de afirmar que as competências de literacia visual podem ser desenvolvidas através do ato de ver, defende que as crianças devem ter estas capacidades desenvolvidas devido à acessibilidade de informação que têm na Internet, fornecendo como sugestão a utilização de banda desenhada nas salas de aula para esse efeito (p. 85). O desenvolvimento das capacidades de literacia visual é atualmente útil, tendo em conta o contexto imagético da sociedade contemporânea, nomeadamente a nível digital. O ambiente digital é constituído pela multimodalidade da comunicação (Reis, 2015, p. 12), na qual a *imagem* se apresenta como um dos modos de comunicação, que para além de dar a conhecer algo, permite também transformar a forma como o sujeito traduz o mundo que o rodeia (Magalhães, 2005, p.14). Deste modo, procurou-se compreender como os profissionais da informação entrevistados definem este conceito e a importância que lhe dão. Assim, foi possível verificar que todos compreendem a essência deste conceito: que a literacia visual é o significado que retiramos do que vemos, de uma imagem, sendo que o Dr. Paulo Monteiro acrescenta que é necessário identificar cada componente da imagem e compreender como estes se relacionam uns com os outros, colocando a hipótese de a cor ser um elemento a ter em conta, ideia esta também defendida por Frey e Fisher (2008) que consideram a cor como um elemento importante para o contexto. No entanto, a Dra. Paula Santos, da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos na Amadora, vai um bocadinho mais longe, defendendo que a literacia visual também implica a

problematização do que se vê, através da desconstrução de preconceitos relativamente ao que se observa.

O desenvolvimento das capacidades de literacia visual é relevante, nomeadamente junto das crianças, pois ainda estão a aprender a descobrir o mundo que as rodeia, assim como ainda estão a aprender a assimilar o que veem. As crianças são expostas a estímulos visuais desde muito cedo, e o mesmo ocorre com a exposição às novas tecnologias, que vai sendo cada vez mais precoce. Deste modo, e tendo em conta que cada ser é único e que as capacidades de aprendizagem não são iguais entre todos, o desenvolvimento da literacia visual revela-se importante para que as crianças possuam as ferramentas necessárias para interpretar o que veem e o que as circunda. Neste âmbito, a Biblioteca Municipal de Beja oferece um serviço que resulta num projeto de continuidade com pais e filhos, utilizando a literatura infantil, no qual se trabalha o trabalho feito com base na literacia visual serve de mote para a exploração do trabalho de mediação realizado entre pais e filhos. E, tratando-se de um projeto de continuidade, é possível avaliar a evolução das crianças ao nível do desenvolvimento da leitura, assim como da literacia visual.

O segundo objetivo específico desta investigação passava por compreender o potencial da banda desenhada para o desenvolvimento da literacia visual. A banda desenhada é um meio de expressão, que pode ser artístico, informativo ou científico (Barreto 2004, p. 1), que possui uma linguagem própria que conjuga dois modos de comunicação: o texto e a imagem, esta última através do que Eisner (1989) apelidou de *arte sequencial* (p.8). Nas entrevistas realizadas para este trabalho, um dos aspetos que se procurou analisar foi como estes profissionais definiam a banda desenhada, e verificou-se que a questão da imagem foi algo abordado nas três definições apresentadas, e o Dr. Paulo Monteiro, responsável pela Bedoteca de Beja foi quem se aproximou mais das ideias de Eisner (1989) e McCloud (1994), ao afirmar que a banda desenhada é uma forma de contar uma história, um acontecimento ou até mesmo transmitir uma emoção, mas sempre através de imagens em sequência. Esta característica da banda desenhada é apelativa para os jovens, nomeadamente os que têm dificuldades de leitura, devido à presença de imagens, de acordo com McVicker (2008, p. 2, *apud* McVicker 2005), que facilitam e proporcionam uma boa experiência de leitura devido às pistas visuais que fornecem (Frey & Fisher, 2008). É a sequência narrativa através das imagens, conjugada com algum texto, que torna a banda desenhada útil para cumprir este propósito, facilitando também a aceitação e a compreensão por parte dos jovens.

Encontramos diversos autores que abordam a utilização da banda desenhada no ensino de diversas temáticas, mas também no desenvolvimento da leitura, e ainda da literacia visual (McVicker, 2007; McVicker, 2018).

O terceiro objetivo tinha o intuito de perceber como é trabalhada a questão da literacia visual e da banda desenhada nas bibliotecas públicas. Deste modo, procurou-se averiguar se existiam atividades pensadas para o desenvolvimento das literacias, nomeadamente a literacia visual, assim como se existia alguma atividade para o desenvolvimento da literacia visual que tivesse como instrumento a banda desenhada. Apesar do potencial da banda desenhada para esse efeito, principalmente junto das crianças, devido às suas características, e da utilização da mesma no Ensino de diversas áreas de estudo, verificou-se durante a revisão da literatura que tal é sobretudo contemplado nas bibliotecas escolares e não tanto nas bibliotecas públicas. Nos casos estudados nesta investigação, foi possível perceber que tal é realizado de alguma forma, contudo não com este objetivo principal, mas sim como algo acessório, que acaba por ser de alguma forma trabalhada no decorrer da atividade planeada. No entanto, verificou-se na Biblioteca Municipal de Beja José Saramago a existência de um projeto de continuidade que tem como objetivo a criação de uma comunidade de pais e filhos leitores e que se foca muito na imagem, devido à utilização de literatura infantil. Apesar de esta atividade não se focar no desenvolvimento da literacia visual, acaba por ter um grande papel nesse sentido, devido à forte componente visual que é trabalhada, na qual a literacia visual, ou “literacia da imagem” nas palavras da Dra. Paula Santos, é fundamental. Ainda que não seja utilizada a banda desenhada, verifica-se que existe um equilíbrio entre a aprendizagem da leitura do texto e da imagem, pois no setor infantil existem duas técnicas que fazem este trabalho com os pais e as crianças, estando uma mais vocacionada para a mediação leitora utilizando o texto, e outra que trabalha mais a imagem, complementando-se, tal como acontece na banda desenhada na relação entre o texto e a imagem.

No que diz respeito à banda desenhada, esta é apenas tratada nos espaços das bedotecas. A Bedoteca da Amadora e a Bedoteca de Beja possuem missões diferentes: enquanto a Bedoteca da Amadora possui a mesma missão da Biblioteca na qual está inserida, a difusão da leitura; a Bedoteca de Beja, também por ser uma instituição pública independente da Biblioteca Municipal, possui a sua própria missão e os seus objetivos, que passam pela divulgação e apoio da banda desenhada, nomeadamente a nível da produção local. Contudo, apesar das suas diferenças, ao nível de atividades são

semelhantes, existindo em ambas ateliers e workshops sobre banda desenhada, verificando-se ainda que, na Bedoteca da Amadora, existem atividades que utilizam a banda desenhada para o ensino de outras áreas, entre as quais a História, através do atelier “Os Super-Heróis da História de Portugal”.

Não existem em ambas as bedotecas atividades que procurem desenvolver as capacidades de literacia visual através da banda desenhada, apesar de acabarem por fazê-lo nas atividades infantis quando explicam às crianças como funciona a banda desenhada e referem os personagens, assim como as respetivas expressões, posição corporal, entre outros pormenores que ajudem a compreender que ação está a ocorrer. No fundo estes sinais fornecem pistas sobre o que estará a acontecer e que não é expresso em palavras. A Dra. Cândida Silva, da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, e o Dr. Paulo Monteiro, da Bedoteca de Beja, descrevem que nas atividades dedicadas às crianças procuram-lhes por exemplo como se identifica uma expressão feliz, triste, zangada. No entanto, o Dr. Paulo Monteiro, da Bedoteca, apesar de reconhecer que é feito algum trabalho nesse sentido, considera que não tem capacidade ou conhecimento para a realização de atividades com o intuito de desenvolver a literacia visual.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar a utilização da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual, tendo como objetivos: esclarecer o que se entende por literacia visual e a sua importância; compreender o potencial da banda desenhada no desenvolvimento das capacidades de literacia visual; e perceber como é trabalhada a literacia visual e a banda desenhada nas bibliotecas públicas.

Começando pela literacia visual, definida como a capacidade de retirar significado de uma imagem, ou do que se observa, a literatura científica não é consensual no que diz respeito à necessidade de desenvolver estas capacidades. No entanto, tendo em conta o cenário imagético embrenhado na sociedade atual, as crianças necessitam de ser preparadas para interagirem neste mundo, assim como para interpretarem corretamente o que as rodeia no seu dia a dia, como os diversos sinais de trânsito que podem encontrar na rua, ou as interfaces dos dispositivos eletrónicos. Atualmente, os dispositivos eletrónicos estão presentes na vida de todos e as crianças são expostas aos mesmos desde muito cedo, sem possuírem as capacidades necessárias para interagirem com eles. Deste modo, é importante procurar desenvolver as capacidades de literacia visual junto das crianças para que possam estar aptas para compreenderem os ícones presentes nas tecnologias e o mundo da internet. O desenvolvimento da literacia visual ganha, assim, importância na medida em que as interfaces destes dispositivos são cuidadosamente pensadas de modo a estarem perceptivelmente identificadas as funcionalidades dos mesmos. Estas funcionalidades são representadas por ícones e normalmente são complementadas por texto que indica o mesmo. Tal também é importante para a compreensão do que as rodeia, pois num simples ato de atravessar uma estrada é necessário que as crianças compreendam que existem sinais que indicam onde podem fazê-lo e quando, sinais estes que possuem símbolos que devem ser decodificados pelas crianças. E isto tudo começa com a literacia visual, isto é, com a capacidade de retirar significado do que se vê, no fundo é a compreensão do contexto do que se vê.

A banda desenhada surge como um meio de expressão útil para o desenvolvimento da literacia visual, tendo em conta que a sua principal característica é a conjugação de imagens com texto, de forma complementar. Na banda desenhada a imagem é o modo de comunicação que possui um maior destaque, permitindo, assim, que as crianças aprendam não só a retirar informação das ilustrações, como o contexto, mas também a compreenderem e interpretarem a associação entre o texto e a imagem.

A utilização da banda desenhada como ferramenta de ensino não é uma ideia nova. Em diversos artigos é mencionada a sua utilização para o ensino de disciplinas como por exemplo História. Foi também utilizada num estudo, em 2017, no qual foi um meio para explicar a crianças que tinham artrite idiopática juvenil os contornos da doença, assim como para explicar os tratamentos. No entanto, e apesar de a banda desenhada ser reconhecida por muitos autores como uma forma de cativar e alcançar os mais jovens nas mais diversas áreas, nomeadamente no desenvolvimento da literacia visual, existe, segundo foi possível apurar, uma ausência de programas que se foquem na utilização de banda desenhada para este efeito no âmbito das bibliotecas.

Não foi possível identificar programas ou ações de sensibilização relativamente ao desenvolvimento da literacia visual, mas sim seminários, comunicações, entre outras ações que têm como objetivo promover a leitura de banda desenhada. Esta promoção da leitura de banda desenhada tem ocorrido não só ao nível das bibliotecas escolares, assim como das bibliotecas públicas, tendo havido um investimento na aquisição da mesma para este efeito. Apesar de ter sido um passo importante, na medida em que realmente se verificou um crescimento dos empréstimos, ainda existe muito trabalho a fazer. Este trabalho passa desde logo pela produção de banda desenhada em Portugal, daí que haja incentivos do Estado para este efeito. Seria também importante que se realizassem mais estudos relativamente ao objeto desta revisão de literatura, nomeadamente entre os mais jovens. Tanto na comunicação da BAD (2010), como no acordo entre a JAKENPON e a RBE, é possível observar que as crianças mais jovens não são o seu público-alvo. Hoje em dia as crianças começam a interagir com dispositivos eletrónicos quase antes de saberem falar, e seria importante verificar em que medida as mesmas beneficiariam de programas promovidos pelas bibliotecas públicas que, recorrendo à banda desenhada, visassem a educação visual.

No que diz respeito à investigação em si, ocorreram algumas dificuldades, nomeadamente na fase de pesquisa, em que houve limitações, como o simples facto de conseguir recuperar e aceder a artigos, em inglês ou português, que abordassem os três conceitos chave desta investigação: banda desenhada, bibliotecas públicas e literacia visual. No entanto, após algumas dificuldades iniciais, possivelmente relacionadas também com a pouca experiência na elaboração de pesquisa científica, foi possível encontrar informação relevante, continuando, contudo, a faltar informações mais específicas relativamente à utilização da banda desenhada nas bibliotecas com o objetivo de desenvolver a literacia visual. Apesar das ações de sensibilização que se têm vindo a

realizar nas bibliotecas públicas relativamente à promoção da banda desenhada, como seminários, comunicações, exposições, entre outros, as mesmas têm apenas o intuito de promover a leitura e atrair utilizadores, sem ser notada nenhuma referência ou preocupação com o desenvolvimento de capacidades visuais.

A realização de um estudo de casos comparativo permitiu investigar com maior detalhe a realidade de duas bibliotecas portuguesas e as bedotecas respetivas do município: a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos e a Bedoteca da Amadora; e a Biblioteca Municipal de Beja José Saramago e a Bedoteca de Beja. Desde logo se evidenciaram diferenças entre Amadora e Beja. No caso da Amadora, a Bedoteca encontra-se situada no segundo piso do edifício da Biblioteca, e não há distinção entre a missão e os objetivos de uma e outra, visto que esta é uma parte integrante da Biblioteca. No caso de Beja, as duas instituições públicas são independentes uma da outra, possuindo a sua própria missão e objetivos.

Em ambas as bibliotecas foi possível identificar que existe uma preocupação para que as crianças desenvolvam as suas capacidades visuais, existindo na Biblioteca Municipal de Beja José Saramago um projeto de continuidade que se foca na construção conjunta de pais e filhos leitores, e que utiliza a literatura infantil pela sua forte componente visual. Deste modo, este trabalho acaba por ter como base a literacia visual, pois procura ensinar às crianças como se faz a leitura de uma imagem, assim como do texto que a acompanha. A Bedoteca da Amadora, e a Bedoteca de Beja, através das atividades realizadas com a banda desenhada, acaba por também trabalhar o desenvolvimento das capacidades visuais. Contudo, apesar de existirem atividades que de alguma forma cumprem este propósito, estas não têm a literacia visual como principal foco.

No que diz respeito à utilização da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual, apesar do estado da arte mostrar o seu potencial neste âmbito, não se verificou a sua utilização para cumprir este propósito nas bibliotecas públicas. Apesar de ser feito algum trabalho neste sentido, através da utilização da banda desenhada, é algo acessório ao principal objetivo.

Com esta investigação foi possível compreender que, atualmente, o desenvolvimento da literacia visual revela-se mais importante perante a exposição das crianças desde cedo às novas tecnologias e à internet, assim como pelo contexto imagético da sociedade envolvente. Deste modo, seria importante que as bibliotecas públicas contribuíssem para este objetivo, utilizando a literatura que têm disponível,

nomeadamente a banda desenhada. Devido à existência das bedetecas, as bibliotecas municipais deixam que o trabalho realizado com banda desenhada seja da responsabilidade destas, por isso, nestes casos, são as bedetecas, ou os serviços de bedeteca, que devem procurar ter em conta o desenvolvimento da literacia visual através da banda desenhada. Neste sentido, seria também interessante para investigações futuras averiguar o trabalho que é feito pelas bedetecas a nível nacional, visto serem uma extensão das bibliotecas públicas, assim como investigar mais a fundo as potencialidades da banda desenhada, e para o que esta é utilizada atualmente. Seria igualmente interessante apurar a importância que o espaço da Bedeteca tem para os utilizadores a nível nacional, e averiguar o impacto que tem nas suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostinho, M. R. de S. S. (2017). *Design de comunicação e literacia visual: Uma ferramenta de aprendizagem* [Dissertação de Mestrado em Design, com a especialização em Design de Comunicação]. Universidade de Lisboa.
- Alves, M. P. F. M. (2000). *Intervenção da Biblioteca Escolar no processo de ensino-aprendizagem - Estudo de Caso* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Área de Avaliação em Educação]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Amadora BD. (n.d.). <https://amadorabd.com/>
- Antúnez, A. (2019). *A Developing Superpower: Using Graphic Novels to Increase Reading Motivation* [Thesis submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts in Education]. Universidade do Estado da Califórnia.
- Araújo, M. C. P. (2014). *Ver e Compreender: Literacia Visual e Interfaces de Telemóveis* [Mestrado em Design de Comunicação e Novos Media, Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/12174>
- Avgerinou, M., & Ericson, J. (1997). A review of the concept of Visual Literacy. *British Journal of Educational Technology*, 28(4), 280–291.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Barreto, A. (2004a). *A Banda Desenhada nas Bibliotecas Portuguesas*. 9.
- Barreto, A. (2004b). *A Banda Desenhada nas Bibliotecas Portuguesas*. *BAD: Actas Do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, 8. <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/620>
- Barreto, A. (2007). *Fogem dos livros como o diabo da cruz: a propósito, onde estão os super heróis e a mangá?* 9.

- Bedeteca*. (2021, maio). Amadora - Câmara Municipal. <https://www.cm-amadora.pt/cultura/bedeteca1.html>
- Bedetecade Beja*. (n.d.). Câmara Municipal Beja - Centro Do Sul. <https://cm-beja.pt/pt/menu/417/bedeteca-de-beja.aspx>
- Biblioteca: Apresentação*. (n.d.). Amadora - Câmara Municipal. <https://www.cm-amadora.pt/cultura/biblioteca-municipal/686-apresentacao.html>
- Biblioteca Municipal de Beja/ José Saramago*. (n.d.). Câmara Municipal Beja - Centro Do Sul. <https://cm-beja.pt/biblioteca.aspx>
- Brito, I. M. C. de. (2014). *O álbum ilustrado e o público juvenil - entre as exigências do currículo e a promoção da literacia visual* [Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares]. Universidade Aberta.
- Brázia, P. J. M. da. (2014). *Aprendizagem pela Imagem - Caso prático nas disciplinas de História e Geografia* [Relatório de Estágio apresentado para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. <http://hdl.handle.net/10362/14690>
- Cassidy, M. F., & Knowlton, J. Q. (1983). Visual literacy: A failed metaphor? *Educational Technology Research and Development*, 31(2). https://www.researchgate.net/publication/226451414_Visual_literacy_A_failed_metaphor
or
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2018). *Research Methods in Education* (8.^a). Routledge.
- Comics Magazine Association of America. (1954). *Comics Code Authority*.
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. SAGE Publications.

Deus, A. D. de. (1997). *Os Comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa.

DGLAB - *Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas*. (4 Dez).
<http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/divulgacaoEstrangeiro/bandaDesenhadaIlustracao/Paginas/BandaDesenhadaIlustracao.aspx>

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. (2021, November 30). *Bedetecas Municipais*. Bibliotecas. <http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/noticias/Paginas/Sobre-Bedetecas.aspx>

Eisner, W. (1989). *Quadrinhos e Arte Sequencial* (1ª). Livraria Martins Fontes Editora LTDA.

Estevão, A. P. S. da S., & Costa, M. A. F. da. (2016). Histórias em Quadrinhos: estratégia para o processo ensino-aprendizagem do tema “Lixo eletrônico.” *Revista Práxis*, 8(1).

Frey, N., & Fisher, D. (2008). *Teaching visual literacy: using comic books, graphic novels, anime, cartoons, and more to develop comprehension and thinking skills*. Corwin Press.
https://books.google.pt/books/about/Teaching_Visual_Literacy.html?id=cb4xcSFkFtsC&redir_esc=y

Gatsou, C., Politis, A., & Zevgolis, D. (2012). The importance of mobile interface icons on user interaction. *International Journal of Computer Science and Applications*, 9(3), 92–107.
https://www.researchgate.net/publication/288147923_The_importance_of_mobile_interface_icons_on_user_interaction

Ghigliione, R., & Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Celta.

Giorgis, C., Johnson, N. J., Bonomo, A., Colbert, C., Conner, A., Kauffman, G., & Kulesza, D. (1999). Children’s Books: Visual Literacy. *The Reading Teacher*, 53(2), 146–153.
https://www.jstor.org/stable/20204765?seq=1#metadata_info_tab_contents

- Gomes, J. I. Q. R. S. (2010). *As potencialidades pedagógicas da banda desenhada nas aulas de português língua não materna* [Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. <http://hdl.handle.net/10216/55389>
- Gonçalves, A. da S. (2013). *A leitura e interpretação da banda desenhada histórica e os desenhos na expressão dos conhecimentos geográficos* [Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário, Universidade do Minho - Instituto de Educação]. <http://hdl.handle.net/1822/29152>
- IFLA. (s.d.). *Information Literacy Section*. IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions. <https://www.ifla.org/units/information-literacy/>
- IFLA. (2013). *Diretrizes da IFLA sobre os Serviços da Biblioteca Pública (2ª)*. Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.
- IFLA/UNESCO. (1994). *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas 1994*.
- Killeen, E. B. (2013, dezembro). Graphic Novels Build Literacy. *Teacher Librarian*, 41(2).
- Lo, P., Allard, B., Ho, K. K. W., Chen, J. C., Okada, D., Stark, A., Henri, J., & Lai, C. (2019). Librarians' perceptions of educational values of comic books: A comparative study between Hong Kong, Taiwan, Japan, Australia and New Zealand. *Journal of Librarianship and Information Science*, 51(4), 1103–1109.
- MacDonald, H. (2013, Maio). How Graphic Novels Became the Hottest Section in the Library. *Graphic Novels in Libraries*.
- Magalhães, C. (2005). *A utilização das imagens em contexto de ensino-aprendizagem: um estudo de caso no 1º ciclo do ensino básico* [Tese de Mestrado em Estudos da Criança - Área de Comunicação Visual e Expressão Plástica, Universidade do Minho - Instituto de Estudos da Criança]. <http://hdl.handle.net/10198/5169>
- Matos, G., Brito, R., & Barreto, A. (2010). Objectivo leitura! A banda desenhada à conquista das modernas bibliotecas lusitanas. *BAD: Actas Do Congresso Nacional de*

<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/202>

- Maughan, S. (2016, agosto). Graphic novels surge in the educational market: How graphic novels are finding footing in classrooms and school libraries. *Publishers Weekly*.
- McCloud, S. (1994). *Understanding Comics: The Invisible Art*. Harper Collins Publishers Inc.
- McDougall, S., & Isherwood, S. (2009). What's in a name? The role of graphics, functions, and their interrelationships in icon identification. *Behavior Research Methods*, 41(2), 325–336. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.2.325>
- McVicker, C. J. (2007). Comic Strips as a Text Structure for Learning to Read. *The Reading Teacher*, 61(1), 85–88. https://www.researchgate.net/publication/250054371_Comic_Strips_as_a_Text_Structure_for_Learning_to_Read
- McVicker, C. J. (2018, Ago). Visual Literacy And Learning To Read: Using Comic Strips for Reading Instruction. *Journal of Visual Languages & Computing*.
- Oleiro, M., & Heitor, C. (2010). 20 Anos Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Um balanço (possível) do grau de cumprimento do Programa. 10.
- Olson, R. (2018). Comics, Libraries and Literacy. *The SL*, 63(3).
- Pickard, A. J. (2013). *Research Methods in Information* (2.^a). Facet Publishing.
- Prior, L. A., Wilson, A., & Martinez, M. (2012). Picture this: Visual Literacy as a Pathway to Character Understanding. *The Reading Teacher*, 66(3), 195–206. <https://ila.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/TRTR.01098>
- Reis, R. (2015). A Importância da Aprendizagem da Literacia Visual ou “O Dia em que Ângela Merkel Não Soube Onde Fica a Alemanha.” *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 5.

- Sá, C. M. (2016). Banda desenhada e desenvolvimento de competências em leitura e escrita. *Exedra, Entre a investigação e as práticas em Didática do Português: alguns diálogos*.
- Santos, A. S. dos. (2019). *Que Escola Será Esta? Narrativas sobre o espaço através de bandas desenhadas e fotografias com crianças do 4º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico de Leiria* [Relatório de Projeto para obtenção do grau de Mestre em Intervenção e Animação Artísticas]. Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- Savoie-Zajc, L. (2009). L'entrevue semi-dirigée. In *Recherche Sociale: de la problématique à la collecte des données* (5.^a). Presses de l'Université du Québec.
- Schneider, E. (2014). A Survey of Graphic Novel Collection and Use in American Public Libraries. *Evidence Based Library and Information Practice*, 9(3).
- Scott, L. M. (2016). Theory and research in construction education: the case for pragmatism. *Construction Management and Economics*, 34(7–8), 552–560.
- Senos, R. J. (2014). *Repensar a Educação Visual, falando de contemporaneidade: O propósito da Literacia Visual* [Aveiro]. <https://core.ac.uk/reader/32244573>
- Silva, F. de F. T. da. (2018). *A banda desenhada no processo de ensino-aprendizagem de inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico* [Dissertação de Mestrado em Ensino, Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/35009>
- Silva, G. X. da. (2020). Análise qualitativa de conteúdo do guia de gestão da coleção para bibliotecas públicas. *Prisma*, 44.
- Skrlac, R., & Dahlstrom, S. (2020). Comic Moments in the School Library: Reflections on an After-School Book Club. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 58(1), 61–67.
- Snowball, C. (2005). Teenage Reluctant Readers and Graphic Novels. *Young Adult Library Services*.

- Sousa, J. F. de. (2016). *Banda desenhada, leitura e escrita no 1º ciclo do ensino básico* [Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/17192>
- Steele, C. J. (2005). “*Why don’t they read a good book instead?*”: *Librarians and Comic Books, 1949-1955* [Master os Science in Library Science]. University of Nort Carolina, Faculty of the School of Information and Library Science.
- Thompson, D. S., & Beene, S. (2020). Uniting the field: using the ACRL Visual Literacy Competency Standards to move beyond the definition problem of visual literacy. *Journal of Visual Literacy*, 39(2), 73–89. <https://doi.org/https://doi.org/10.1080/1051144X.2020.1750809>
- Tiemensma, L. (2009, 27 Ago). Visual literacy: to comics or not to comics? Promoting literacy using comics. *Literacy and Reading and Information Literacy*. World Library and Information Congress: 75th IFLA General Conference and Council, Milan, Italy. <https://www.ifla.org/past-wlic/2009/94-tiemensma-en.pdf>
- Tilley, C. L., & Bahnmaier, S. (2018). The Secret Life of Comics: Socializing and Seriality. *The Serials Librarian*, 74(1–4), 54–64. <https://doi.org/doi.org/10.1080/0361526X.2018.1428456>
- Vergueiro, W. (n.d.). Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. *DataGramaZero*, 6(2).
- Vitella, F. (2020, Setembro). Comics, the library has those: how public libraries can use graphic novels to foster reading communities. *Journal of Graphic Novels and Comics*.
- Williams, V. K., & Peterson, D. (2009). Graphic Novels in Libraries Supporting Teacher Education and Librarianship Programs. *Library Resources & Technical Services*, 53(3).

- Yannicopoulou, A. (2004). Visual aspects of written texts: preschoolers view comics. *LI-Educational Studies in Language and Literature*, 4(2–3), 169–181.
<https://link.springer.com/article/10.1007/s10674-004-1024-9>
- Yin, R. K. (2003). *Case Study Research: Design and Methods* (3.^a). SAGE Publications.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos* (5.^a). SAGE Publications.
- Zainal, Z. (2007, June 9). *Case study as a research method*.
- Ziarnik, N. R. (2003). *School & Public Libraries: Developing the Natural Alliance*. American Library Association.

BIBLIOGRAFIA

- Acuña, E. F. (2008). El cómic en la clase de italiano como segunda lengua: posibilidad de explotación didáctica. *Didáctica, Lengua y Literatura*, 20, 89–116.
- Antúnez, A. (2019). *A Developing Superpower: Using Graphic Novels to Increase Reading Motivation* [Thesis submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Arts in Education]. Universidade do Estado da Califórnia.
- Araújo, G. C. de, Costa, M. A. da, & Costa, E. B. (2008). As Histórias em Quadrinhos na Educação: Possibilidades de um Recurso Didático-Pedagógico. *A MARgem*, 2, 26–36.
- Barrero, M. (2002, fevereiro). *Los cómics como herramientas pedagógicas en el aula*. Jornadas sobre Narrativa Gráfica, Jerez de la Frontera (Cádiz).
- Barreto, A. (2007). Blogues e bibliotecas: informação, comunicação e nonsense à velocidade da luz. *Cadernos BAD*.
- Barreto, R., & Moura, P. (2008, 24 outubro). *A leitura e a discussão colectiva da banda desenhada: uma experiência e alguns apontamentos*. Seminário Internacional: Bibliotecas e Banda Desenhada.
- Barros, L. D. de. (2004). *O Desenho de Observação e a Literacia Visual* [Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de mestre em Desenho]. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Beccia, V., & Pastore, S. (2017). Fumetti e competenza di lettura: per una didattica dell'arte sequenziale. *Form@re: Open Journal per La Formazione in Rete*.
- Botzakis, S., Savitz, R., & Low, D. E. (2017). Adolescents Reading Graphic Novels and Comics: What We Know from Research. In *Adolescent Literacies: A Handbook of Practice-Based Research*. The Guilford Press.
- Branco, C. (2018). *Ver, desenhar, compreender: a descoberta do Gótico através da Literacia Visual e do Desenho em História da Cultura e das Artes, 10.º ano* [Relatório de

- Prática de Ensino Supervisionada para obtenção de grau de mestre em Ensino de Artes Visuais].
- Campos, C. C. de O. (2013). *Quadrinhos e o incentivo à leitura* [Monografia para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia]. Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília.
- Candeias, A. B. (2013). *O editor de imagens como recurso para desenvolver a literacia visual* [Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre em Ensino de Educação Visual e Tecnológica]. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal.
- Castanho, M. da G. B. (2007). *O Ensino da Leitura nas Escolas do 2.º Ciclo em Portugal: O Contributo das Bibliotecas Públicas e Escolares*.
https://www.researchgate.net/publication/255671610_O_ENSINO_DA_LEITURA_NAS_ESCOLAS_DO_2_CICLO_EM_PORTUGAL_O_CONTRIBUTO_DAS_BIBLIOTECAS_PUBLICAS_E_ESCOLARES
- Çelik, G. (2013). A magical way for education: visual literacy. *Science & Philosophy, 1*(2), 143–150.
- Chan, T. K. S., Wong, S. W. L., Wong, A. M.-Y., & Leung, V. W.-H. (2019). The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text. *Journal of Psycholinguistic Research, 48*, 221–242.
- Cleaver, S. (2008). Comics & Graphic Novels. *Instructor, 117*(6).
<https://eric.ed.gov/?id=EJ792963>
- Cook, M. P. (2017). Now I “See”: The Impact of Graphic Novels on Reading Comprehension in High School English Classrooms. *Literacy Research and Instruction, 56*(1), 21–53. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/19388071.2016.1244869>

- Cook, M. P., & Frey, R. (2017). Using Superheroes to Visually and Critically Analyze Comics, Stereotypes, and Society. *SANE Journal: Sequential Art Narrative in Education*, 2(2). <http://digitalcommons.unl.edu/sane/vol2/iss2/1>
- Cornog, M., & Raiteri, S. (2012, setembro). Graphic Novels. *Library Journal*.
- Crawford, P. (2004, fevereiro). A Novel Approach: Using Graphic Novels to Attract Reluctant Readers. *Library Media Connection*.
- Duarte, A. C. (2016). *Aprender a Ler Imagens na Escola?*
- Fay, D. (2007). Student Storytelling through Sequential Art. *English Teaching Forum*, 45(3), 2–11, 21–23.
- Felten, P. (2010). Visual Literacy. *Change: The Magazine of Higher Learning*, 40(6), 60–64. <https://doi.org/10.3200/CHNG.40.6.60-64>
- Ferreira, J. P. da S. (2019). *O papel do Livro Infantil na motivação para a leitura: uma breve abordagem no 1.º CEB* [Dissertação de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB para obtenção do grau de Mestre]. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra.
- Figueiredo, F. E. (2004). Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: atualizar para responder a novos desafios. *Cadernos BAD*, 1.
- Friesen, J., Stan II, J. T. V., & Elleuche, S. (2018). Communicating Science through Comics: A Method. *Publications*, 6(38).
- Gajos, K. Z., Czerwinski, M., Tan, D. S., & Weld, D. S. (2006). *Exploring the design space for adaptive graphical user interfaces*. Proceedings of the working conference on Advanced Visual Interfaces. <https://doi.org/10.1145/1133265.1133306>
- Golding, S., & Verrier, D. (2020). Teaching people to read comics: the impact of a visual literacy intervention on comprehension of educational comics. *Journal of Graphic Novels and Comics*.

- Gomes, J. I. B. da S. (2015). *Metodologias na Banda Desenhada: Realização de um Álbum de BD* [Trabalho de Projeto para obtenção de grau de mestre em Desenho]. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Gomes, L. D. R. F. (2014). *A Literacia da Informação na Educação Pré-Escolar: Um estudo com crianças de 5 anos* [Relatório Final da Pática de Ensino Supervisionada para obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar]. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Gonçalves, C. M. de A. (2008). *O Uso da Banda Desenhada para o Estudo da Narrativa no Ensino Básico* [Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de mestre em Estudos Artísticos, Culturais, Linguísticos e Literários]. Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.
- Graphic Novels and Comics in Libraries and Archives: Essays on Readers, Research, History and Cataloging.* (2010). Robert G. Weiner.
- Griffin, N. S. (2019). Comics and visual biography: sequential art in social research. *Visual Studies*, 34(4), 319–335.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1080/1472586X.2019.1691940>
- Guimarães, E. (n.d.). *Uma caracterização ampla para a história em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão.*
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1836635ef083f30606fba7842cbcfabb.PDF>
- Heckman, W. (2004). Reading Heroes for a New Generation. *Florida Media Quarterly*.
- Highsmith, D. (1987). Comic Books: A Guide to Information Sources. *Winter 1987*, 27(2).
- Jackson, D. (2009). *Cognitive Comics: A Constructivist Approach to Sequential Art* (2^a Edição).
- JAKENPON. (n.d.). *JAKENPON: Sugestão de Atividade Incentivo à Leitura.*
- JAKENPON, & Rede de Bibliotecas Escolares. (2016). *Acordo de cooperação.*

- Johnson, F. (2012). Film School for Slideware: Film, Comics, and Slideshows as Sequential Art. *Computers and Composition*, 29, 124–136.
- Joly, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Edições 70.
- Jonathan, S. (2008). Reinventing The Book Club: Graphic Novels as Educational Heavyweights. *Knowledge Quest*, 36(3), 44–48.
- Kocis, L., & Schlipp, J. (2015). Using Superhero Comics to Teach Young Children Intellectual Property Concepts. *Public Libraries*, 54(4), 28–32.
- Lankshear, C., & Knobel, M. (2008). *Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices*. Peter Lang Publishing.
- Leal, A. (2018). Multimodalidade e multiliteracia: elementos verbais e não verbais nos textos de divulgação científica. *Literacia Científica Na Escola*.
- Legum, E. H. (2004). *Fundamentals: Using Sequential Art in Training*. American Society for Training & Development.
- Lewkowich, D. (2019). Assuming a hybrid logic of reading: comics, psychoanalysis, and the multimodal promise of visual response. *Pedagogies: An International Journal*, 14(4), 313–331.
- Mendelson, A., Rabinowicz, N., Reis, Y., Gil, A., Harel, L., Hashkes, P. J., & Uziel, Y. (2017). Comics as an educational tool for children with juvenile idiopathic arthritis. *Pediatric Rheumatology Online Journal*, 69(15). <https://doi.org/DOI 10.1186/s12969-017-0198-5>
- Miranda, A. C. C. de, Gallotti, M. M. C., & Cecatto, A. (2017). Desafios para a biblioteca pública no processo de planejamento da formação e desenvolvimento do acervo. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência Da Informação*, 22(48), 15–26.

- McFarlane, J. M. (2019). *How Visual Narratives (Comics) Can Increase Literacy, Decrease Bias, and Highlight Stories of Social Justice: Awakening to Truth and Reconciliation*. 12. <https://doi.org/https://doi.org/10.22329/celt.v12i0.5445>
- McGrail, E., Rieger, A., Doepker, G. M., & McGeorge, S. (2018). Pre-Service Teachers' Perspectives on How the Use of TOON Comic Books during Guided Reading Influenced by Struggling Readers. *ANE Journal: Sequential Art Narrative in Education*, 2(3). <https://digitalcommons.unl.edu/sane/vol2/iss3/1/>
- Monteiro, M. I. P. B. (2014). *A literacia visual de alunos do 9º anos de escolaridade: dois estudos sobre a interpretação de cartazes de propaganda e de gráficos* [Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário]. Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Mori, M. (2007). Graphic Novels: Leading the way to teen literacy and leadership. *Indiana Libraries*, 26(3), 29–32.
- Newfield, D. (2011). From visual literacy to critical visual literacy: An analysis of educational materials. *English Teaching: Practice and Critique*, 10(1), 81–94.
- Nunes, M. B. (2018). *Bibliotecas escolares: gestão, desenvolvimento e curadoria de coleções na era digital* (Rede de Bibliotecas Escolares).
- Ogliari, C. L. (2015). *Letramento e o mundo Comics* [Dissertação de Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Mídia e Conhecimento]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- O'Neil, K. E. (2011). Reading Pictures: Developing Visual Literacy for Greater Comprehension. *The Reading Teacher*, 65(3), 214–223. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/TRTR.01026>
- Osicki, J. (2018, June 15). Graphically Speaking. *Library Journal*.

- Pacheco, C. M. G. M. (2012). *O Plano Nacional de Leitura nos media: uma análise de representações* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino do Português]. Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Palhares, M. C. (n.d.). *História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História*.
- Parreira, Z. (2018). *A regulamentação legal das bibliotecas públicas em Portugal* [Para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Informação e Documentação]. Universidade de Évora.
- Pereira, J. M. (2017). *A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de ensino-aprendizagem de História e Geografia* [Relatório para obtenção do grau de mestre em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pessoa, A. R. (n.d.). *Histórias em Quadrinhos: Um meio Intermediático*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1523
- Ramos, V. M. S. (2012). *A banda desenhada como recurso didático nas aulas de Espanhol, Língua Estrangeira* [Relatório de Prática de Ensino Superisionada para obtenção do grau de mestre em Ensino de Português e Espanhol no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário]. Faculdade de Lisboa da Universidade de Lisboa.
- Rapp, D. N. (2011). Comic Books' Latest Plot Twist: Enhancing Literacy Instruction. *Phi Delta Kappan*, 93(4).
- Reis, R. (2014). Um olhar sobre o papel das tecnologias da visão na construção de noções e práticas de literacia visual entre os jovens. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 83–102.
- Roberts, G. G. (2004). Understanding the Sequential Art of Comic Strips and Comic Books and Their Descendants in the Early Years of the New Millennium. *The Journal of*

American Culture, 27(2). <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1537-4726.2004.00131.x>

- Rosa, M. V. de F. P. do C., & Arnoldi, M. A. G. C. (2017). *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Autêntica.
- Rothenberger, K. A. (2019). *The Effects of Reading Graphic Novels on the Vocabulary Acquisition of Students with Learning Disabilities* [Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de mestre em Arts in Special Education]. Caldwell University.
- Sabourn, P. (2009). *L'analyse de contenu* (5.^a). Presses de l'Université du Québec.
- Santos, L. F. R. dos. (2011). *Gestão de Coleções nas Bibliotecas Públicas Portuguesas: da Teoria à Prática. Sugestões para um Guia de Procedimentos* [Para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Documentais]. Universidade da Beira Interior.
- Santos, W. A. dos. (2015). *Literatura e História em Quadrinhos (HQ) na Educação Básica* [Dissertação para obtenção de grau de mestre em Ensino na Educação Básica]. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás.
- Siekkinen, H. L. (2012). *Factors influencing comic book and graphic novel collecting among private elementary and middle school libraries in North Carolina* [Dissertação para obtenção de grau em Science in Library Science]. Faculty of the School of Information and Library Science, University of North Carolina at Chapel Hill.
- Silva. (2014). *De mãos dadas com o livro: Da Literatura para a Infância à Educação Literária* [Relatório de Estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico]. Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Silva, E. I. da. (2007). Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de geografia. *Revista Solta a Voz*, 18(1).
- Silva, P. M. H. R. da. (2017). *Perspetivas em perspetiva: a perceção como didática na criação de literacia visual* [Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Mestrado em

- Ensino de Artes Visuais, Universidade de Lisboa - Instituto de Educação].
<http://hdl.handle.net/10451/33069>
- Sless, D. (1984). Visual literacy: A failed opportunity. *Educational Technology Research and Development*, 32(4), 224–228.
- Smith, J. M., & Pole, K. (2018). What’s Going On in a Graphic Novel. *The Reading Teacher*, 72(2).
- Sousa, I. D. de, Bernardo, M. do R. M., Carvalho, L. C., & Negas, M. C. (2014). *Gestão das Organizações: Uma abordagem integrada e prospetiva* (2ª). Edições Sílabo.
- Stanley, S., & Sturm, B. W. (2008). Sequential Art Books and Beginning Readers: Can the Pictures Help Them Decode Words? *American Association of School Librarians.*, 37(2), 50–57. <https://eric.ed.gov/?id=EJ869252>
- Tabulo, K. (2014). Abstract sequential art. *Journal of Graphic Novels and Comics*, 5(1), 29–41.
- Venâncio, F. M. P. (2016). *Utilização da banda desenhada no ensino de Português Língua Estrangeira* [Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Viana, F. L., Ribeiro, I., & Baptista, A. (2014). *Ler para ser. Os caminhos antes, durante e... Depois de aprender a ler coordenadoras*. Edições Almedina.
- Vries, S. de. (2020). *Reading and the Distracted Brain: An Exploration of how the Graphic Narrative Can Contribute to Improve General Reading Skills and Reading Enthusiasm for Long-Form Text Reading* [Master Thesis in Media Studies]. Faculty of Humanities from Leiden University.

- Wallner, L. (2020). Kid friendly? Constructions of comics literacy in the classroom. *Language and Literature*, 29(1), 76–94.
- Williams, A. (2003, November 13). Learning through images. *The New York Amsterdam News*.
- Williams, W. R. (2019). Attending to the visual aspects of visual storytelling: using art and design concepts to interpret and compose narratives with images. *Journal of Visual Literacy*, 38(1–2), 66–82.
- Wong, S. W. L., Miao, H., Cheng, R. W., & Yip, M. C. W. (2017). Graphic Novel Comprehension Among Learners with Differential Cognitive Styles and Reading Abilities. *Reading & Writing Quarterly*, 33(5), 412–427.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/10573569.2016.1216343>

APÊNDICES

A. Transcrição dos inquéritos por entrevista

Transcrição do inquérito por entrevista gravado via zoom no dia 7 de março de 2022.

Entrevistadora: Joana Ramos Mendes

Entrevistada: Dra. Cândida Silva, bibliotecária municipal da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos

Contexto da entrevista: Mestrado em Ciências da Documentação e Informação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - trabalho final sobre a utilização da banda desenhada para o desenvolvimento da literacia visual nas bibliotecas públicas, sob a orientação da Prof.^a Teresa Costa.

Joana — Antes de mais queria agradecer-lhe a sua disponibilidade para se reunir comigo para falarmos um bocadinho sobre a biblioteca da Amadora. Esta entrevista está a ser realizada no âmbito de um estudo de caso, para obtenção do grau de mestre em Ciências da Documentação e Informação e o objetivo da mesma, e deste trabalho, é compreender, dentro do contexto das bibliotecas públicas, e bedetecas, qual o papel da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual.

Deste modo, passo à primeira questão: existindo a biblioteca pública da Amadora, qual foi a necessidade de criar a área da Bedeteca?

Dra. Cândida — A Amadora é considerada como a cidade da BD e tendo um festival internacional de banda desenhada [*Amadora BD*], um dos melhores festivais internacionais do mundo, faz todo o sentido ter um apoio por de trás, porque o festival não é só as pranchas que se expõem, isso não é o festival em si [...] Há sempre uma parte comercial dos livros, da venda da banda desenhada que se faz naquele ano e nos anos anteriores. A Biblioteca da Amadora também tinha muitos livros de banda desenhada, e, nesse sentido, criou-se a Bedeteca. Antes de termos aqui a Bedeteca, existia o CNBD [Centro Nacional de Banda Desenhada], que deu lugar depois à Bedeteca. E foi nesse sentido que se criou a Bedeteca, de modo a termos um espaço contínuo, o ano inteiro, em que as pessoas pudessem recorrer à banda desenhada. A Bedeteca não tem só livros, tem uma parte expositiva, tem uma Fanzineteca (espaço criado posteriormente), e digamos

que faz todo o sentido nós termos a Bedeteca integrada aqui na biblioteca. E foi nesse sentido de criar um espaço que ao longo do ano fosse visível e onde os amantes da banda desenhada pudessem recorrer também, apesar de as bibliotecas públicas terem no seu acervo banda desenhada, mas aqui é diferente, é um espaço próprio para ela. [...] Mas a Bedeteca não tem só essa questão, também trabalhamos a questão do visual. Mas como disse, nós na Bedeteca não temos só livros de banda desenhada, também temos de *cartoon* e temos a ilustração, tanto portuguesa como estrangeira, por isso faz sentido a existência deste espaço próprio, a que se chama Bedeteca, para darmos também visibilidade à imagem.

Joana — Assim, passo para a segunda questão que está relacionada com a missão da biblioteca. Não existindo uma divisão por parte da vossa biblioteca em termos de responsável, gostaria de lhe perguntar, em primeiro lugar, em que data foi criada a Bedeteca?

Dra. Cândida — 8 de novembro de 2014.

Joana — E a Biblioteca?

Dra. Cândida — Este espaço, como está atualmente, foi inaugurado a 19 de junho de 2009, mas o percurso da Biblioteca da Amadora até então teve início em 1982, no edifício dos Paços do Concelho. Este edifício, da Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, conforme está, foi inaugurada a 19 de junho de 2009.

Joana — Pode contar-me um bocadinho da história da Biblioteca? Por exemplo, em termos de locais, onde se situou ao longo do tempo.

Dra. Cândida — Como eu disse, ela esteve no edifício dos Paços do Concelho, depois esteve na Avenida Capitão Plácido de Abreu durante muitos anos, entre 2001 a 2004 esteve no espaço Delfim Guimarães, depois voltou para a Capitão Plácido de Abreu e daí, então, passou para este espaço.

Joana — E relativamente à missão da Biblioteca e da Bedeteca, o que me pode dizer sobre isso?

Dra. Cândida — Não há muita diferença, a missão é a mesma, porque o intuito é sempre a difusão da leitura e digamos que não há diferença entre uma e outra. Uma aposta mais no livro em texto (a Biblioteca) e a Bedeteca no livro visual, mas a missão é a mesma.

Joana — É a leitura.

Dra. Cândida — Exatamente.

Joana — E relativamente aos objetivos, também são os mesmos?

Dra. Cândida - Exatamente.

Joana — Tendo em conta a missão e os objetivos, quais são os serviços e produtos tanto da Biblioteca como da Bedeteca e de que forma cumprem os objetivos estabelecidos?

Dra. Cândida — Os serviços que a Biblioteca tem são iguais aos da Bedeteca, porque a nível de empréstimo domiciliário utilizam o mesmo sistema, porque ele tem um catálogo único, o cartão de utilizador também é o mesmo. Digamos que a nível de programação existe programação específica para a Biblioteca e programação específica para a Bedeteca. Digamos que interagem uma com a outra, mas têm programações diferentes.

Joana — E no âmbito dos programas, tanto num como noutra existem atividades que têm como tema central a banda desenhada?

Dra. Cândida — Não. A biblioteca não tem o tema da banda desenhada, apenas a Bedeteca tem. Temos ateliês direcionados para a banda desenhada, temos conversas com autores direcionadas para a banda desenhada, temos um *Serão às Tiras* que é só na Bedeteca. No entanto, na Festa do Livro fazemos sempre atividades que englobem também a banda desenhada (têm a Biblioteca como pano de fundo, mas há atividades mais específicas da banda desenhada), como os ateliers e as conversas.

Joana — E relativamente a atividades infantis, o que procuram desenvolver nas crianças?

Dra. Cândida — Procuramos dar-lhes a conhecer o que é a banda desenhada, porque a banda desenhada é outra forma de aprender não só a leitura, como a imagem (a leitura da imagem). Fazemos um atelier que tem a ver com a História de Portugal, e é baseado num autor de banda desenhada, o Artur Correia, que já faleceu, e tem a ver com a maneira como ele personaliza as suas personagens, pela maneira humorística como dá a entender todo o percurso da História de Portugal, e é nesse sentido que nós fazemos o atelier. Chama-se os Super-Heróis da História de Portugal.

Joana — Isto remete-nos para a seguinte questão que é: existe alguma atividade direcionada para o desenvolvimento das literacias?

Dra. Cândida — Sim, nomeadamente da literacia visual. Porque a literacia visual é o que nós vemos e o que nós entendemos. Eu posso entender uma coisa e a Joana entender outra, ao ver aquela mesma imagem. E daí que a literacia visual é o que nós podemos entender

de uma imagem. Não é o que nós entendemos, é o que a criança vai entender. Mas também temos que dar mecanismos que possam possibilitar às crianças compreenderem a informação que visualizam. Por exemplo, se aquilo é uma flor, não é um cão. Ver a imagem visual e tentar explicar o que é, e é isso que se faz um bocadinho com este tipo de ateliers, não só pela maneira como a personagem poderá estar posicionada ou a abertura da boca (o que nos pode sugerir). E é nesse sentido que a literacia visual está implícita um bocadinho nestes detalhes. Porque, por vezes, as nossas feições também nos dizem muito, e na questão da imagem, se estamos felizes, se estamos tristes, se estamos explosivos, digamos assim. [...] Também explicamos que inicialmente a banda desenhada não é o que existe atualmente (não havia balões, as legendas eram todas colocadas no início da figura ou no fim, que cortava muito nos movimentos da imagem, não havia aqueles chavões dos balões, das reticências, das onomatopeias), isto tudo foi uma evolução, e damos a conhecer um bocadinho da evolução da banda desenhada até aos dias de hoje.

Joana — Portanto, têm atividades neste sentido e com esse intuito, tanto para adultos como para crianças?

Dra. Cândida — Sim, nomeadamente os workshops ou ateliers que podemos ter muitas vezes podem ser para adultos e para crianças, em simultâneo. Tivemos um workshop de pop-ups ao qual assistiram também crianças, claro que não tiveram a mesma rentabilidade que um adulto, mas foram bem-vindas.

Joana — Passamos então para a penúltima pergunta que tinha preparada para esta entrevista, que diz respeito à definição de banda desenhada. Já falámos do que entendia por literacia visual, portanto agora queria saber o que para si é a banda desenhada e o que pensa da mesma.

Dra. Cândida — A banda desenhada, como a maioria das pessoas diz, é a história contada em quadrinhos, não falando na expressão brasileira, mas refiro-me mesmo aos quadrinhos que compõem a banda desenhada, que possam ser, ou não, acompanhados por texto ou legenda, sendo a própria imagem que fala por si.

A banda desenhada é outra forma de comunicação, mais lúdica, por vezes mais apelativa, que tem o mesmo intuito de nos dar conhecimento. [...] Muitos leitores que nós temos por vezes nos dizem que aprenderam a ler através da banda desenhada e, muitos que hoje em dia são pais, tentam fazer da mesma maneira com os seus filhos, de uma forma mais

lúdica e daí termos não só banda desenhada na Bedeteca, como também a ilustração. Temos outras maneiras de as crianças aprenderem. [...]

Só uma ressalva, quando falei na Fanzineteca, no nosso caso a Fanzineteca foi criada porque tem a ver com banda desenhada, mas um fanzine pode ser de vários temas, como poesia, música, e no nosso caso é só direcionado para a banda desenhada.

Joana — Seguimos então para a nossa última questão. Conforme já tem conhecimento, durante a nossa investigação encontrámos artigos que referiam a utilização da banda desenhada no desenvolvimento de algumas capacidades, nomeadamente ao nível do Ensino e das bibliotecas escolares, contudo ao nível da biblioteca pública não encontrámos muita literatura nesse sentido. E, tendo isto em conta, a questão é: a Biblioteca Pública, nomeadamente o serviço da Bedeteca, acrescenta algo relativamente ao que é feito nas bibliotecas escolares?

Dra. Cândida — Sim, porque a biblioteca escolar não tem este volume de álbuns que nós temos, daí que seja uma biblioteca escolar e não uma bedeteca, e sempre que vêm cá turmas incentivamos e mostramos tudo o que se pode fazer com a banda desenhada. As visitas guiadas que temos não são só à Biblioteca, são também ao espaço da Bedeteca e damos ênfase ao que se pode fazer a partir da banda desenhada, porque no ensino, nas bibliotecas escolares, nomeadamente no primeiro ciclo, o que se dá de banda desenhada é um capítulo, e isso é muito pouco, só se a pessoa tiver algum interesse, ou pais que os tragam para este tipo de sítios, ou têm eles próprios banda desenhada, porque senão passalhes um bocadinho ao lado o que é uma banda desenhada. Muitas das vezes, e falo por experiência, a banda desenhada não foi falada na escola, o que quer dizer que nós aqui temos um papel fundamental que é trazer outra realidade, não só do texto, onde temos a informação e o nosso conhecimento, mas na parte da Bedeteca nós podemos também de uma forma lúdica (e aqui também entra a literacia visual) dar essa informação e transmitir conhecimento. E é de outra maneira que se ensina. Não quero com isto dizer que seja só o ensino da leitura, como referi anteriormente, o que nós também pretendemos com o nosso atelier é o ensino da História de Portugal. Não é a leitura em si, mas sim conhecer, ensinar a História de Portugal de outra maneira. Nós complementamos muito as bibliotecas escolares.

Joana — Pois o que encontrámos em termos de literatura e ao nível do ensino eram temas como “a utilização da banda desenhada no ensino da geografia”, “no ensino da história”, foi mais nesse sentido.

Dra. Cândida — Pois, lá está, são temas que são um bocadinho mais massudos, e que se for feito de uma maneira diferente e que não seja só estarmos a falar de dados, mas fazê-lo de forma lúdica, ou seja, através da literacia visual, as crianças captam mais a atenção esse calhar esse conhecimento.

Joana — Não só porque têm mais facilidade de compreender, se calhar, através da imagem do que ao ler um longo texto, mas também acaba por ser mais cativante para elas.

Dra. Cândida — Sim, exatamente.

Joana — Há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar?

Dra. Cândida — Não, não.

Joana — Então terminamos assim a nossa entrevista. Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração.

Transcrição do inquérito por entrevista gravado via zoom no dia 8 de março de 2022.

Entrevistadora: Joana Ramos Mendes

Entrevistada: Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedoteca de Beja

Contexto da entrevista: Mestrado em Ciências da Documentação e Informação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - trabalho final sobre a utilização da banda desenhada para o desenvolvimento da literacia visual nas bibliotecas públicas, sob a orientação da Prof.^a Teresa Costa.

Joana — Antes de mais queria agradecer-lhe a sua disponibilidade por estar a colaborar no nosso trabalho. Conforme falámos anteriormente, a presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um Estudo de Caso, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação. Esta entrevista tem como foco compreender o contexto das bibliotecas públicas e bedotecas, e qual o papel da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual. Desta forma começo com a primeira pergunta, se me souber responder.

Inicialmente pensei que a Biblioteca e a Bedeteca estivessem ligadas.

Dr. Paulo Monteiro — Não, não. É um equipamento municipal, pertence à câmara, mas tem essa característica, como, aliás, outras bedetecas no país, devido a motivos muito específicos que têm a ver com o trabalho das próprias bedetecas. É certo que se trata de livros. Nós se formos a uma biblioteca encontramos todo o género de livros. Se formos a uma bedeteca, é uma biblioteca muito específica de livros de banda desenhada, e depois o trabalho que é feito a partir dos livros de banda desenhada e da banda desenhada propriamente dita também é um trabalho muito específico com características muito próprias.

Joana — Também devido às próprias características da banda desenhada?

Dr. Paulo Monteiro — Sim. Eu até posso explicar um bocadinho como surgiu a Bedeteca. Nós começámos em 1996 a fazer um atelier de banda desenhada na Casa da Cultura. Apareceram muitos jovens, era eu que dava o atelier. [...] Faz este ano em outubro 26 anos que começou o atelier. [...] Apareceram muitos jovens que gostavam de banda desenhada, mas estavam sozinhos em suas casas, mostravam os seus trabalhos ao pai, à mãe, ao amigo. E então a ideia de um atelier acabou por potenciar muito a criatividade destes autores, acabámos por nos encontrar durante anos a fio, duas vezes por semana, para fazermos os nossos trabalhos, uma vez que também desenho. [...] Nós na altura éramos uns 20 e boa parte desses 20 jovens, hoje continua a trabalhar com o atelier de banda desenhada, que se mantém. Uns gostavam mais de banda desenhada americana, outros de um tipo de banda desenhada mais intimista, outros de uma banda desenhada mais alternativa. O mundo da banda desenhada, como o mundo da literatura ou do cinema, é muito diversificado em si mesmo. Muitas vezes as pessoas conhecem o Asterix, o Homem-Aranha, o Pêpe, que fazem parte desse universo, mas se imaginarmos que a banda desenhada é uma piscina cheia de água, estes personagens - e nem falo de autores - são uma gota de água num mundo muito diversificado. Há banda desenhada para todos os gostos e todas as idades, para todo o tipo de sensibilidades, embora estes personagens sejam, na verdade, os mais conhecidos, e, para o bem ou para o mal, são também o rosto da própria banda desenhada. [...] Como eu estava a dizer, [...] o atelier tinha uma coisa engraçada que era: cada pessoa desenvolvia o trabalho que tinha a desenvolver, fazia as histórias que estava a fazer. Na altura havia outros ateliers, como o da Gulbenkian, etc., e que dava uma série de exercícios, mas eu, como também desenhava, pensava: “não me

apetecia nada ir para um atelier e tivesse que fazer exercícios, eu gostava de ir para um atelier dar corpo às minhas ideias”. E foi isso que aconteceu. As pessoas faziam as suas histórias. Eu levava muitos livros de autores diferentes, íamos muitas vezes a Lisboa ao Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, íamos a várias lojas especializadas que nos anos 90 já existiam, íamos à Bedeteca de Lisboa que era um espaço maravilhoso. Na altura estava instalada no Palácio do Contador-mor, nos Olivais, tinha uma série de valências fantásticas, salas de leitura, exposições, era uma coisa muito incrível. Íamos a alguns festivais em Espanha, enfim. E tudo isto é muito inspirador para os autores, porque de repente a pessoa está aqui em Beja em casa a desenhar sozinha e passados 3 ou 4 meses está num autocarro a caminho de Barcelona para ir ver um festival de banda desenhada com autores do mundo inteiro – isto é muito inspirador. [...] Estes ateliers eram dados no âmbito da câmara, a Casa da Cultura, e houve uma altura que surgiu a necessidade de dar um contexto mais profissional a estes jovens, e aí surgiu a ideia de criar uma bedeteca. A Bedeteca de Beja foi criada em 2005, logo com o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja. Mas a bedeteca no fundo é o quê? É uma biblioteca especializada que cumpre aquele serviço normal de todas as bibliotecas, que é o empréstimo de livros, as pessoas podem ir à bedeteca e sentar-se a ler ou levá-los para casa. Possui todo o tipo de banda desenhada, muitas vezes banda desenhada que não é publicada em Portugal, em inglês, em francês, em italiano, em espanhol, se bem que o que tem mais saída hoje em dia é o inglês e o espanhol. [...] Temos muita coisa publicada em português, e muita que aparece em estrangeiro. O nosso mercado, em Portugal, como é muito pequeno, muitas vezes um autor estrangeiro muito reconhecido publica um livro em francês ou em inglês e muitas pessoas em Portugal acabam por comprar logo esse livro. Quando ele sai em português há menos gente a comprar. Se bem que nos últimos 10/15 anos o panorama modificou-se bastante e para melhor. Como eu dizia, nós cumprimos esses requisitos básicos - emprestar livros, ter uma sala de leitura na Bedeteca — mas fazíamos muito mais, e muito mais era o quê? Fazíamos e fazemos exposições temporárias ao longo de todo o ano, houve uma altura em que chegávamos a ter na Casa da Cultura 4 ou 5 exposições temporárias ao mesmo tempo. Convidávamos os autores para virem cá, fazíamos *workshops*, falávamos da relação entre a banda desenhada e o cinema, passando alguns filmes, entre a banda desenhada e a literatura, fazíamos uma série de ateliers para jovens/ crianças, programávamos as saídas. E mantínhamos sempre esse trabalho muito ativo, tanto que na Bedeteca tínhamos, e temos, estiradores, caixas de luz para as pessoas poderem desenhar. Aliámos as características de uma biblioteca

normal, com as características de um atelier, e quando juntámos isto tornou-se numa coisa mágica, porque muitas pessoas continuam a ir desenhar à Bedeteca, às vezes vão lá e só estão a ler, outras para escrever, outras para estudar. Mas o ambiente é muito engraçado e tem realmente esta característica de apelar um bocadinho à criatividade. E quando eu estava a falar de termos muitos ateliers, tínhamos, e temos, o Atelier de Banda Desenhada, o Atelier de Ilustração, o Atelier de Ilustração Científica, o Atelier de Desenho, enfim [...].

Mantivemos desde 2005 até agora o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja por onde têm passado os autores mais importantes do mundo [...]. É realmente um festival muito reconhecido a nível nacional e internacional. Sempre que anunciamos o festival em Beja - começa dia 27 de maio - há notícia do festival numa série de países e revistas da especialidade e um pouco à volta do mundo. Passam por cá os autores mais famosos do mundo, sendo que temos como princípio um princípio muito engraçado que é trazer os autores mais famosos do mundo e, trazer os portugueses mais famosos. Para lhe dar uma ideia, temos cerca de 200 autores de banda desenhada a trabalhar em Portugal. Desses 200, só meia dúzia vive da banda desenhada, nomeadamente os que trabalham para o estrangeiro. Mas temos muita gente a desenhar, muitas publicações, no mercado do livro temos cerca de 70 editores presentes. As pessoas às vezes não têm esta ideia. 70 editores é muita gente a publicar banda desenhada. Algumas editoras são muito grandes, como a Asa, outras como a Jean têm no seu catálogo 3 exemplares, 3 livros que lançaram, mas a verdade é que existe essa pujança. Como eu estava a dizer, trazemos autores mais famosos de Portugal e do estrangeiro, e também os menos famosos. [...] Temos uma exposição do Mesièrè, que é um autor fantástico conhecido da Austrália até [...] à argentina, e ao lado pode ter um autor que lança o seu primeiro fanzine, a sua primeira publicação não profissional, a sua primeira revista, o seu primeiro livro, e quase ninguém conhece, inclusivamente em Portugal. O tratamento que damos é igual [...], não fazemos tratamento VIP, as pessoas são todas tratadas da mesma maneira, e fazemos por mantê-las muito no festival e à volta do mesmo, com lançamentos, conferências, apresentações de livros, visitas às exposições, concertos. O nosso festival por exemplo, encerra às 4 da manhã nos 2 primeiros dias e temos uma série de concertos desenhados na rua, em que temos os músicos a tocar e os autores de banda desenhada a desenhar ao vivo e a serem projetados num ecrã gigante [...], e fazemos uma coisa eu acho que tem muita piada, que é só pedimos aos autores 1h30 de autógrafos durante o fim de semana inteiro. Claro que

eles depois podem dar a quem pedir, mas têm aquela “obrigação” de estar 1h30 a dar autógrafos, fazerem conversa na Bedeteca durante 30 minutos e o resto do tempo os autores estão à sua vontade. Ora, o que é que eles fazem? Vão [...] falar com os leitores, que é uma coisa que normalmente não acontece na maior parte dos festivais europeus, por vários motivos, muitas vezes as organizações agarram nos autores e levam-nos a passear. E nós tentamos que eles fiquem por aqui. Para os autores tem sido espetacular, porque eles muitas vezes não falam com quem os lê e em Beja têm essa possibilidade. No festival de Beja temos todos os anos cerca de 10 mil visitantes, o que é muita gente para uma cidade como a nossa que não é muito grande, e ainda por cima não faz parte de nenhuma área metropolitana como Lisboa ou Porto. Nós estamos a 60 km da fronteira espanhola. Portanto é muito importante que consigamos atrair cá as pessoas, e que consigamos ter este tipo de oferta para as pessoas de Beja, para os jovens e não só, isso é fundamental e tem corrido muito bem. Nós temos falado do festival de Beja um bocadinho por toda a europa, a convite da organização de vários eventos na Dinamarca, França, Espanha, Polónia, Bélgica, um bocadinho por todo o lado. É importante também para divulgar a nossa cidade, o trabalho dos autores e temos, inclusivamente, feito muitas exposições de autores de Beja, em Portugal, por todo o país e também no estrangeiro. Uma coisa muito importante que ainda não referi, é que nós dentro deste leque de ofertas, se calhar umas das coisas mais importantes que fazemos é publicar os autores, falo dos autores de Beja, mas as nossas publicações não estão fechadas aos mesmos, não pedimos o BI para ver o local de nascimento. [...] Temos autores de todo o país e também do estrangeiro, mas o nosso objetivo é realmente promover a criatividade a nível local e temos conseguido ser. O *Venham mais 5* é um fanzine, e é a publicação mais premiada de sempre da história da banda desenhada portuguesa, e temos também a coleção Toupeira que publica em nome do atelier, chama-se Toupeira Atelier de Banda Desenhada. A coleção Toupeira publica autores emergentes a nível nacional e depois temos mais algumas edições pontuais. Isto é muito importante porque é a única maneira de dar a conhecer os autores: ou expô-los ou publicá-los e tentar que essas publicações depois sejam bem distribuídas. É um bocadinho este o trabalho que temos feito. [...]

Joana — O festival, tendo autores famosos e outros menos conhecidos, acaba por lhes dar mais destaque tanto em Portugal como, talvez, no estrangeiro.

Dr. Paulo Monteiro — Sim, nós fazemos muitas vezes ou quase sempre [...] uma exposição com os autores do atelier de Beja. Uma exposição coletiva. Neste momento

somos 32 autores de banda desenhada em Beja, [...] e temos feito muitas exposições individuais com os autores de Beja, mas não apenas por serem de Beja. A Bedeteca é um equipamento municipal, o festival é organizado pela Câmara, é importante que divulgue os valores locais. Mas este trabalho não é só feito por serem de Beja, mas por serem autores espetaculares que fazem um trabalho espetacular. [...] As coisas estão a correr relativamente bem nesse sentido e temos muitos projetos para o futuro, que é o mais importante.

Joana — Nomeadamente o museu de banda desenhada.

Dr. Paulo Monteiro — Nomeadamente o museu. A ideia do museu surgiu de uma forma muito engraçada porque primeiro a não existência de um museu de banda desenhada correspondeu sempre a uma certa admiração da nossa parte, porque nós fomos dos primeiros países do mundo a ter banda desenhada, teremos sido o 5.º ou 6.º país no mundo a ter banda desenhada publicada.

Joana — Só que não foi o que teve mais destaque, talvez por isso fique um bocado mais para trás.

Dr. Paulo Monteiro — Sim, e tem a ver, por exemplo - nós reparamos muito nisto —, quando vamos a Espanha, a França ou à Bélgica, ou até mesmo Inglaterra ou Itália, a atenção que é dada à banda desenhada e aos autores de banda desenhada é muitíssimo diferente. A nossa realidade é, se calhar, mais parecida com a realidade da Polónia, da Hungria ou da Roménia, estamos mais perto disso. Mas destes países da Europa do Sul, Central [...] e um bocadinho da Europa do Norte [...], a importância dada à BD é enorme. Os autores de banda desenhada são muitas vezes tratados como verdadeiras estrelas, como se fossem realizadores de cinema muito famosos. A realidade é muito diferente. Quando eles editam um livro, os mais conhecidos ou reconhecidos, os números contam-se em milhares e milhares de vendas. Os festivais são, muitas vezes, inaugurados pelos ministros da cultura dos respetivos países, têm uma cobertura televisiva enorme. Portanto é uma realidade diferente, como é diferente a outros níveis, do ponto de vista cultural. Nós ainda estamos longe dessa situação, não só em relação à banda desenhada, mas em relação a outras artes também. Claro que a banda desenhada em Portugal tem um estatuto ainda diferente, é encarada muitas vezes, mesmo por pessoas da cultura, [...] como uma arte popular muito virada para o público infantil, e era aquilo que estava a dizer logo do início. As pessoas conhecem o Batman, o Homem-aranha, e pensam que a banda desenhada se circunscreve àquele tipo de banda desenhada que, dentro do seu género, é espetacular. Os

super-heróis não são nem mais nem menos do que os heróis da Grécia antiga transfigurados. E o facto de ser cultura popular, o cinema também é, a ópera durante muitos anos também o foi. Portanto, não é por aí. Mas realmente o estatuto da banda desenhada [...], no nosso país, por muitos motivos, ainda não é aquilo que devia ser. Isto depois reflete-se a vários níveis. A não existência de um museu também. Se nós pensarmos, a primeira banda desenhada portuguesa foi publicada em 1850, e se nós pensarmos que passaram pela banda desenhada autores como Rafael Bordalo Pinheiro, [...] o Almada Negreiros, o Júlio Resende, o Carlos Botelho, enfim, por aí fora. São grandes vultos da cultura portuguesa, que, entre várias coisas, fizeram banda desenhada. [...] E têm trabalhos maravilhosos na área da banda desenhada. Inclusivamente, hoje, a produção é fantástica. Nós não temos mercado, na verdadeira acessão da palavra, temos se calhar 10/11/12 autores que desenham maioritariamente para o mercado americano, alguns para o mercado francês. Em Portugal, pessoas que a viver exclusivamente da banda desenhada é muito difícil. Na verdade, não conheço nenhuma. Fazem banda desenhada e ilustração, muitas vezes maioritariamente ilustração. Mas fazer banda desenhada é muito trabalhoso. Uma banda desenhada é mesmo, mesmo, mesmo muito trabalhosa. Eu faço muitos ateliers nas escolas com os miúdos e muitas vezes pergunto-lhes na brincadeira: “há 500 anos atrás a televisão era a preto e branco, ou a cores?” e eles dizem todos “a preto e branco”, mas há 500 anos atrás estávamos muito longe de imaginar o que era uma televisão. Isto para lhes mostrar que quando fazemos banda desenhada temos que saber um bocadinho de tudo, e quando é banda desenhada histórica é preciso saber como se desenha os sapatos, como eram os garfos, os telhados, as chaminés das casas, os pratos, o vestuário, os botões, enfim.

Joana — Envolve o mesmo estudo que, por exemplo, realizar um filme.

Dr. Paulo Monteiro — Exatamente, a mesma coisa. [...] Como eu estava a dizer, como não tínhamos mercado em Portugal e não temos, temos muitos autores a trabalhar, alguns para o estrangeiro, mas as pessoas não vivem disto, é muito difícil viver disto. [...] Mas isto passa um bocadinho por tudo, não só pela banda desenhada. Mas como nós não temos mercado, como as pessoas não ganham dinheiro a fazer banda desenhada [...] o que acontece é que as pessoas desenham o que têm vontade de desenhar, fazem o que querem fazer, arriscam o que querem arriscar. Então, do ponto de vista autoral, artístico, a nossa banda desenhada é verdadeiramente muito, muito rica. Nós temos autores a trabalhar desde as histórias mais intimistas, histórias do quotidiano, até autores que trabalham à

moda da banda desenhada japonesa, temos autores a fazer tudo para toda a gente e os circuitos existem. Muitas vezes não são circuitos profissionais, mas sim amadores, que depois tocam nesta coisa dos festivais, de estarem lá presentes, às vezes são publicados por editoras maiores, alguns são distribuídos junto com jornais, [...] mas, consegue-se de alguma forma estar presente, sem a visibilidade que era bom que tivéssemos. [...]

A banda desenhada e a arte, de uma maneira geral, são um antídoto contra a solidão e isso é muito importante. [...] é uma coisa que nos ajuda a viver, e essa também é a função da literatura e das bibliotecas, passa tudo um bocadinho por aí, nós é que por vezes nos esquecemos. [...] O importante é muito simples, é a felicidade das pessoas. [...]

Joana — Falou nesse atelier, inicialmente era um atelier para os mais jovens, ou era para todas as idades?

Dr. Paulo Monteiro — Comecei logo a fazer um atelier para idades à volta dos 7 anos até aos 12/13 anos. Depois, dos 13 para cima, portanto era um atelier em que, na altura, os jovens tinham 17/18/19 anos. Acho que a pessoa mais jovem de momento tem 17 anos, e o mais velho tem 58. [...] Há uma grande diversidade de idades. Presencialmente, estão sempre 13/14/15 pessoas, mas no total somos mais de 30, portanto são pessoas muito diferentes, até do ponto de vista profissional. [...] Mas com muita coisa em comum, entre elas a banda desenhada. [...] Nós fazemos ateliers nas escolas, já fizemos muitos em infantários também. As crianças só fazem círculos ou quadrados, mas fazem uma história. A banda desenhada na essência é contar uma história ou desenhar uma sequência através de imagens em sequência. Portanto, se uma pessoa desenhar um círculo em várias situações, desde que conte uma história, faça uma narrativa, está a fazer banda desenhada. Das crianças do infantário aos idosos dos lares fizemos muitas bandas desenhadas, coisas espetaculares. [...] Temos feito também alguns ateliers na prisão, que resultaram em histórias de banda desenhada bem difíceis, mas isso também demonstra que a banda desenhada espelha a vida das pessoas. [...]

Joana — Relativamente à missão da Bedeteca e os seus objetivos...

Dr. Paulo Monteiro — O nosso objetivo principal é divulgar a banda desenhada, divulgar todo o tipo de banda desenhada, de temáticas, todas as épocas, do ponto de vista gráfico todas as experiências imagináveis desde a banda desenhada mais clássica à mais alternativa, à banda desenhada abstrata - também existe banda desenhada com uma série de características do setor do abstracionismo. [...] Isto promove a criação a nível local.

Claro que uma coisa não se faz sem a outra, é essencial para os criadores locais terem acesso a tudo isto, e faz sentido divulgar uma vez que há muita gente a desenhar e a ler aqui em Beja. Quando falo em Beja é uma Beja muito alargada, engloba pessoas daqui da cidade, mas também de Serpa, de Moura, de Castro Verde, que se juntam aqui à quarta feira. Vem gente um bocadinho de todo o lado, assim num raio de 50 quilómetros [...]. E mesmo o trabalho da Bedeteca é feito muito no sul do país. Trabalhamos em mais de 40 concelhos, muitos do sul, Alentejo e Algarve, mas também no Porto, em Coimbra, Viana do Castelo, Aveiro, enfim, um bocadinho por todo o país. Mas é essa a missão, divulgar e apoiar a produção local.

Joana — E através dos ateliers...

Dr. Paulo Monteiro — E da publicação, muito da publicação também. Porque os ateliers são muito importantes para as pessoas fazerem, mas a ideia é não ficarem guardados, mas publicados e distribuídos. [...] O trabalho da Bedeteca é muito importante, não só porque fazemos muitas exposições por todo o país, mas também em Espanha, França, Bélgica, para além das conferências sobre a história da banda desenhada portuguesa, sobre o festival, sobre a Bedeteca. [...]

Joana — Relativamente às atividades infantis que têm na Bedeteca, disse-me que também há esses ateliers, neste caso a minha questão seria o que é que essas atividades direcionadas para o público infantil procuram desenvolver nas crianças.

Dr. Paulo Monteiro — Nenhum de nós tem formação específica como animador, então apostamos muito na criação de laços emocionais com o próprio espaço. Queremos que seja uma recordação gira, que gostem de lá estar, mas é uma coisa muito simples, a nossa ideia é transmitir os princípios básicos da banda desenhada, ensinar às crianças como se faz uma banda desenhada, mesmo do ponto de vista técnico. [...] Trabalhamos com eles ao nível do texto, é importante que não se diga no texto o que está na imagem e vice-versa. [...] A banda desenhada resulta do equilíbrio entre a palavra e o desenho, sendo que a palavra não tem de estar escrita [...]. Tentamos transmitir mais o conhecimento básico: como é uma cara a rir, como se identifica uma cara a rir [...]. Mostrar-lhes quais são os sinais convencionais que se usam na banda desenhada, nomeadamente na banda desenhada de carácter cómico, como quando uma pessoa está zangada e tem uma nuvem na cabeça com relâmpagos [...]. Isto não é feito de uma forma muito científica, mas de forma mais lúdica e tem funcionado bem, porque a aprendizagem das crianças do ponto de vista de uma imagem gráfica não se faz só nesta altura, nem só na Bedeteca, mas sim

ao longo do dia, na televisão, nos cartazes, nos jogos [...] na verdade eles estão sempre em formação, estão num processo de aprendizagem contínua.

Joana — Exatamente, no nosso trabalho também mencionamos isso, inclusive damos o exemplo dos videojogos. [...]

Como disse não têm uma base científica, mas no programa da Bedeteca existe alguma atividade que tenha sido pensada como direcionada para o desenvolvimento das literacias?

Dr. Paulo Monteiro — Nunca fizemos isso na Bedeteca. [...] Não temos nem capacidade, conhecimento ou sequer pessoas para fazer isso. [...] no fundo é o que fazemos, mas pronto. Sei que a biblioteca tem tido essa preocupação e penso que tem feito esse trabalho, mas é uma estrutura com outra capacidade [...]. É diferente do que acontece na Bedeteca. [...]

Joana — Queria saber o que entende por literacia visual?

Dr. Paulo Monteiro — Temos que olhar para uma imagem, identificá-la, identificar aquilo que cada parte da imagem quer dizer por si, e a relação que os elementos da imagem têm uns com os outros. [...] Imagino que funcione também ao nível da cor, e no fundo é um bocadinho isso que fazemos, mas o meu conhecimento não é muito maior do que isto.

[...]

Joana — E como é que define a banda desenhada?

Dr. Paulo Monteiro — É uma maneira de contar uma história através de imagens em sequência. Uma história, um acontecimento, transmitir uma emoção, sempre através de imagens em sequência - a sequência é fundamental. Podem ser só duas imagens, mas têm de estar em sequência, senão já é apenas ilustração ou desenho. Aliás, a própria etimologia da palavra significa isso: banda vem do inglês “*strip*”, que significa “tira desenhada”. Portanto, uma sequência de desenhos que de alguma forma se encaixam uns nos outros, e que entre um desenho e outro podem simular um movimento, mas são imagens paradas, claro, depois o leitor faz a relação entre ambos. O leitor tem um papel importante na leitura da banda desenhada, pois é ele que relaciona as vinhetas umas com as outras. [...] Com a sua imaginação. Claro que é o desenhador que propõe a ligação, mas é o leitor que a faz. [...]

A banda desenhada é uma arte muito antiga, foi encontrada há uns tempos uma história numa caverna que apresentava uma sequência. [...] Os historiadores falam de banda desenhada, mas muitas vezes, falam da proto-banda desenhada, aquilo que está antes da banda desenhada, e isso remonta à pré-história e são imagens desenhadas em sequência que representam um acontecimento - pinturas rupestres. A Coluna de Trajano, em Roma, tem o percurso todo, a Tapeçaria de Baieux, os livros de horas da idade média [...], a azulejaria [...]. É isto a proto-banda desenhada, é isto que vai dar origem depois à banda desenhada. [...] Num certo sentido a banda desenhada é fruto da evolução da tecnologia, porque sai publicada nas revistas e nos jornais, mas não é necessário ser publicada para ser banda desenhada. [...] Por uma questão de arrumação é mais fácil falar de banda desenhada a partir do primeiro quartel do séc. XIX, a partir do momento em que é publicada nas revistas e jornais. Mas muitas vezes é só por uma questão de arrumação, porque esta questão acaba por ser muito mais complexa do que parece e mais extensa a nível temporal.

Joana — Passamos, assim, à última questão. Durante a investigação encontramos alguns artigos que referiam a utilização da banda desenhada para o desenvolvimento de algumas capacidades, nomeadamente ao nível do Ensino e das bibliotecas escolares. Tendo isto em conta, a minha questão é: de que forma é que este serviço da Bedeteca acrescenta algo comparativamente ao que é feito pelas bibliotecas escolares?

Dr. Paulo Monteiro — Acrescenta desde logo pelo contexto, por ser um sítio diferente que respira realmente banda desenhada. E depois porque as pessoas quando vão à Bedeteca normalmente encontram sempre autores, e isto para os mais jovens e crianças é uma coisa mágica. Para os adultos não será tão importante. [...] É uma sensação que nenhuma biblioteca escolar pode dar. [...] Há uma sala cheia de livros de banda desenhada, com caixas de luz, estiradores, é um sítio mágico que apela muito à criatividade, como dificilmente as bibliotecas escolares fazem. Não é só essa a sua função, têm milhares de funções, não é apenas essa. Depois é também a sensação, nós temos sempre livros disponíveis, folhas, lápis, é a sensação de que os miúdos podem chegar ali e fazerem o que lhes apetecer, literalmente. Depois é também uma sensação interessante, porque quando estão ali sabem que há mais uma série de gente, e muitos adultos que continuam a fazer aquele trabalho que eles estão a fazer ali, portanto não têm a sensação de que estão só a fazer um trabalho, têm a sensação de que aquele trabalho que estão a fazer, vão poder fazê-lo sempre, mesmo quando forem adultos, e isso também é um

acrescento importante para quem aparece ali e tem 7/8/9/10 anos, nós apercebemo-nos disso muito bem. Então os que adoram desenhar e adoram banda desenhada, ficam completamente vidrados na Bedeteca, é uma coisa mágica, um mundo mágico. É uma coisa muito engraçada para quem gosta de desenhar, a pessoa sente-se ali bem, é como se o seu trabalho contasse, e ali conta [...], ali é mesmo importante. [...] Se calhar parece pouco, mas isso acaba por cativar os miúdos e ser importantes para eles. [...] E vejo isso porque faço o atelier há muitos anos [...], o atelier surgiu há 25 anos, mesmo este para os mais miúdos e continuam a aparecer homens e mulheres [...] que ainda se lembram de quando andavam ali a aprender banda desenhada em miúdos, [...] muitos ficaram [...]. Muitos ainda se lembram do tempo em que tinham 9/10/11/anos e lembram-se de andar ali no atelier. [...] Portanto, aquilo ficou lá numa parte da memória e isso acaba por ter piada. [...] Alguns ficaram a trabalhar ali, como acontece hoje, com uma boa parte do Toupeira - começámos todos em 96, se calhar uns 4/5 ou 6 ainda são dessa altura. Se não existisse o atelier não sei o que teria acontecido [...] mas o mais normal era ter acontecido o que acontece na maior parte dos casos, as pessoas acabam por desanimar um bocadinho, como estão sozinhas vão desenhando menos, guardando na gaveta, até que um belo dia deixam de desenhar, e a nossa ideia é contrariar completamente isso. [...] Nós ali sentimos que fazemos parte de um todo, nenhum de nós está sozinho e todos contamos para que aquilo funcione, somos todos importantes, isso é uma coisa mesmo boa.

Joana — Tem algo que gostaria de acrescentar?

Dr. Paulo Monteiro — Queria agradecer mais uma vez por se ter lembrado da Bedeteca para o trabalho, para nós é muito importante, claro.

Joana — E eu agradeço, mais uma vez, a sua disponibilidade e colaboração.

Transcrição do inquérito por entrevista gravado via zoom no dia 9 de março de 2022.

Entrevistadora: Joana Ramos Mendes

Entrevistada: Maria Paula Santos, bibliotecária municipal da Biblioteca Municipal de Beja José Saramago

Contexto da entrevista: Mestrado em Ciências da Documentação e Informação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - trabalho final sobre a utilização da banda

desenhada para o desenvolvimento da literacia visual nas bibliotecas públicas, sob a orientação da Prof.^a Teresa Costa.

Joana — Antes de mais queria agradecer-lhe a sua disponibilidade e colaboração para este trabalho. Conforme lhe expliquei no email, esta entrevista esta entrevista está a ser realizada no âmbito de um estudo de caso para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação e a mesma tem como foco compreender dentro do contexto das bibliotecas e das bedetecas o papel da banda desenhada no desenvolvimento da literacia visual, e a mesma será gravada. E, assim, passamos à primeira questão: existindo a biblioteca pública, qual foi a necessidade de se criar uma bedeteca.

Dra. Paula Santos — Quando começam a surgir as bibliotecas, começam também a surgir algumas referências do que se pode fazer e algures no tempo surgiu para este município — porque a Bedeteca não foi criada pela biblioteca, foi criada pelo município, não foi uma iniciativa da biblioteca, mas sim da área cultural na época) — surgiram logo duas referências, uma era a Bedeteca de Lisboa e outras, não sei se exatamente nessa altura já existia a de Lisboa... Não me lembro quando essa foi criada, sabe?

Joana — Qual? A de Lisboa?

Dra. Paula Santos — Sim.

Joana — Não tenho presente de cor a data, mas penso que se refira à dos Olivais. Contudo o caso que estamos a estudar é a da Amadora.

Dra. Paula Santos — Essa é mais tardia. A dos Olivais é mais antiga.

Joana — Sim, sim. Para a nossa investigação não limitámos em termos de área, porque achámos que não fazia sentido, restringimos a nossa escolha pelo destaque que têm, e neste caso um dos elementos que dá grande destaque é o Festival de Banda Desenhada.

Dra. Paula Santos — Como eu estava a dizer, surge essa referência e surge, no município, o Dr. Paulo Monteiro interessado em desenvolver esse trabalho, portanto foi uma coisa natural, assim como foi natural a criação de um outro espaço, à volta dos jogos, uma espécie de biblioteca só com jogos.

Joana — Videojogos?

Dra. Paula Santos — Não, não, mesmo jogos de tabuleiro. O nome era Ludoteca. E criámos uma Ludoteca primeiro aqui na biblioteca, e depois no outro espaço. E, pronto, é nesse contexto de descobrir novos caminhos que surge a Bedeteca.

Joana — A Bedeteca, segundo o que o Dr. Paulo Monteiro me disse, foi criada em 2005. Relativamente à Biblioteca, ela é muito mais antiga pelo que consegui perceber.

Dra. Paula Santos — Esta Biblioteca é de 1874, mas aqui, desta biblioteca de rede de leitura pública, remodelada e moderna é de 30 de abril de 1993.

Joana — E qual é a missão da Biblioteca? E os seus objetivos?

Dra. Paula Santos — As bibliotecas municipais regem-se por um documento que é o *Manifesto das Bibliotecas Públicas*. Esta especificamente tem como mote/ como lema/ como missão uma frase que diz assim: “Numa cidade acordada, uma biblioteca sem sono”. É esse o nosso lema e, portanto, aquilo que fazemos vai para além dos serviços que prestamos, e de tentar prestá-los da melhor forma possível em diversos setores, como o setor de adultos, o setor infantil, o setor de periódicos. Já não temos setor audiovisual, esse desapareceu. Faz parte da Biblioteca, pois são documentos, mas durante muitos anos houve um setor audiovisual com cadeirinhas para as pessoas ouvirem a música, e sofás, mas isso depois foi desaparecendo, e agora finalizou mesmo em 2020, decidimos que já não fazia sentido ter esse espaço específico. O fundo documental existe, mas esse setor já não.

Como estava a dizer, para além desses serviços que prestamos aos utilizadores, trata-se, no fundo, de desenvolver um programa que começa com pais e bebés e termina nos adultos. Uma programação e desafios todos os meses que permitam e coloquem à disposição das pessoas conhecer autores, desenvolver competências, conhecer mais sobre determinados temas. Temos um ciclo de conferências de divulgação científica, um ciclo de conferências de divulgação e de literacia da saúde, uma programação mensal em torno da tradição oral, com as noites do contos, uma linha de trabalhos especificamente só sobre os autores locais; e, no fundo, criar comunidades à volta dessas oportunidades que nós criamos através da programação, o trabalho que fazemos com pais e filhos, é sempre com pais e filhos e depois temos uma linha de trabalho com a comunidade escolar, fazemos trabalho de mediação leitora junto da comunidade escolar do 1.º Ciclo, nas freguesias rurais. Portanto, a Biblioteca tem como objetivo desafiar e desassossegurar as pessoas, é esse o objetivo, manter a cidade acordada, promover a capacidade de reflexão, de análise

crítica, de um olhar. Sempre tivemos o entendimento de que as bibliotecas devem facilitar oportunidades e, ou dar oportunidade para as pessoas desenvolverem competências que lhes permitam poder ler o mundo. E é aí que nos movemos, é essa a nossa principal missão.

[...]

Joana — E através do programa e dos serviços e produtos, conseguem ter alguma perceção se estão a alcançar esses objetivos?

Dra. Paula Santos — Temos a perceção de que sim, pelo que as pessoas nos dizem, pelo que as pessoas depois nos dão de retorno. Por exemplo, recorde-me de um movimento que existe que é o seguinte: de há alguns anos para cá que vimos a verificar que aqueles jovens, crianças, pais, e familiares, que, entretanto, foram entrando na vida ativa, quando têm uma questão que precisam de ver resolvida, quer no seu trabalho, quer noutras circunstâncias, recorrem à Biblioteca, portanto a representação que ficou neles sobre o papel da Biblioteca reflete-se depois nesse criar laços com outras instituições. Durante muitos anos quisemos desenvolver um trabalho de literacia da saúde, pois achámos que era muito importante, e começámos a contactar a unidade local de saúde, médicos, enfermeiros, quisemos criar pontes e nunca deu em nada. Entretanto, a OMS começou a emitir o conhecimento de que os médicos ao insistirem sempre sobre o trabalho curativo, não vão nunca conseguir atingir os seus objetivos, porque não estão a conseguir incidir sobre melhores práticas de saúde individual que permita às pessoas prevenirem comportamentos de risco. Foi na época das literacias, começou a haver de tudo e ainda bem. Os próprios Objetivos de Desenvolvimento Sustentável [ODS] incidem muito sobre essa questão das competências relativamente às literacias e quando voltámos a esse tema, as pessoas começaram a acolher isso, e outras com as quais entrámos em contacto queriam colaborar e ainda outras que vendo essa necessidade e tendo sido utilizadores da biblioteca lembraram-se de que sozinhos não conseguiam atingir aqueles objetivos e procuraram a Biblioteca para o fazer, em conjunto com esse espaço, que é exatamente uma das suas funções.

Portanto, isto não deixam de ser perceções, agora saber se conseguimos atingir os objetivos são ações de longo curso, não são coisas de imediato. Todo o trabalho que nós fazemos com pais e filhos, começando com os bebés, nós percecionamos pelo que os pais dizem, com o avançar do tempo. Acompanhamos as crianças desde bebés até aos 7/8 anos, e de vez em quando temos umas ações concretas depois para os mais crescidos,

porque os recursos humanos também não são ilimitados e temos de escolher as faixas etárias com que trabalhamos, mas vamos tendo esse retorno, de que as pessoas se mantêm leitores, interessados, curiosos, que é o mais importante. E é esse o retorno que temos. Agora dizer que atingimos os objetivos já é necessário um estudo. [...] Nós tentamos ao máximo, em função dos nossos objetivos, que são manter as pessoas e a cidade acordada, e tendo em conta todas as questões da diversidade, da pluralidade, todas as questões que estão envolvidas no Manifesto da Unesco. Estes são projetos que temos são de continuidade, mas a Biblioteca não consegue fazer tudo de continuidade, por isso fazemos por vezes incursões, fruto de parcerias em áreas de trabalho em que não temos esse trabalho de continuidade, como com idosos, jovens. Se surgir oportunidade de fazer parceria com outras instituições ou organizações da cidade, que estão a trabalhar nessa área, nós não fazemos, estamos sempre dispostos a entrar nesses projetos, não conseguimos é fazer continuidade, porque isso implicava outros recursos.

Joana — Relativamente ainda ao programa e às atividades que a Biblioteca tem, existe algum, ou alguns, no qual a BD seja tema central?

Dra. Paula Santos — Não, aqui na biblioteca não. Existe a Bedeteca e, portanto, o trabalho de continuidade é feito por eles. Agora, o que fazemos aqui e sempre fizemos dentro desse universo das leituras e sobretudo não necessariamente para adultos é um trabalho focado exclusivamente em pais e filhos, mas como a literatura infantil tem uma componente de ilustração muito forte, e nós temos um fundo de livro de imagem, é o que usamos mais, pois é mesmo importante para este trabalho que também fazemos nesta construção do filho leitor e do pai leitor. [...] Para dizer que esse trabalho da literacia visual feito a partir da ilustração e de alguma exposição que serve como mote, uma espécie de guião para poder funcionar como elemento para se explorar o trabalho de mediação com os pais e filhos, e 90% ou mais das vezes a questão da literacia da imagem e da leitura dessa imagem é fundamental; e há uma das técnicas do setor infantil está mais vocacionada para a mediação leitora utilizando o livro e o texto, e a outra técnica, complementarmente, trabalha mais a imagem. Complementam-se as duas nesse trabalho de mediação.

Joana — A nível de atividades infantis que têm, o que procuram desenvolver nas crianças é, essencialmente, essa relação com a leitura...

Dra. Paula Santos — A leitura de texto e da imagem, isso é fundamental.

Joana — Então estas atividades de que me falou acabam por ser especificamente pensadas para o desenvolvimento da literacia visual?

Dra. Paula Santos – Sim, sim.

Joana — E existem outras atividades para outro tipo de literacias? Como me disse, existem muitas literacias. Sem ser para a literacia visual, ou da imagem existem atividades que desenvolvam outras literacias?

Dra. Paula Santos — Sim, temos essa da divulgação científica (da literacia da ciência) na qual todos os meses temos uma conferência sobre um tema e tem sido uma experiência muito interessante porque têm vindo jovens e pais cujos filhos querem seguir ciência, e temos trazido os nossos melhores cientistas portugueses, (é uma área muito difícil, porque temos cientistas fabulosos e comunicamos tão mal a nossa ciência) e como é natural também os próprios cientistas e investigadores têm ficado surpreendidos porque pensam: o que é que vou fazer ao Alentejo falar sobre não sei o quê? E depois chegam aqui e veem pessoas muito interessadas. As conferências são sempre à noite, às vezes chegamos a sair daqui às 2h da manhã, porque a conversa está mesmo muito interessante e as pessoas têm interesse em saber mais, é uma experiência muito interessante. Na área da literacia da saúde, depois destes tempos de pandemia, ainda não conseguimos retomar as conferências de saúde, temos ido retomando a nossa programação aos poucos. Fruto desta circunstância toda que vivemos, as pessoas estão menos disponíveis e menos curiosas. Há pessoas, claro, os que são mesmo curiosas, as outras que vinham de vez em quando, essas não estão, e esse é um dos grandes desafios das bibliotecas: como é que vamos recuperar a curiosidade das pessoas e a disponibilidade para estar em grupo, porque isto envolve partilha, envolve estar junto, envolve uma série de coisas com as quais as práticas diárias da vida das pessoas se quebrou. As pessoas já não estão disponíveis como estavam antes, por outros fatores também, mas este foi muito marcante.

Joana — Talvez por uma questão de segurança?

Dra. Paula Santos – Sim, mas não é só uma questão de segurança, é mais uma questão de disponibilidade mental, de se dar às coisas, de as pessoas se darem às coisas, e este período todo que se viveu quebrou essa disponibilidade das pessoas se darem a si próprias a oportunidade para descobrirem outras coisas que não seja no seu individualismo, porque isso sim as pessoas mantêm. Mas em grupo, conversar à volta de um livro, de um tema, com pessoas que vêm falar sobre esse livro ou tema já não. É mais a questão social e da

peessoa se dar a essa socialização. Se for na rua, ou para beber copos, é diferente e as pessoas estão, porque têm vontade de sair.

Joana — Falávamos há pouco especificamente da literacia visual, e já me deu alguma ideia do que pensa, mas queria saber o que entende por literacia visual?

Dra. Paula Santos — A literacia visual é a capacidade de olhar para uma expressão que pode ser artística, produzida por alguém e apreciá-la, tentar ler a mensagem, mas também sobretudo compreender o património que levou à construção daquilo, àquela expressão, o que é que aquilo significa para mim, o que significa para os outros, qual é a importância do que estou a ver, de modo a, inclusivamente, problematizar algumas coisas. E às vezes vejo nos museus, por exemplo, as pessoas a olharem para os objetos e para as peças de arte, com os olhos da contemporaneidade, exclusivamente. Ou seja, ter essa atitude de pré-conceito relativamente a tudo é, no fundo, ter a capacidade de ir destruindo pré conceitos relativamente às expressões, e isso só é feito se se conhecer não só as linguagens, como perceber o que estou a ver, para além do traço e observar esteticamente. [...] É no fundo enriquecer a pessoa para que possa sair da sua animalidade, e poder compreender os outros deliciando-se a si com aquilo que é possível ver com os nossos olhos.

Joana — Falou nos pré-conceitos e isso é algo que também existe relativamente à banda desenhada. Hoje em dia já não é algo tão evidente, mas continua presente. E eu gostaria de saber como define a banda desenhada e o que pensa sobre a mesma.

Dra. Paula Santos – Os pré-conceitos existem relativamente à banda desenha e existem relativamente à ilustração, se bem que, como diz e muito bem, nos últimos anos, em Portugal, isso tem mudado bastante. E estava a recordar-me, antes de ir à sua pergunta, que nós recebemos na biblioteca o espólio da Natércia Rocha [...]. Na década de 50/60, ela foi uma das grandes impulsionadoras, em Portugal, do livro infantil ser ilustrado, e levou diversos escritores portugueses, de literatura infantil, a conhecerem outros escritores em França e conhecerem essas outras realidades e trabalhou junto das editoras para que esses livros fossem ilustrados e considerarem o ilustrador como autor, e não só como alguém que faz os bonecos. E, portanto, esse trabalho de reconhecimento dessas expressões como não sendo apenas um anexo ao texto, foi ela que começou. Em relação à banda desenhada, é curioso que apesar de haver esse preconceito como uma literatura menor — já não há tanto, mas lembro-me de haver esse preconceito...

Joana – Até comparada aos livros infantis, nomeadamente aos livros de ilustração.

Dra. Paula Santos — Exatamente, até comparada com os livros de ilustração. O que acho curioso nisso é que a banda desenhada é tão antiga quanto o Homem. É mesmo curioso. Mas, reportando-me assim a uma época em que as coisas passam a papel, a forma como as pessoas tinham, na baixa idade média — já para não falar antes — de contar coisas, era com banda desenhada. Vendiam-nas ou davam, mas normalmente vendiam-se uns papéis onde se contavam as notícias de outros países e outras coisas que aconteciam, e isso era feito em banda desenhada. Portanto, a capacidade que o ser humano tem de ir subindo degraus e considerando que o que está para trás é para jogar fora, é que fez com que chegássemos a esse ponto na banda desenhada, porque ela teria tudo para ser, dentro da memória, a par, por exemplo, da tradição oral, como dois elementos absolutamente fortíssimos no nosso património cultural e enquanto pessoas nessa capacidade de contar as coisas. Depois, mais recentemente, existem estas outras coisas que também já existiam, mas agora foram recuperadas, que são as novelas gráficas. Estas estão a ter um grande impacto junto dos jovens e é muito interessante, porque vêm colar-se a esse aumento do prestígio da banda desenhada junto dos leitores. Tenho tendência para considerar que é do universo editorial que vem este preconceito, e não do leitor. Porque quando se fala com os leitores, a maior referência que estes têm são de terem começado a ler a partir da banda desenhada e dos livros de quadrinhos, que eram brasileiros na sua maioria, mas depois começa a haver traduções de outros, e agora mais “recentemente” banda desenhada portuguesa. E acho que isso foi mais a nível da Academia propriamente, do que da parte do universo dos leitores, esse desprestigiar. Assim como aconteceu com a novela. Era um género que existia, que hoje em dia, se se mantivesse, seria um sucesso, porque são relatos curtos que ao sabor daquilo que é também uma espécie de romance curto, e já ninguém faz novelas. Simplesmente porque do ponto de vista editorial só querem conto ou romance. Agora deve ser difícil, porque são técnicas que se vão perdendo, agora ou escrevem contos ou romances, mas ao longo dos anos surgiram-nos escritores que ousaram escrever uma novela e foi muito interessante, porque o público gostou muito, porque é curto. Há pessoas que gostam de misturar coisas longas com coisas curtas, e outras que só gostam de ler coisas curtas. [...]

Joana — Qual a sua definição de banda desenhada?

Dra. Paula Santos – É contar uma história pensando sempre como a contar como se fosse um filme, - também não posso dizer que não tem movimento mas vá - sem movimento, mas é um filme.

Joana — E, no fundo, o que é um filme?

Dra. Paula Santos — É uma história. É um conjunto de imagens. Pensando sempre em tornar físico, contar uma história sempre pensando em como torná-la física de modo que as pessoas vejam o que quero dizer. É curioso que existe um livro que se chama “O que vemos quando lemos”, que é muito interessante, porque fala do ponto de vista do leitor e fala do que ele vê quando lê, e normalmente compara-se essa questão quando nos clubes de leitura falamos das questões do livro e do filme, as pessoas dizem que ou gostam mais de um ou de outro. São duas linguagens, às vezes as pessoas confundem-nas e dizem que gostam mais de uma ou mais de outra, pela expectativa que tinham, porque o cineasta, o guionista, o que faz é uma leitura, ele é o leitor que traduziu essa leitura numa outra linguagem que é o cinema.

Neste caso, da banda desenhada, o que o autor faz é dar-nos logo o que é que nós vamos ver, apesar de haver outras coisas subentendidas, mas isso é a sua magia. Quando é um texto exclusivamente escrito somos nós que construímos os personagens e ali temos logo as personagens. Também não é um filme, só quis dizer que é uma história contada, como num filme, só que tem um movimento diferente de um filme. [...]

Joana — Tenho apenas mais uma questão: durante a nossa investigação encontrámos alguns artigos científicos e dissertações que referiam o uso da banda desenhada para o desenvolvimento de algumas capacidades, como a literacia visual, nomeadamente ao nível do ensino e das bibliotecas escolares. Tendo isto em conta, o que é que a Biblioteca Pública [...] acrescenta, comparativamente ao que é feito pelas bibliotecas escolares, neste caso mais especificamente ao nível do desenvolvimento das literacias, nomeadamente a literacia visual.

Dra. Paula Santos — O trabalho que nós fazemos, por exemplo, junto das escolas do 1.º Ciclo, quando começámos a fazer as reuniões com os professores, e nós já sabíamos que íamos encontrar isso, houve ali a ideia pré-concebida de que nós, para aqueles que não nos conheciam, nem ao trabalho que fazemos, íamos incidir por um lado sobre literatura que faz parte do programa – o que não fazemos - e, por outro lado que íamos fazer uma abordagem muito semelhante à que eles fazem dos textos literários, e portanto em relação

à questão da abordagem ser semelhante, não nos foi colocada esta questão. Mas questionaram se íamos incidir sobre os livros obrigatórios do PNL, [...] porque achavam que podiam dividir o trabalho e não é isso que fazemos. A literatura que abrangemos é a que for de inspiração para aquilo que se quer fazer, e não vamos pôr de lado um livro porque não pertence ao PNL. Por outro lado, o que fazemos, é um trabalho de mediação leitora, de sensibilização para o prazer da leitura, para a descoberta da leitura, e muito ligado à oralidade, que é também uma questão que nos é muito cara. [...] Nesta nossa visão das leituras do mundo, quando fazemos um trabalho, quer com pais e filhos, de continuidade, quer com os grupos escolares, estão envolvidas coisas como: competências de leitura, as questões da literacia visual, as questões da oralidade — do brincar com a forma como se diz as palavras, e inclusivamente através desses jogos, melhorar a expressão da oralidade —, a expressão corporal [...] porque isso tudo está envolvido na experiência de ler, portanto não conseguimos distinguir. [...] Claro que implica que o professor faça todo o outro trabalho de treino, da leitura, da interpretação do texto. E é esse trabalho integrado do ser humano que não se pode separar, pelo menos nós não conseguimos. A forma como olhamos, como tocamos, como nos exprimimos e conseguimos falar do que estamos a ler, ou conseguir ler para os outros, ou o nosso próprio corpo naquele espaço [...]. É uma questão muito global, exclusivamente ligada a uma competência. Por isso o nosso trabalho é mesmo complementar.

Joana — Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Dra. Paula Santos — Não, este trabalho que foi sendo construído ao longo dos anos, vamos refletindo sempre sobre ele, tentando ver quais são as coisas em que podemos melhorar. Gostava imenso num futuro de poder completar este ciclo que público-alvo, trabalhando e tendo um trabalho de continuidade dirigido aos jovens, mas de momento não conseguimos. [...]

Joana — Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração para este trabalho.

B. Tabela 3 – Síntese e categorização das respostas ao inquérito por entrevista

TABELA 3 *Síntese e categorização das respostas ao inquérito por entrevista*

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo (unidades de contexto)
I. Identificar os motivos que originaram a criação da bedoteca	Contexto da criação das bedotecas	<p>“A Amadora é considerada como a cidade da BD e tendo um festival internacional de banda desenhada, um dos melhores festivais internacionais do mundo, faz todo o sentido ter um apoio por de trás, porque o festival não é só as pranchas que se expõem, isso não é o festival em si [...] Há sempre uma parte comercial dos livros, da venda da banda desenhada que se faz naquele ano e nos anos anteriores. A Biblioteca da Amadora também tinha muitos livros de banda desenhada, e, nesse sentido, criou-se a Bedoteca. Antes de termos aqui a Bedoteca, existia o CNBD [Centro Nacional de Banda Desenhada], que deu lugar depois à Bedoteca. E foi nesse sentido que se criou a bedoteca, de modo a termos um espaço contínuo, o ano inteiro, em que as pessoas pudessem recorrer à banda desenhada. A bedoteca não tem só livros, tem uma parte expositiva, tem uma fanzineteca (espaço criado posteriormente), e digamos que faz todo o sentido nós termos a bedoteca integrada aqui na biblioteca. E foi nesse sentido de criar um espaço que ao longo do ano fosse visível e onde os amantes da banda desenhada pudessem recorrer também, apesar de as bibliotecas públicas terem no seu acervo banda desenhada, mas aqui é diferente, é um espaço próprio para ela. [...] Mas a Bedoteca não tem só essa questão, também trabalhamos a questão do visual. Mas como disse, nós na bedoteca não temos só livros de banda desenhada, também temos de cartoon e temos a ilustração, tanto portuguesa como estrangeira, por isso faz sentido a existência deste espaço próprio, a que se chama bedoteca, para darmos também visibilidade à imagem” – Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“Quando começam a surgir as bibliotecas, começam também a surgir algumas referências do que se pode fazer e algures no tempo surgiu para este município - porque a bedoteca não foi criada pela biblioteca, foi criada pelo município, não foi uma iniciativa da biblioteca, mas sim da área cultural na época) - surgiram logo duas referências, uma era a Bedoteca de Lisboa [...]. [...] surge essa referência e surge, no município, o Dr. Paulo Monteiro interessado em desenvolver esse trabalho, portanto foi uma coisa natural, assim como foi natural a criação de um outro espaço, à volta dos jogos, uma espécie de biblioteca só com jogos.</p> <p>[...] O nome era Ludoteca. E criámos uma Ludoteca primeiro aqui na biblioteca, e depois no outro espaço. E, pronto, é nesse contexto de descobrir novos caminhos que surge a bedoteca.” – Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável da Biblioteca de Beja</p> <p>“É um equipamento que pertence à câmara, um equipamento municipal, mas tem essa característica, como, aliás, outras bedotecas no país, devido a motivos muito específicos que têm a ver com o trabalho das próprias bedotecas. É certo que se trata de livros. Nós se formos a uma biblioteca encontramos todo o género de livros. Se formos a uma bedoteca, é uma biblioteca muito específica de livros de banda desenhada, e depois o trabalho que é feito a partir dos livros de banda desenhada e da banda desenhada propriamente dita também é um trabalho muito específico com características muito próprias. [...] Nós começámos em 1996 a fazer um atelier de banda desenhada na Casa da Cultura. Apareceram muitos jovens, era eu que dava o atelier. [...] Faz este ano em outubro 26 anos que começou o atelier. [...] Apareceram muitos jovens que gostavam de banda desenhada, mas estavam sozinhos em suas casas, mostravam os seus trabalhos ao pai, à mãe, ao amigo. E então a ideia de um atelier acabou por potenciar muito a criatividade destes autores [...] Estes ateliers eram dados no âmbito da câmara, a Casa da Cultura, e houve uma altura que surgiu</p>

		<p>a necessidade de dar um contexto mais profissional a estes jovens, e aí surgiu a ideia de criar uma bedeteca. A Bedeteca de Beja foi criada em 2005, logo com o Festival Internacional de banda desenhada de Beja. Mas a bedeteca no fundo é o quê? É uma biblioteca especializada que cumpre aquele serviço normal de todas as bibliotecas, que é o empréstimo de livros, as pessoas podem ir à bedeteca e sentar-se a ler ou levá-los para casa. Possui todo o tipo de banda desenhada, muitas vezes banda desenhada que não é publicada em Portugal, em inglês, em francês, em italiano, em espanhol, se bem que o que tem mais saída hoje em dia é o inglês e o espanhol. [...] Temos muita coisa publicada em português, e muita que aparece em estrangeiro.” – Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
--	--	---

<p>II. Caraterização das instituições</p>	<p>Missão e objetivos</p>	<p>“[...] a missão é a mesma, porque o intuito é sempre a difusão da leitura e digamos que não há diferença entre uma e outra. Uma aposta mais no livro em texto (a biblioteca) e a bedeteca no livro visual, mas a missão é a mesma.” – Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“As bibliotecas municipais regem-se por um documento que é o Manifesto das Bibliotecas Públicas. Esta especificamente tem como mote/ como lema/ como missão uma frase que diz assim: “Numa cidade acordada, uma biblioteca sem sono”. É esse o nosso lema e, portanto, aquilo que fazemos vai para além dos serviços que prestamos, e de tentar prestá-los da melhor forma possível em diversos setores [...] Portanto, a Biblioteca tem como objetivo desafiar e desassossegurar as pessoas, é esse o objetivo, manter a cidade acordada, promover a capacidade de reflexão, de análise crítica, de um olhar. Sempre tivemos o entendimento de que as bibliotecas devem facilitar oportunidades e, ou dar oportunidade para as pessoas desenvolverem competências que lhes permitam poder ler o mundo. E é aí que nos movemos, é essa a nossa principal missão.”</p> <p>“Todo o trabalho que nós fazemos com pais e filhos, começando com os bebés, nós percecionamos pelo que os pais dizem, com o avançar do tempo. Acompanhamos as crianças desde bebés até aos 7/8 anos, e de vez em quando temos umas ações concretas depois para os mais crescidos, porque os recursos humanos também não são ilimitados e temos de escolher as faixas etárias com que trabalhamos, mas vamos tendo esse retorno, de que as pessoas se mantêm leitores, interessados, curiosos, que é o mais importante. E é esse o retorno que temos. Agora dizer que atingimos os objetivos já é necessário um estudo. [...] Nós tentamos ao máximo, em função dos nossos objetivos, que são manter as pessoas e a cidade acordadas, e tendo em conta todas as questões da diversidade, da pluralidade, todas as questões que estão envolvidas no Manifesto da Unesco. Estes são projetos que temos são de continuidade, mas a biblioteca não consegue fazer tudo de continuidade, por isso fazemos por vezes incursões, fruto de parcerias em áreas de trabalho em que não temos esse trabalho de continuidade, como com idosos, jovens. Se surgir oportunidade de fazer parceria com outras instituições ou organizações da cidade, que estão a trabalhar nessa área, nós não fazamos, estamos sempre dispostos a entrar nesses projetos, não conseguimos é fazer continuidade, porque isso implicava outros recursos.” – Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca de Beja</p> <p>“O nosso objetivo principal é divulgar a banda desenhada, divulgar todo o tipo de banda desenhada, de temáticas, todas as épocas, do ponto de vista gráfico todas as experiências imagináveis desde a banda desenhada mais clássica à mais alternativa, à banda desenhada abstrata - também existe banda desenhada com uma série de características do setor do abstracionismo. [...] Isto promove a criação a nível local. Claro que uma coisa não se faz sem a outra, é essencial para os criadores locais terem acesso a tudo isto, e faz sentido divulgar uma vez que há muita gente a desenhar e a ler aqui em Beja. [...] Mas é essa a missão, divulgar e apoiar a produção local. [...] os ateliers são muito importantes para as pessoas fazerem, mas a ideia é não ficarem guardados, mas publicados e distribuídos.” – Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
---	----------------------------------	---

<p>III. Serviços e Produtos</p>		<p>“ Os serviços que a biblioteca tem são iguais aos da bedeteca, porque a nível de empréstimo domiciliário utilizam o mesmo sistema, porque ele tem um catálogo único, o cartão de utilizador também é o mesmo. Digamos que a nível de programação existe programação específica para a biblioteca e programação específica para a bedeteca. Digamos que interagem uma com a outra, mas têm programações diferentes.”</p> <p>“[...] os workshops ou ateliers que podemos ter muitas vezes podem ser para adultos e para crianças, em simultâneo. Tivemos um workshop de pop-ups ao qual assistiram também crianças, claro que não tiveram a mesma rentabilidade que um adulto, mas foram bem-vindas.” – Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“[...] aquilo que fazemos vai para além dos serviços que prestamos, e de tentar prestá-los da melhor forma possível em diversos setores, como o setor de adultos, o setor infantil, o setor de periódicos. Já não temos setor audiovisual, esse desapareceu. Faz parte da biblioteca, pois são documentos, mas durante muitos anos houve um setor audiovisual com cadeirinhas para as pessoas ouvirem a música, e sofás, mas isso depois foi desaparecendo, e agora finalizou mesmo em 2020, decidimos que já não fazia sentido ter esse espaço específico. O fundo documental existe, mas esse setor já não. [...] para além desses serviços que prestamos aos utilizadores, trata-se, no fundo, de desenvolver um programa que começa com pais e bebés e termina nos adultos. Uma programação e desafios todos os meses que permitam e coloquem à disposição das pessoas conhecer autores, desenvolver competências, conhecer mais sobre determinados temas. Temos um ciclo de conferências de divulgação científica, um ciclo de conferências de divulgação e de literacia da saúde, uma programação mensal em torno da tradição oral, com as noites do contos, uma linha de trabalhos especificamente só sobre os autores locais; e, no fundo, criar comunidades à volta dessas oportunidades que nós criamos através da programação, o trabalho que fazemos com pais e filhos, é sempre com pais e filhos e depois temos uma linha de trabalho com a comunidade escolar, fazemos trabalho de mediação leitora junto da comunidade escolar do 1º Ciclo, nas freguesias rurais.” - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“É uma biblioteca especializada que cumpre aquele serviço normal de todas as bibliotecas, que é o empréstimo de livros, as pessoas podem ir à bedeteca e sentar-se a ler ou levá-los para casa. Possui todo o tipo de banda desenhada, muitas vezes banda desenhada que não é publicada em Portugal, em inglês, em francês, em italiano, em espanhol, se bem que o que tem mais saída hoje em dia é o inglês e o espanhol. [...] Temos muita coisa publicada em português, e muita que aparece em estrangeiro. [...] cumprimos esses requisitos básicos - emprestar livros, ter uma sala de leitura na Bedeteca -mas fazíamos muito mais, e muito mais era o quê? Fazíamos e fazemos exposições temporárias ao longo de todo o ano, houve uma altura em que chegávamos a ter na Casa da Cultura 4 ou 5 exposições temporárias ao mesmo tempo. Convidávamos os autores para virem cá, fazíamos workshops, falávamos da relação entre a banda desenhada e o cinema, passando alguns filmes, entre a banda desenhada e a literatura, fazíamos uma série de ateliers para jovens/ crianças, programávamos as saídas. E mantínhamos sempre esse trabalho muito ativo, tanto que na bedeteca tínhamos, e temos, estiradores, caixas de luz para as pessoas poderem desenhar. Aliamos as características de uma biblioteca normal, com as características de um atelier, e quando juntámos isto tornou-se numa coisa mágica, porque muitas pessoas continuam a ir desenhar à bedeteca, às vezes vão lá e só estão a ler, outras para escrever, outras para estudar. [...] E quando eu estava a falar de termos muitos ateliers, tínhamos, e temos, o Atelier de Banda Desenhada, o Atelier de Ilustração, o Atelier de Ilustração Científica, o Atelier de Desenho, enfim [...]” – Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
<p>IV. Programa de atividades</p>	<p>Identificação de atividades para</p>	<p>“Procuramos dar-lhes a conhecer o que é a banda desenhada, porque a banda desenhada é outra forma de aprender não só a leitura, como a imagem (a leitura da imagem). Fazemos um atelier que tem a ver com a História de Portugal, e é baseado num autor de banda desenhada, o Artur Correia, que já faleceu, e tem a ver com a</p>

	<p>crianças e do seu objetivo</p>	<p>maneira como ele personaliza as suas personagens, pela maneira humorística como dá a entender todo o percurso da História de Portugal, e é nesse sentido que nós fazemos o atelier. Chama-se os Super-Heróis da História de Portugal.” – Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“Agora, o que fazemos aqui e sempre fizemos dentro desse universo das leituras e sobretudo não necessariamente para adultos é um trabalho focado exclusivamente em pais e filhos, mas como a literatura infantil tem uma componente de ilustração muito forte, e nós temos um fundo de livro de imagem, é o que usamos mais, pois é mesmo importante para este trabalho que também fazemos nesta construção do filho leitor e do pai leitor. [...] Para dizer que esse trabalho da literacia visual feito a partir da ilustração e de alguma exposição que serve como mote, uma espécie de guião para poder funcionar como elemento para se explorar o trabalho de mediação com os pais e filhos, e 90% ou mais das vezes a questão da literacia da imagem e da leitura dessa imagem é fundamental”- Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“Nenhum de nós tem formação específica como animador, então apostamos muito na criação de laços emocionais com o próprio espaço. Queremos que seja uma recordação gira, que gostem de lá estar, mas é uma coisa muito simples, a nossa ideia é transmitir os princípios básicos da banda desenhada, ensinar às crianças como se faz uma banda desenhada, mesmo do ponto de vista técnico. [...] Trabalhamos com eles ao nível do texto, é importante que não se diga no texto o que está na imagem e vice-versa. [...] A banda desenhada resulta do equilíbrio entre a palavra e o desenho, sendo que a palavra não tem de estar escrita [...]. Tentamos transmitir mais o conhecimento básico: como é uma cara a rir, como se identifica uma cara a rir [...]. Mostrar-lhes quais são os sinais convencionais que se usam na banda desenhada, nomeadamente na banda desenhada de carácter cómico, como quando uma pessoa está zangada e tem uma nuvem na cabeça com relâmpagos [...]. Isto não é feito de uma forma muito científica, mas de forma mais lúdica” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
	<p>Averiguar sobre atividades orientadas para o desenvolvimento das literacias</p>	<p>“Sim, nomeadamente da literacia visual. [...] a literacia visual é o que nós vemos e o que nós entendemos. Eu posso entender uma coisa e a Joana entender outra, ao ver aquela mesma imagem. E daí que a literacia visual é o que nós podemos entender de uma imagem. Não é o que nós entendemos, é o que a criança vai entender. Mas também temos que dar mecanismos que possam possibilitar às crianças compreenderem a informação que visualizam. Por exemplo, se aquilo é uma flor, não é um cão. Ver a imagem visual e tentar explicar o que é, e é isso que se faz um bocadinho com este tipo de ateliers, não só pela maneira como a personagem poderá estar posicionada ou a abertura da boca (o que nos pode sugerir). E é nesse sentido que a literacia visual está implícita um bocadinho nestes detalhes. Porque, por vezes, as nossas feições também nos dizem muito, e na questão da imagem, se estamos felizes, se estamos tristes, se estamos explosivos, digamos assim. [...] Também explicamos que inicialmente a banda desenhada não é o que existe atualmente (não havia balões, as legendas eram todas colocadas no início da figura ou no fim, que cortava muito nos movimentos da imagem, não havia aqueles chavões dos balões, das reticências, das onomatopeias), isto tudo foi uma evolução, e damos a conhecer um bocadinho da evolução da banda desenhada até aos dias de hoje. . - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“Agora, o que fazemos aqui e sempre fizemos dentro desse universo das leituras e sobretudo não necessariamente para adultos é um trabalho focado exclusivamente em pais e filhos, mas como a literatura infantil tem uma componente de ilustração muito forte, e nós temos um fundo de livro de imagem, é o que usamos mais, pois é mesmo importante para este trabalho que também fazemos nesta construção do filho leitor e do pai leitor. [...] Para dizer que esse trabalho da literacia visual feito a partir da ilustração e de alguma exposição que serve como mote, uma espécie de guião para poder funcionar como elemento para se explorar o trabalho de mediação com os pais e filhos, e 90% ou mais das vezes a questão da literacia da imagem e da leitura dessa imagem é fundamental; e há uma das técnicas do setor infantil está mais vocacionada para a mediação leitora utilizando o livro e o texto, e a outra técnica,</p>

		<p>complementarmente, trabalha mais a imagem. Complementam-se as duas nesse trabalho de mediação.”</p> <p>“ [...] temos essa da divulgação científica (da literacia da ciência) na qual todos os meses temos uma conferência sobre um tema e tem sido uma experiência muito interessante porque têm vindo jovens e pais cujos filhos querem seguir ciência, e temos trazido os nossos melhores cientistas portugueses [...] Na área da literacia da saúde, depois destes tempos de pandemia, ainda não conseguimos retomar as conferências de saúde, temos ido retomando a nossa programação aos poucos. [...]” - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela da Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“Nunca fizemos isso na Bedeteca. [...] Não temos nem capacidade, conhecimento ou sequer pessoas para fazer isso. [...] no fundo é o que fazemos, mas pronto. Sei que a biblioteca tem tido essa preocupação e penso que tem feito esse trabalho mas é uma estrutura com outra capacidade [...]. É diferente do que acontece na bedeteca.” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
	<p>Averiguação do que se entende por literacia visual</p>	<p>“[...] a literacia visual é o que nós vemos e o que nós entendemos. Eu posso entender uma coisa e a Joana entender outra, ao ver aquela mesma imagem. E daí que a literacia visual é o que nós podemos entender de uma imagem.” - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“A literacia visual é a capacidade de olhar para uma expressão que pode ser artística, produzida por alguém e apreciá-la, tentar ler a mensagem, mas também sobretudo compreender o património que levou à construção daquilo, àquela expressão, o que é que aquilo significa para mim, o que significa para os outros, qual é a importância do que estou a ver, de modo a, inclusivamente, problematizar algumas coisas. É às vezes vejo nos museus, por exemplo, as pessoas a olharem para os objetos e para as peças de arte, com os olhos da contemporaneidade, exclusivamente. Ou seja, ter essa atitude de pré conceito relativamente a tudo é, no fundo, ter a capacidade de ir destruindo pré conceitos relativamente às expressões, e isso só é feito se se conhecer não só as linguagens, como perceber o que estou a ver, para além do traço e observar esteticamente. [...] É no fundo enriquecer a pessoa para que possa sair da sua animalidade, e poder compreender os outros deliciando-se a si com aquilo que é possível ver com os nossos olhos.”-Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“Temos que olhar para uma imagem, identificá-la, identificar aquilo que cada parte da imagem quer dizer por si, e a relação que os elementos da imagem têm uns com os outros. [...] Imagino que funcione também ao nível da cor, e no fundo é um bocadinho isso que fazemos, mas o meu conhecimento não é muito maior do que isto.”- Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>

	<p>Averiguar sobre atividades orientadas para o desenvolvimento da literacia visual</p>	<p>“[...] temos que dar mecanismos que possam possibilitar às crianças compreenderem a informação que visualizam. Por exemplo, se aquilo é uma flor, não é um cão. Ver a imagem visual e tentar explicar o que é, e é isso que se faz um bocadinho com este tipo de ateliers, não só pela maneira como a personagem poderá estar posicionada ou a abertura da boca (o que nos pode sugerir). E é nesse sentido que a literacia visual está implícita um bocadinho nestes detalhes. Porque, por vezes, as nossas feições também nos dizem muito, e na questão da imagem, se estamos felizes, se estamos tristes, se estamos explosivos, digamos assim.” - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos (Amadora)</p> <p>“o que fazemos aqui e sempre fizemos dentro desse universo das leituras e sobretudo não necessariamente para adultos é um trabalho focado exclusivamente em pais e filhos, mas como a literatura infantil tem uma componente de ilustração muito forte, e nós temos um fundo de livro de imagem, é o que usamos mais, pois é mesmo importante para este trabalho que também fazemos nesta construção do filho leitor e do pai leitor. [...] Para dizer que esse trabalho da literacia visual feito a partir da ilustração e de alguma exposição que serve como mote, uma espécie de guião para poder funcionar como elemento para se explorar o trabalho de mediação com os pais e filhos, e 90% ou das vezes a questão da literacia da imagem e da leitura dessa imagem é fundamental; e há uma das técnicas do setor infantil está mais vocacionada para a mediação leitora utilizando o livro e o texto, e a outra técnica, complementarmente, trabalha mais a imagem. Complementam-se as duas nesse trabalho de mediação.” - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“Nunca fizemos isso na Bedeteca. [...] Não temos nem capacidade, conhecimento ou sequer pessoas para fazer isso. [...] no fundo é o que fazemos, mas pronto.” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedeteca de Beja</p>
<p>V. Banda desenhada</p>	<p>Identificação de atividades que têm como tema a banda desenhada</p>	<p>“A biblioteca não tem o tema da banda desenhada, apenas a bedeteca tem. Temos ateliês direcionados para a banda desenhada, temos conversas com autores direcionadas para a banda desenhada, temos um Serão às Tiras que é só na Bedeteca. No entanto, na Festa do Livro fazemos sempre atividades que englobem também a banda desenhada (têm a biblioteca como pano de fundo, mas há atividades mais específicas da banda desenhada), como os ateliers e as conversas.”</p> <p>“Procuramos dar-lhes a conhecer o que é a banda desenhada, porque a banda desenhada é outra forma de aprender não só a leitura, como a imagem (a leitura da imagem). Fazemos um atelier que tem a ver com a História de Portugal, e é baseado num autor de banda desenhada, o Artur Correia, que já faleceu, e tem a ver com a maneira como ele personaliza as suas personagens, pela maneira humorística como dá a entender todo o percurso da História de Portugal, e é nesse sentido que nós fazemos o atelier. Chama-se os Super-Heróis da História de Portugal. “Ver a imagem visual e tentar explicar o que é, e é isso que se faz um bocadinho com este tipo de ateliers, não só pela maneira como a personagem poderá estar posicionada ou a abertura da boca (o que nos pode sugerir). [...] Também explicamos que inicialmente a banda desenhada não é o que existe atualmente (não havia balões, as legendas eram todas colocadas no início da figura ou no fim, que cortava muito nos movimentos da imagem, não havia aqueles chavões dos balões, das reticências, das onomatopeias), isto tudo foi uma evolução, e damos a conhecer um bocadinho da evolução da banda desenhada até aos dias de hoje.” - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal da Amadora</p> <p>“Não, aqui na biblioteca não. Existe a bedeteca e, portanto, o trabalho de continuidade é feito por eles.” - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“E quando eu estava a falar de termos muitos ateliers, tínhamos, e temos, o Atelier de Banda Desenhada, o Atelier de Ilustração, o Atelier de Ilustração Científica, o</p>

		<p>Atelier de Desenho, enfim[...] Mantivemos desde 2005 até agora o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja por onde têm passado os autores mais importantes do mundo [...].Nós temos falado do festival de Beja um bocadinho por toda a europa, a convite da organização de vários eventos na Dinamarca, França, Espanha, Polónia, Bélgica, um bocadinho por todo o lado. É importante também para divulgar a nossa cidade, o trabalho dos autores e temos, inclusivamente, feito muitas exposições de autores de Beja, em Portugal, por todo o país e também no estrangeiro. Uma coisa muito importante que ainda não referi, é que nós dentro deste leque de ofertas, se calhar umas das coisas mais importantes que fazemos é publicar os autores, falo dos autores de Beja, mas as nossas publicações não estão fechadas aos mesmos, não pedimos o BI para ver o local de nascimento. [...] Temos autores de todo o país e também do estrangeiro, mas o nosso objetivo é realmente promover a criatividade a nível local e temos conseguido ser. O Venham mais 5 é um fanzine, e é a publicação mais premiada de sempre da história da banda desenhada portuguesa, e temos também a coleção Toupeira que publica em nome do atelier, chama-se Toupeira Atelier de Banda Desenhada. A coleção Toupeira publica autores emergentes a nível nacional e depois temos mais algumas edições pontuais. Isto é muito importante porque é a única maneira de dar a conhecer os autores: ou expô-los ou publicá-los e tentar que essas publicações depois sejam bem distribuídas.”</p> <p>“Comecei logo a fazer um atelier para idades à volta dos 7 anos até aos 12/13 anos. Depois, dos 13 para cima, portanto era um atelier em que, na altura, os jovens tinham 17/18/19 anos. Acho que a pessoa mais jovem de momento tem 17 anos, e o mais velho tem 58. [...] Nós fazemos ateliers nas escolas, já fizemos muitos em infantários também.. Das crianças do infantário aos idosos dos lares fizemos muitas bandas desenhadas, coisas espetaculares. [...] Temos feito também alguns ateliers na prisão, que resultaram em histórias de banda desenhada bem difíceis, mas isso também demonstra que a banda desenhada espelha a vida das pessoas.” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedoteca de Beja</p>
	<p>Averiguação da definição de banda desenhada</p>	<p>“A banda desenhada, como a maioria das pessoas diz, é a história contada em quadradinhos, não falando na expressão brasileira, mas refiro-me mesmo aos quadradinhos que compõem a banda desenhada, que possam ser, ou não, acompanhados por texto ou legenda, sendo a própria imagem que fala por si.</p> <p>A banda desenhada é outra forma de comunicação, mais lúdica, por vezes mais apelativa, que tem o mesmo intuito de nos dar conhecimento.” - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal da Amadora</p> <p>“É contar uma história pensando sempre como a contar como se fosse um filme, - também não posso dizer que não tem movimento, mas vá - sem movimento, mas é um filme. [...] É uma história. É um conjunto de imagens. Pensando sempre em tornar físico, contar uma história sempre pensando em como torná-la física de modo que as pessoas vejam o que quero dizer. - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca de Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“É uma maneira de contar uma história através de imagens em sequência. Uma história, um acontecimento, transmitir uma emoção, sempre através de imagens em sequência - a sequência é fundamental. Podem ser só duas imagens, mas têm de estar em sequência, senão já é apenas ilustração ou desenho. Aliás, a própria etimologia da palavra significa isso: banda vem do inglês “strip”, que significa “tira desenhada”. Portanto, uma sequência de desenhos que de alguma forma se encaixam uns nos outros, e que entre um desenho e outro podem simular um movimento, mas são imagens paradas, claro, depois o leitor faz a relação entre ambos. O leitor tem um papel importante na leitura da banda desenhada, pois é ele que relaciona as vinhetas umas com as outras. [...] Com a sua imaginação. Claro que é o desenhador que propõe a ligação, mas é o leitor que a faz.” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedoteca de Beja</p>
<p>VI. Biblioteca Pública/ Bedoteca</p>	<p>Identificação da importância das Bibliotecas</p>	<p>“a biblioteca escolar não tem este volume de álbuns que nós temos, daí que seja uma biblioteca escolar e não uma Bedoteca, e sempre que vêm cá turmas incentivamos e mostramos tudo o que se pode fazer com a banda desenhada. As visitas guiadas que temos não são só à biblioteca, são também ao espaço da bedoteca e damos ênfase ao</p>

<p>Vs Biblioteca Escolar</p>	<p>Públicas/Bedetecas.</p>	<p>que se pode fazer a partir da banda desenhada, porque no ensino, nas bibliotecas escolares, nomeadamente no primeiro ciclo, o que se dá de banda desenhada é um capítulo, e isso é muito pouco, só se a pessoa tiver algum interesse, ou pais que os tragam para este tipo de sítios, ou têm eles próprios banda desenhada, porque senão passa-lhes um bocadinho ao lado o que é uma banda desenhada. Muitas das vezes, e falo por experiência, a banda desenhada não foi falada na escola, o que quer dizer que nós aqui temos um papel fundamental que é trazer outra realidade, não só do texto, onde temos a informação e o nosso conhecimento, mas na parte da bedeteca nós podemos também de uma forma lúdica (e aqui também entra a literacia visual) dar essa informação e transmitir conhecimento. E é de outra maneira que se ensina. Não quero com isto dizer que seja só o ensino da leitura, como referi anteriormente, o que nós também pretendemos com o nosso atelier é o ensino da História de Portugal. Não é a leitura em si, mas sim conhecer, ensinar a História de Portugal de outra maneira. Nós complementamos muito as bibliotecas escolares. “ - Dra. Cândida Silva, Biblioteca Municipal da Amadora</p> <p>“O trabalho que nós fazemos, por exemplo, junto das escolas do 1º Ciclo, quando começámos a fazer as reuniões com os professores, e nós já sabíamos que íamos encontrar isso, houve ali a ideia pré-concebida de que nós, para aqueles que não nos conheciam, nem ao trabalho que fazemos, íamos incidir por um lado sobre literatura que faz parte do programa – o que não fazemos - e, por outro lado que íamos fazer uma abordagem muito semelhante à que eles fazem dos textos literários, e portanto em relação à questão da abordagem ser semelhante, não nos foi colocada esta questão. Mas questionaram se íamos incidir sobre os livros obrigatórios do PNL, [...] porque achavam que podiam dividir o trabalho e não é isso que fazemos. A literatura que abrangemos é a que for de inspiração para aquilo que se quer fazer, e não vamos pôr de lado um livro porque não pertence ao PNL. Por outro lado, o que fazemos, é um trabalho de mediação leitora, de sensibilização para o prazer da leitura, para a descoberta da leitura, e muito ligado à oralidade, que é também uma questão que nos é muito cara. [...] Nesta nossa visão das leituras do mundo, quando fazemos um trabalho, quer com pais e filhos, de continuidade, quer com os grupos escolares, estão envolvidas coisas como: competências de leitura, as questões da literacia visual, as questões da oralidade - do brincar com a forma como se diz as palavras, e inclusivamente através desses jogos, melhorar a expressão da oralidade -, a expressão corporal [...] porque isso tudo está envolvido na experiência de ler, portanto não conseguimos distinguir. [...] Claro que implica que o professor faça todo o outro trabalho de treino, da leitura, da interpretação do texto. E é esse trabalho integrado do ser humano que não se pode separar, pelo menos nós não conseguimos. A forma como olhamos, como tocamos, como nos exprimimos e conseguimos falar do que estamos a ler, ou conseguir ler para os outros, ou o nosso próprio corpo naquele espaço [...]. É uma questão muito global, exclusivamente ligada a uma competência. Por isso o nosso trabalho é mesmo complementar.” - Dra. Paula Santos, Bibliotecária Responsável pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago</p> <p>“Acrescenta desde logo pelo contexto, por ser um sítio diferente que respira realmente banda desenhada. E depois porque as pessoas quando vão à Bedeteca normalmente encontram sempre autores, e isto para os mais jovens e crianças é uma coisa mágica. Para os adultos não será tão importante. [...] É uma sensação que nenhuma biblioteca escolar pode dar. [...] Há uma sala cheia de livros de banda desenhada, com caixas de luz, estiradores, é um sítio mágico que apela muito à criatividade, como dificilmente as bibliotecas escolares fazem. Não é só essa a sua função, têm milhares de funções, não é apenas essa. Depois é também a sensação, nós temos sempre livros disponíveis, folhas, lápis, é a sensação de que os miúdos podem chegar ali e fazerem o que lhes apetece, literalmente. Depois é também uma sensação interessante, porque quando estão ali sabem que há mais uma série de gente, e muitos adultos que continuam a fazer aquele trabalho que eles estão a fazer ali, portanto não têm a sensação de que estão só a fazer um trabalho, têm a sensação de que aquele trabalho que estão a fazer, vão poder fazê-lo sempre, mesmo quando forem adultos, e isso também é um acrescento importante para quem aparece ali e tem 7/8/9/10 anos, nós apercebemo-nos disso muito bem. Então os que adoram desenhar e adoram banda desenhada, ficam completamente vidrados na Bedeteca, é uma coisa mágica, um mundo mágico. É uma coisa muito engraçada para quem gosta de desenhar, a pessoa sente-se ali bem, é como se o seu trabalho contasse, e ali conta [...], ali é mesmo importante. [...] Se calhar parece pouco, mas isso acaba por cativar os miúdos e ser importantes para eles. [...] E vejo isso porque faço o atelier há muitos anos [...], o atelier surgiu há 25 anos, mesmo este para os mais miúdos e</p>
------------------------------	-----------------------------------	---

		<p>continuam a aparecer homens e mulheres [...] que ainda se lembram de quando andavam ali a aprender banda desenhada em miúdos, [...] muitos ficaram [...]. Muitos ainda se lembram do tempo em que tinham 9/10/11/anos e lembram-se de andar ali no atelier. [...] Portanto, aquilo ficou lá numa parte da memória e isso acaba por ter piada. [...] Alguns ficaram a trabalhar ali, como acontece hoje, com uma boa parte do Toupeira - começámos todos em 96, se calhar uns 4/5 ou 6 ainda são dessa altura. Se não existisse o atelier não sei o que teria acontecido [...] mas o mais normal era ter acontecido o que acontece na maior parte dos casos, as pessoas acabam por desanimar um bocadinho, como estão sozinhas vão desenhando menos, guardando na gaveta, até que um belo dia deixam de desenhar, e a nossa ideia é contrariar completamente isso. [...] Nós ali sentimos que fazemos parte de um todo, nenhum de nós está sozinho e todos contamos para que aquilo funcione, somos todos importantes, isso é uma coisa mesmo boa.” - Dr. Paulo Monteiro, Diretor da Bedoteca de Beja</p>
--	--	---

